STRINDBERG

SENHORITA JÚLIA

DRAMA NATURALISTA EM UM ATO

Tradução de:

KNUT BERNSTRÖM e MÁRIO DA SILVA

O PAI

TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS

Tradução de:

BIRGITTA LAGERBLAD DE OLIVEIRA

civilização
brasileira

Títulos dos originais em sueco, dos quais foram traduzidos:

FRÖKEN JULIE E FADREN,

publicados pela Albert Bonniers, Bokförlag, Stockholm

Desenho de capa:

MARTA NOVO

Diagramação:

LÉA CAULLIRAUX

Nota: Nenhuma representação ou leitura, total ou parcial destas traduções poderá ser feita em teatro profissional ou amador, rádio, televisão, cinema, gravação em disco ou fita magnética ou qualquer outra modalidade de divulgação, sem autorização *prévia e expressa* dos tradutores, que poderá ser pedida através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Av. Almirante Barroso, 97, 3.º andar, Rio de Janeiro).

Direitos desta edição reservados à
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua 7 de Setembro, 97
RIO DE JANEIRO

1970

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

ÍNDICE

Senhorita Júlia

Introdução do autor 1

Texto da Peça 17

O Pai 99

PREFÁCIO DO AUTOR (*)

(*) Strindberg escreveu éste prefácio em 1888.

O TEATRO, assim como a arte em geral, parece-me, desde muito, uma *Biblia pauperum*, uma Bíblia em vinhetas para os que não sabem ler. Anàlogamente, vejo o dramaturgo como um pregador no estilo popular, vendendo pelas ruas as idéias da sua época numa forma que permite à classe média, que constitui a maioria do público, compreender do que se trata, sem precisar quebrar a cabeça. Por êsse motivo, o teatro sempre foi uma escola primária para os jovens, as pessoas de escassa educação e as mulheres que ainda possuem a capacidade inferior de se enganarem a si mesmas e se deixarem enganar pelos outros, isto é, sensíveis à ilusão e às sugestões que o autor lhes transmite. Daí não julgar eu de todo improvável que, em nossos dias, quando o processo rudimentar e imaturo que atua por meio da imaginação individual parece transformar-se em reflexão, pesquisa e análise, esteja o teatro, do mesmo modo que a religião, às vésperas de ser pôsto de lado, como uma forma de arte obsoleta, para cuja apreciação nos faltam as condi-

ções necessárias. Esta suposição é abonada pela grave crise que atravessam os teatros da Europa e, mais ainda, pelo fato de que, nos países que produziram os maiores pensadores do nosso século, a Inglaterra e a Alemanha, o teatro, como quase tôdas as belas-artes, está morto.

É certo que alguns países tentaram criar um nôvo drama, deitando nos velhos moldes um conteúdo nôvo, mais atual. Não só, no entanto, não houve o tempo necessário para essas novas idéias se popularizarem, chegando ao alcance do público, mas, ainda, a polêmica que empolgou os espíritos tornou impossível uma apreciação pura e desinteressada da nova tendência da parte dos que sentem seus sentimentos e convicções mais arraigados contrariados ou esmagados pela ruidosa tirania dos aplausos ou vaias da maioria do público. Do mesmo modo, não tendo sido inventada nenhuma forma moderna para o nôvo conteúdo, o vinho nôvo fêz rebentar as velhas pipas.

Nesta peça eu não tentei fazer nada de nôvo, já que isto seria impossível, mas procurei tão-sòmente modernizar a forma, para corresponder às exigências que os homens de hoje, penso, podem ter a respeito desta arte. Para tal fim escolhi — ou me deixei seduzir por êle — um tema que pode dizer-se alheio às polêmicas de hoje, já que a preocupação com a ascensão ou decadência social, com o superior e o inferior, com o bom e com o mau, com o homem e a mulher, é, foi e será sempre de interêsse atual.

Quando escolhi o tema (tirado de uma história real, que me contaram há alguns anos e que deixou em mim profunda impressão), vi nêle o argumento de uma tragédia, pois é trágico, sem dúvida, ver uma pessoa favorecida pela sorte sucumbir e, mais trágico ainda, assistir ao extinguir-se de uma família; muito embora possa chegar o dia em que estaremos tão progredidos e esclarecidos que conseguiremos contemplar com indiferença o espetáculo da vida, êsse espetáculo que, agora, nos parece brutal, cínico, impiedoso. Talvez, então, nos seja possível prescindir dêsses instrumentos inferiores e indignos de confiança; chamados sentimentos, que se tornam supérfluos e perigosos à medida que nosso pensamento evolui. O fato de minha heroína inspirar compaixão deve-se ùnicamente à nossa fraqueza: não podemos resistir ao mêdo de que, algum dia, nos esteja reservada a mesma sorte. É possível que o espectador ultrasensível vá ainda além dêsse sentimento de compaixão e talvez o idealista, que crê no futuro, exija a indicação de algum modo de remediar o mal ou, noutras palavras, um programa. Mas, antes de mais nada, não creio que exista o mal absoluto: o ruir de uma família representa, para outra, a possibilidade de subir, ou seja, um bem. E o suceder-se de ascensões e decadências é um dos principais encantos da vida, já que a felicidade consiste na comparação. E ao homem que pretende um programa para remediar o doloroso fato de que a ave de rapina devora a pomba e de que o piolho devora a ave de rapina, eu pergunto: por que se deveria dar remédio a isso? A vida não é tão matemàticamente idiota que só permita ao grande comer o pequeno; também acontece uma abelha matar um leão ou, ao menos, fazê-lo enlouquecer.

Se minha tragédia deprime o público, a culpa é do próprio público. No dia em que nos tornarmos tão fortes quanto os primeiros homens da Revolução Francesa, assistiremos, nos parques públicos, à derrubada das árvores velhas e podres, que durante tanto tempo estorvaram o crescimento de outras, que tinham êsse mesmo direito, com alívio igual àquele com que presenciamos a morte de um doente incurável.

Recentemente, minha tragédia *O Pai* foi criticada por ser demasiado triste — como se alguém quisesse tragédias alegres. Tôda a gente clama pela alegria de viver e os empresários teatrais pedem, o tempo todo, farsas, como se a alegria de viver consistisse em ser ridículo, em pintar os sêres humanos como se sofressem da dança de São Vito ou de imbecilidade crônica. Pelo que me diz respeito, encontro a alegria de viver nas lutas rudes e cruéis da existência, no prazer que sinto em aprender, em ampliar os meus conhecimentos das coisas. Por isso, escolhi para a presente peça um caso fora do comum, mas instrutivo — uma exceção, numa palavra, mas uma

grande exceção que confirma a regra. Isto, sem dúvida, incomodará todos os amantes do lugar-comum. Também ferirá os melindres dos simplórios o fato de que minha elaboração do argumento não é simples, não se limita a um único ponto de vista. Na vida real, uma ação — e isso é descoberta recente — tem geralmente como causa uma série de motivos mais ou menos profundos, mas o espectador, amiúde, escolhe sòmente um dêles: aquêle que a sua mente pode apreender com maior facilidade ou, então, o que mais valoriza a sua inteligência. Houve um suicídio. "Negócios mal-sucedidos", diz o burguês, "amor não correspondido", diz a mulher, "doença", diz o doente, "esperanças frustradas", diz o desesperançado. Contudo, é bem possível que o motivo se ache em tôdas ou não se ache em nenhuma dessas explicações e, mesmo, que o finado ocultasse o verdadeiro motivo, dando a conhecer outro mais favorável à sua memória. Eu vejo o trágico destino da senhorita Júlia como o resultado de um conjunto de circunstâncias: o temperamento de sua mãe, a educação errada que lhe deu o pai, a sua própria índole e a influência exercida pelo homem na sua mente fraca e degenerada. Além disso e mais diretamente, a atmosfera da noite de São João, a ausência do pai, a sua própria condição física, o seu lidar com os animais, a excitação provocada pela dança, o fascínio do prolongado crepúsculo da noite de verão, a influência afrodisíaca das flôres e, por fim, o acaso que faz os dois ficarem a sós num quarto apartado e, mais, o atrevimento do homem excitado.

Como se vê, o desenvolvimento que dei ao tema não é exclusivamente fisiológico nem unilateralmente psicológico. Não culpo sòmente a herança materna nem o estado físico da môça e nem a sua "imoralidade". E nem me cinjo a pregar sermões moralistas: na falta de um padre, deixei essa tarefa à cozinheira. Felicito-me pela complexidade dos motivos, que, a meu ver, é característica do nosso tempo. E, se outros já fizeram o mesmo antes de mim, felicito-me por não me achar sòzinho nos meus "paradoxos", como deram para chamar tôdas as inovações.

Quanto à construção das minhas personagens, eu as fiz, de certo modo, sem características, pelos motivos que vou expor. Através dos tempos, a palavra "caráter" assumiu multíplices sentidos. Originàriamente, deve ter significado o traço predominante no conjunto do que há de mais íntimo em nosso ser; e isso foi confundido com "temperamento". Mais tarde, transformou-se em têrmo burguês, utilizado para indicar um autômato, ou seja, um indivíduo cuja natureza se houvesse imobilizado, adaptando-se a determinado papel na vida. De uma pessoa que, destarte, parou em seu crescimento espiritual, dizia-se que tinha "caráter", enquanto aquela que continua evoluindo — o hábil navegador do rio da vida, que não veleja com as amarras prêsas, mas bordeja conforme o vento para, mais tarde, retomar o rumo — era tachada de "falta de caráter"; o têrmo pejorativo lhe era aplicado por não se deixar ela classificar, por escapar a tôda a tentativa de definição. Êsse conceito burguês da "imobilidade da alma" transferiu-se para o teatro, receptáculo tradicional do que é burguês. Um "caráter" passou, então, a significar um ser humano acabado, que, invariàvelmente, aparecia bêbedo ou espirituoso ou melancólico e cuja caracterização exigia apenas um defeito físico (um pé aleijado, uma perna de pau, um nariz côr de berinjela) e a repetição constante de frases como "Que maravilha!" e outros "cacos" do gênero.

Essa maneira simplória de considerar os sêres humanos sobrevive até no grande Molière. Harpagon não passa de um avarento, muito embora pudesse ser não sòmente isso, mas, ainda, um financista de primeira ordem, um pai extremoso ou um bom cidadão. E, o que é pior, o seu "defeito" constitui evidente vantagem para o futuro genro e a filha, seus herdeiros, que, portanto, não deveriam criticá-lo, mesmo vendo-se obrigados a esperar mais um pouco para se casarem. Não acredito, pois, em personagens teatrais simples; e o juízo extremamente sumário dos autores — "Êste homem é estúpido, aquêle, brutal, êste, ciumento, aquêle, sovina" — deveria ser contestado pelos naturalistas, que conhecem sobejamente a complexa riqueza da alma e sabem muito

bem que o outro rosto do vício é muito parecido com a virtude.

Por isso que minhas personagens são modernas e vivem num período de transição, mais febrilmente histérico que o precedente, eu as fiz indecisas, em processo de desintegração, mistura de velho e nôvo. E não me parece absolutamente inverossímil que, através dos jornais e das conversações, as idéias modernas possam ter-se infiltrado até o nível de um criado.

As minhas personagens são conglomerados de fases da civilização, passadas e presentes, trechos de livros e jornais, fragmentos de humanidade, trapos e farrapos de roupas finas costurados uns com os outros, tal como acontece com a alma humana. E as coloquei num contexto psicossocial, fazendo a mais fraca roubar e repetir palavras da mais forte e cada uma delas receber idéias ou sugestões da outra.

A senhorita Júlia é uma personagem moderna, não no sentido de que a meia-mulher, a mulher que odeia o homem não existisse sempre, mas no de que, agora, descoberta, veio à tona e começou a causar rebuliço. A meia-mulher, hoje em dia, abre caminho na vida vendendo-se, não por dinheiro, como antigamente, mas por posições sociais, poder, condecorações, distinções e diplomas. O tipo implica degeneração. Não é uma espécie sadia, não é resistente, mas, infelizmente, reproduz-se, transmitindo sua miséria a uma segunda geração. Parece, também, que certos homens degenerados escolhem suas companheiras, como por instinto, entre essas mulheres, criando filhas de sexo pouco marcado, para as quais a vida é um suplício mas que, por sorte, acabam destruindo-se, seja porque não conseguem enfrentar a realidade, seja porque seus instintos reprimidos rompem os diques, seja, ainda, porque se frustram suas esperanças de alcançar o homem. O tipo é trágico e revela uma luta desesperada contra a natureza; trágico, também, como herança do Romantismo, agora dissipada pelo Naturalismo, que admite sòmente a conquista da felicidade. E, para a conquista da felicidade, são necessárias espécies fortes e sadias.

A senhorita Júlia é, também, um remanescente da velha aristocracia guerreira, que hoje vai cedendo o lugar à do cérebro e dos nervos. É vítima da discórdia que o "crime" de uma mãe produziu numa família, é vítima, ainda, de uma época, das circunstâncias, da sua própria constituição deficiente, motivos, êsses, equivalentes, em seu conjunto, ao Destino ou à Lei Universal da antiguidade.

O Naturalismo, ao suprimir Deus, aboliu também a idéia de culpa, mas as conseqüências dos nossos atos — o castigo, a prisão ou o mêdo disso — não pôde aboli-las, pelo simples motivo de que essas conseqüências subsistem, quer nos absolvam, quer não. É que a parte lesada não é tão complacente como o pode ser, e a baixo preço, aquela que não está envolvida. Mesmo que o pai desistisse da vingança, a filha se vingaria em si mesma, como faz na peça, por êsse "sentimento de honra", inato ou adquirido, que a classe superior herdou. Herdou de quem? Da barbárie? Do berço da raça ária? Da cavalaria da Idade Média? Sabe-se lá. É um belo sentimento, mas, hoje em dia, prejudicial à preservação da espécie. É o haraquiri do nobre, a lei da consciência interior que impele o japonês a rasgar seu ventre quando foi ofendido, lei que sobrevive, modificada, no duelo, privilégio da nobreza. E, assim, o mordomo Jean continua vivendo, enquanto a senhorita Júlia não pode viver sem honra. Em todos nós, árias, há qualquer coisa de nobre e de Dom Quixote, que nos leva a simpatizar com o homem que se suicida por ter praticado um ato indigno e, assim, perdido a honra. E somos, também, bastante nobres para sofrer ante o espetáculo da grandeza decaída, transformada em cadáver desprezado, e sofreríamos igualmente se essa grandeza decaída pudesse redimir-se mediante atos honrosos.

Jean, o mordomo, é um criador de espécie, um homem que se diferencia dos demais. Filho de um camponês, foi-se educando para ser um *gentleman* e não teve dificuldades em instruir-se, ajudado por seus sentidos bem desenvolvidos (olfato, paladar, vista), além de que por um instinto natural do belo. Começou a elevar-se na escala social e conserva fôrça bastante para se

aproveitar, sem escrúpulos, dos outros. Já estranho para os da sua própria classe, êle os despreza como parte de uma fase da vida que deixou para trás, se bem que os tema e os evite, sabendo que conhecem os seus segredos, espreitam seus planos, observam com inveja sua subida e aguardam ansiosamente sua queda. Daí seu caráter ambíguo, indeterminado, hesitando entre a atração que exercem sôbre êle as posições elevadas e o ódio que sente pelos que já as alcançaram. Êle próprio se considera um aristocrata, porque aprendeu os segredos da alta sociedade. É cortês superficialmente, mas, no fundo, grosseiro. Sabe envergar convenientemente a casaca, mas não dá nenhuma garantia do seu asseio pessoal. A jovem condêssa impõe-lhe certo respeito, mas teme Cristina, que conhece seus ousados e secretos propósitos. É, também, suficientemente insensível para não permitir que os acontecimentos daquela noite estorvem seus planos para o futuro. Com a brutalidade do escravo e a falta de compaixão do poderoso, pode ver sangue sem desmaiar e não se detém diante de desgraças e de contingências adversas. Assim, sairá da batalha incólume e é bem possível que termine seus dias como dono de hotel. Se não chegar a ser conde romeno, seu filho, provàvelmente, cursará a Universidade e, com o tempo, poderá ser funcionário público. De outro lado, êle nos revela de que modo as classes inferiores vêem a vida, como é a vida vista de baixo — isto, é claro, quando fala a verdade, o que não é muito freqüente, pois prefere dizer o que lhe traz mais vantagens. Quando a senhorita Júlia lembra que as classes inferiores, provàvelmente, se sentem oprimidas pelos de cima, Jean, naturalmente, concorda com ela, pois tenciona conquistar sua simpatia. Porém, mais adiante, quando se dá conta de que lhe convém colocar-se fora do rebanho, modifica suas palavras. A superioridade de Jean em relação à senhorita Júlia não consiste sòmente em que êle está "subindo na vida", mas, também, em que é um homem. Sexualmente, o aristocrata é êle, por sua virilidade, seus sentidos mais desenvolvidos e sua capacidade de iniciativa. Sua inferioridade deve-se, principalmente, ao ambiente social em

que provisòriamente vive e do qual é provável que só possa libertar-se largando a libré de criado. Sua mentalidade de escravo manifesta-se no profundo respeito que tem pelo conde (as botas) e na sua superstição religiosa. Êsse respeito, contudo, é mais inspirado pela posição que o conde ocupa, e que êle ambiciona, e subsiste mesmo depois que êle conquistou a filha do patrão e verificou quão vazia era aquela beleza.

Não creio que um elo amoroso, no mais alto sentido da palavra, possa existir entre pessoas de sensibilidade tão diferente. Por isso, fiz a senhorita Júlia imaginar que está apaixonada, para justificar seu modo de agir e apagar a mancha da sua transgressão, e fiz Jean supor que, fôsse outra a sua posição social, êle poderia amá-la de verdade. Vejo o amor como o jacinto, que precisa deitar raízes na escuridão, antes de poder desabrochar em flor viçosa. Em nosso caso, cresce êle abruptamente, lançando logo flor e semente e, por isso, a planta murcha e morre tão depressa.

Cristina, por fim, é uma escrava, servil e obtusa (de tanto ficar junto do fogão), saturada de moralidade e máximas religiosas, que lhe servem de capa para a sua própria imoralidade e de bode expiatório. Vai à igreja para descarregar sôbre o Senhor, sem outras complicações, seus pequenos furtos domésticos e renovar sua provisão de inocência. Por outro lado, é personagem secundária e desenhada intencionalmente de modo vago, tal como o fiz no caso do pastor e do médico em *O Pai*, já que meu propósito era criar tipos de sêres humanos comuns (como são, geralmente, os pastôres de aldeias e os médicos de zonas rurais). Se essas personagens secundárias pareceram, a certas pessoas, um tanto abstratas, é porque os tipos comuns são, de certo modo, abstratos no exercício de sua profissão, isto é, não independentes, mostrando sòmente um aspecto de sua personalidade; e, na medida em que o espectador não sente nenhuma necessidade de ver os outros aspectos, penso que minha caracterização abstrata é perfeitamente correta.

No que diz respeito ao diálogo, rompi, de certa maneira, com a tradição, ao evitar que minhas personagens façam perguntas tôlas para dar ocasião a respostas inteligentes ou espirituosas. Evitei a construção do diálogo do teatro francês, com sua simetria matemática e, em vez disso, deixei os cérebros trabalharem irregularmente, tal como se verifica na realidade, onde nenhum tema se esgota no mecanismo de uma conversação, mas, ao contrário, as rodas dentadas vão engrenando uma na outra, fazendo que de um tema se pule para outro. Assim, o diálogo divaga, acumulando, nas primeiras cenas, materiais, que, mais adiante, são elaborados, retomados, repetidos, desenvolvidos, aumentados, como um tema numa composição musical.

O enrêdo é bastante plausível e já que nêle estão envolvidas, na realidade, sòmente duas personagens, a estas me limitei, acrescentando-lhes apenas uma personagem secundária, a cozinheira, e fazendo o espírito do infeliz pai pairar acima de tudo. Procedi assim por pensar que o que mais nos interessa, como homens modernos, é o desenvolvimento psicológico e que não nos satisfaz ver que alguma coisa acontece, se não nos mostram como acontece. Queremos é enxergar os fios, o mecanismo, examinar o fundo duplo, apalpar o aro mágico para descobrir o ponto de junção, inspecionar as cartas para ver de que modo estão marcadas. Nisso, tive como modêlo as novelas monográficas dos irmãos Goncourt, que são as que mais me agradam dentre tôda a literatura do nosso tempo.

Quanto à parte técnica da peça, suprimi, a título de experiência, a divisão em atos, para evitar que a capacidade de ilusão do espectador seja distraída pelos intervalos, durante os quais há tempo para refletir, e subtraída à influência do autor-hipnotizador. A peça deve durar cêrca de hora e meia e imagino que, se é possível suportar-se uma conferência, um sermão ou uma sessão do Congresso de duração igual ou maior, uma obra teatral de noventa minutos não deveria cansar ninguém. Já em 1872, eu havia introduzido, se bem que com pouco sucesso, essa forma concentrada numa das minhas pri-

meiras tentativas dramáticas, *O Proscrito*. A peça, em cinco anos, já estava terminada, quando me dei conta do efeito descosido e desconcertante que produzia; queimei-a e das suas cinzas nasceu um único e longo ato, de cinqüenta páginas impressas, que durava uma hora, na representação. Assim, a forma de *A Senhorita Júlia* não será inteiramente nova, mas parece constituir inovação minha e quem sabe se, com a mudança do gôsto do público, ela não tenha para si o futuro. Seria desejável, na minha opinião, que o público, algum dia, estivesse suficientemente educado para aceitar uma peça num só ato que dure o tempo de um espetáculo inteiro; mas, para isso, cumpre, antes de tudo, realizar certas tentativas experimentais. Para dar descanso ao público e aos atôres, sem quebrar a ilusão do espetáculo, introduzi na peça três formas artísticas, que integram o drama, o monólogo, a pantomima e o bailado, tôdas derivadas da tragédia antiga, com a transformação da monodia em monólogo e do côro em bailado.

O monólogo, atualmente, acha-se condenado, pelos nossos realistas, como inverossímil; mas, se há justificação suficiente, pode-se fazê-lo parecer verossímil e, aí, utilizá-lo vantajosamente. É de todo verossímil, por exemplo, que um orador, sòzinho em casa, repasse o discurso que vai pronunciar, que um ator ensaie seu papel em voz alta, que uma criada fale com um gato, que uma mãe tagarele com seu filhinho, que uma velha solteirona fique palrando com seu papagaio, que uma pessoa adormecida fale em sonho. E, para dar, ao menos uma vez, ao ator a oportunidade de trabalhar por sua própria conta, livre da interferência do autor, o melhor é que os monólogos não estejam concluídos, mas, simplesmente, esboçados. Porque não é muito importante o que se possa dizer em sonho, ao gato ou ao papagaio, já que isso não exerce a menor influência na ação; enquanto que, de outro lado, um ator inteligente, que está em cena, possìvelmente improvise melhor que o escritor, o qual não pode calcular de antemão quanto e durante quanto tempo se poderá falar sem tirar o público da ilusão em que mergulha.

O teatro italiano, como se sabe, voltou, em alguns casos, à improvisação, criando, assim, atôres-autores, mas sempre dentro da linha estabelecida pelo autor; e isto talvez constitua um progresso ou, mesmo, uma nova forma de arte que pode chamar-se legìtimamente criadora.

Onde o monólogo, ao contrário, seria inverossímil, utilizei a pantomima, dando ainda maior liberdade ao ator para mostrar o que sabe inventar e conquistar louros individuais. Contudo, para não exigir demais do público, deixei que a música, já justificada pelo baile da noite de São João, exerça seu poder de sugestão durante a cena muda; e peço ao encenador todo o cuidado na escolha das obras musicais, para que o ambiente não seja desvirtuado com reminiscências de operetas ou músicas de dança moderna ou com temas populares de tipo etnográfico demasiado pronunciado.

O bailado que introduzi não poderia ser substituído por uma das chamadas cenas de multidão. Tais cenas são, geralmente, muito mal representadas e movimentam uma porção de gente a fazer caretas com o fito de chamar a atenção sôbre si — outra oportunidade para desmanchar a ilusão. Já que os camponeses não costumam improvisar, nas canções, suas ironias e motejos, mas usam material preexistente (o qual, amiúde, tem duplo sentido), eu não compus suas alusões indecentes, mas escolhi uma canção de roda pouco conhecida, que ouvi casualmente nas cercanias de Estocolmo e transcrevi. As palavras aplicam-se à ação da peça sòmente até certo ponto e não inteiramente; mas foi essa, justamente, minha intenção — pois a esperteza e a perfídia levam o escravo a evitar o ataque direto. Assim, não deve haver chocarrices de bufões, num drama sério como êste, nem nenhuma exibição de momices grosseiras, numa situação que prega definitivamente a tampa no ataúde de uma família.

No que concerne ao cenário, fui buscar na pintura impressionista sua assimetria e sua economia de meios. Creio, destarte, ter obtido maior ilusão, já que, não apresentando êle ao espectador o interior todo com seu

mobiliário completo, oferece-lhe a oportunidade de adivinhá-lo: a imaginação do público, noutras palavras, entra a trabalhar e o complementa. Com isso se conseguiu, também, evitar as cansativas entradas e saídas pelas portas que, no teatro, costumam ser feitas de pano, oscilam ao mais leve contato e não podem, sequer, usar-se para marcar a ira de um pai de família, que, depois de um péssimo jantar, sai batendo a porta, "que ecoa pela casa tôda". No teatro, a "casa tôda", que é de pano, fica é balançando de um lado para o outro. Do mesmo modo, recorri a um cenário único, seja para fazer as personagens fundirem-se com o ambiente, seja para pôr um paradeiro ao hábito do luxo nas montagens. Quando se tem um cenário só, pode-se exigir que êle seja verossímil. Sem dúvida, nada é tão difícil como conseguir-se que uma habitação se pareça com uma habitação, muito embora não seja impossível apresentar em cena vulcões em erupção ou quedas dágua de maneira que pareçam reais. Mesmo que as paredes continuem sendo de pano, é tempo de se acabar com as prateleiras e os utensílios de cozinha pintados nelas. Já há tantas coisas convencionais, no palco, que precisamos aceitar que deveriam nos poupar o esfôrço de acreditar em panelas pintadas.

Coloquei a parede de fundo e a mesa em diagonal, para que os atôres sejam vistos de frente ou de três quartos, mesmo quando estão sentados à mesa, um em frente do outro. Vi na ópera *Aída* um pano de fundo enviesado que aumentava a impressão de perspectiva e que não parecia haver sido colocado ali apenas por espírito de reação à monotonia da linha paralela.

Outra inovação, que considero justificada, seria a supressão das luzes da ribalta. Diz-se que seu objetivo é fazer os atôres parecerem ter o rosto mais redondo; mas eu pergunto por que cargas dágua os atôres precisam ter o rosto redondo. Porventura, essa luz que vem de baixo não elimina muitos pormenores e traços sutis da parte inferior do rosto, como sejam as mandíbulas, não falsifica a forma do nariz, não deixa as pálpebras na sombra? De qualquer maneira, uma coisa é certa: essa

luz fere a retina em lugares que normalmente são protegidos (salvo no caso dos marinheiros, expostos aos reflexos do sol e da água), afetando os olhos dos atôres de tal modo que se perde a sua plena expressão; de conseqüência, raras vêzes é dado apreciar outra coisa que não sejam umas grosseiras olhadelas para o lado ou na direção das galerias, que põem à mostra o branco dos olhos. Possìvelmente, não será outra a causa do cansativo pestanejar das atrizes. Quando um ator quer "falar" com os olhos, não tem outro recurso senão dirigir o olhar para o público, entrando, assim, em contato direto com êle, para além dos limites do palco — operação essa que, com ou sem motivo, é chamada "cumprimentar os amigos". Talvez pudesse dar-se ao ator, com o emprêgo de fortes luzes laterais (de refletores, por exemplo), o meio de reforçar a mímica com o mais importante dos recursos do rosto, o olhar.

Não tenho ilusões a respeito de conseguir que os atôres, como seria desejável, representem *para* o público e não *com* êle. Nem alimento muita esperança de que chegue o dia em que verei um ator dar as costas ao público durante o transcurso de uma cena importante; desejaria sòmente que as cenas decisivas não fôssem interpretadas diante da caixa do ponto, como se porventura se tratasse de duetos de opereta, depois dos quais se aguardam os aplausos, mas, sim, que se representassem nos exatos lugares indicados. Em resumo, o que proponho não é uma revolução, mas tão-só modificações de pequena monta, já que ainda produziria, sem dúvida, um efeito por demais estranho transformar a cena numa habitação cuja quarta parede foi suprimida e onde, conseguintemente, alguns móveis estão de costas para o público.

Falando da maquilagem, não ouso esperar que as atrizem façam caso do que digo, já que preferem ser bonitas a ser naturais. Mas peço ao ator que reflita bem se lhe convém realmente conferir à sua fisionomia um caráter abstrato mediante uma maquilagem que lhe cobre o rosto como uma máscara. Imaginemos um cavalheiro que traçou com o lápis uma linha acentuada entre as sobrancelhas, para marcar melhor a sua cólera, e suponhamos que êsse eterno zangado, em certo momento, deva sorrir: que esgar horrível seria o resultado! E aquêle velhote, como poderá enrugar a testa postiça, dura e brilhante como bola de bilhar, quando ficar furioso?

Num drama psicológico moderno, onde os mais sutis movimentos da alma devem refletir-se no rosto, mais do que em gestos e gritos, o mais indicado me parece trabalhar com um palco pequeno, utilizando-se uma forte iluminação lateral e com os atôres renunciando à maquilagem ou usando-a com sobriedade.

Se pudermos, além disso, tornar invisível a orquestra, com suas luzes incômodas e suas caras voltadas para o público, se a platéia pudesse ser levantada, de maneira que o espectador não precisasse erguer o olhar para ver mais acima da canela do ator, se suprimíssemos os camarotes de proscênio, com seus ocupantes mais interessados no jantar ou na ceia depois do espetáculo do que com o que se passa em cena; se nos permitissem que a sala ficasse na completa escuridão, durante a representação, e, condição primeira e última, nos dessem um palco pequeno e uma sala pequena, então surgiria, talvez, uma nova arte dramática e o teatro voltaria a ser, ao menos, uma instituição para o divertimento de pessoas cultas. Enquanto se espera por êsse teatro, será mister continuar a escrever e armazenar provisões, preparando o repertório do futuro. Fiz uma tentativa. Se não consegui meu propósito, sempre haverá tempo para fazer outra.

PERSONAGENS

Senhorita JÚLIA, 25 anos
JEAN*, criado, 30 anos
CRISTINA, cozinheira, 35 anos

* Aparece em francês no original sueco, o que não impede que possa traduzir-se na representação (N. dos T.).

Na cozinha do solar do Conde, na noite de São João.

Uma ampla cozinha, cujo teto e paredes laterais se acham ocultos por um cortinado. A parede do F. sobe enviesada da E. para a D. e o teto, partindo dela, sobe na direção da bôca da cena. Na E. dessa parede há duas prateleiras, enfeitadas de papel recortado, com utensílios de cozinha, de cobre, estanho e ferro; um pouco à D., são visíveis 3/4 partes de uma abertura em forma de arco, com uma porta envidraçada de duas fôlhas, através da qual se vêem uma fonte, com uma estatueta de Cupido, vários pés de lilás em flor e o copado dos choupos. À E., vê-se o canto de um fogão de ladrilhos e uma parte do pano da chaminé.

À D., vêem-se parte da mesa destinada às refeições da criadagem, em pinho natural, e algumas cadeiras. O fogão está enfeitado com ramos de bétula. Há, espalhados no chão, ramos de zimbro. Na ponta da mesa, há um vaso japonês para temperos, contendo flôres de lilás. Uma geladeira, a mesa de enxugar a louça e uma pia.

Uma campainha do tipo antigo, acima da porta, e a bôca de um tubo acústico, à D. da porta.

Ao subir o pano, Cristina está perto do fogão, cozinhando alguma coisa numa frigideira. Traja um vestido de chita clara e um avental. Jean entra vestindo libré e trazendo um par de botas de montaria, com esporas, que coloca no chão, em lugar visível.

JEAN

Hoje à noite, a senhorita Júlia está outra vez doida, completamente doida.

CRISTINA

Ah! É você!

JEAN

Acompanhei o Conde à estação. Na volta, passei pelo celeiro e entrei para dançar. Pois não é que estava lá a senhorita Júlia e puxava as danças com o feitor? Assim que me viu, correu na minha direção e me convidou para dançar a valsa das damas. E pegou a dançar de um modo... Nunca vi coisa igual! Está doida!

CRISTINA

Sempre estêve, mas nunca tanto como nos últimos quinze dias... Desde que desmanchou o noivado.

JEAN

Mas que esquisitice aquela, hem? Mesmo sem ser rico, era um homem distinto. Qual! Essa gente complica tudo. (*Senta-se na ponta da mesa.*) Em todo caso, é estranho que uma môça, hum... prefira ficar em casa com os empregados, não é?, a acompanhar o pai na visita a uns parentes.

CRISTINA

Vai ver que se sente um pouco sem jeito, depois da briga com o noivo.

JEAN

É provável. Seja lá como fôr, aquêle era um homem que tinha a cabeça no lugar. Você sabe como se passaram as coisas, Cristina? Eu vi tudo, mas fingi que não sabia de nada.

CRISTINA

Não! Viu, mesmo?

JEAN

Vi, sim. Estavam os dois no pátio da cavalariça, certa noite, e ela o treinava, como dizia. Sabe de que modo? Obrigava-o a pular em cima do chicote, como se faz para ensinar cachorro. Êle pulou duas vêzes e, tôdas as duas, levou uma chicotada. Na terceira, arrancou o chicote das mãos dela, partiu-o em pedaços e foi-se embora.

CRISTINA

Ah, foi assim? Não me diga!

JEAN

A coisa passou-se assim. E, agora, que tem você de de bom para me dar, Cristina?

CRISTINA (*Tira comida da frigideira para servir Jean*)

Só um pedacinho de rim, que cortei do assado da vitela.

JEAN (*Cheirando a comida*)

Ótimo! É o meu prato preferido. (*Toca o prato.*) Você podia também ter aquecido o prato!

CRISTINA

Quando se mete, você é até mais exigente do que o senhor Conde! (*Puxa-lhe carinhosamente o cabelo.*)

JEAN (*Agastado.*)

Não puxe meu cabelo assim! Sabe como sou sensível!

CRISTINA

Vamos, você sabe muito bem que foi puro carinho! (*Jean come, Cristina abre uma garrafa de cerveja.*)

JEAN

Cerveja, na noite de São João? Não, muito obrigado. Tenho coisa melhor. (*Abre a gaveta e tira uma garrafa de vinho tinto com lacre amarelo prendendo a rôlha.*) Sêlo amarelo, está vendo? Agora, dê cá um copo. Um copo para vinho, é claro. Um vinho dêstes, bebe-se puro.

CRISTINA (*Volta ao fogão e põe ao fogo uma panelinha.*)

Deus proteja aquela que tiver você como marido! Um pedante de sua marca!

JEAN

Não diga bobagem! Você bem que gostaria de pegar um tipo distinto como eu! Só tem a ganhar com o fato de que me chamem de seu noivo.

(*Experimenta o vinho.*) Bom! Muito bom! Nós o compramos em Dijon. Custou-nos quatro francos o litro, sem contar o casco... e a alfândega... Que é que você está cozinhando, agora? Tem um cheiro infernal!

CRISTINA

É uma porcaria que a senhorita Júlia mandou fazer para a Diana.

JEAN

Você devia ter mais cuidado com o seu modo de falar, Cristina. Mas por que tem de ficar cozinhando coisas para uma cadela, numa noite de festa? O bicho está doente?

CRISTINA

Está, sim. Meteu-se por aí com o cachorrinho do porteiro e deu no que tinha de dar; e a senhorita Júlia não quer saber disso.

JEAN

A senhorita Júlia é muito orgulhosa, em certos casos, e não é bastante altiva, em outros. Tal e qual a Condêssa, quando estava viva: seu lugar preferido era a cozinha ou o estábulo, porém não quis nunca sair a passeio numa carruagem que fôsse puxada por um só cavalo; tinha os punhos das mangas sujos, mas fazia questão da coroa de conde nos botões. A senhorita Júlia, para voltarmos ao assunto, também é bastante desleixada. Eu quase diria que não é uma fidalga. Ainda há pouco, quando dançava no celeiro, foi arrancar o feitor do lado de Ana e ela mesmo o convidou. Nós nunca faríamos isso. É o que acontece quando os patrões querem se fazer de populares. Tornam-se é vulgares. Mas como ela é linda! Que formosura! Que ombros! Que... etcétera!

CRISTINA

Chega de exageros! Eu ouvi o que falou Clara, que é quem a veste.

JEAN

Ora, Clara! Vocês tôdas têm é inveja uma das outras. Pois eu saí a cavalo com ela... E como dança!

CRISTINA

Escute, Jean. Você não quer ir dançar comigo, quando eu acabar o serviço?

JEAN

É evidente que quero.

CRISTINA

Então, promete?

JEAN

Para quê? Quando eu digo que faço uma coisa, faço. Por enquanto, muito obrigado pelo seu jantar. Estava ótimo! (*Torna a arrolhar a garrafa.*)

JÚLIA (*Aparece na porta e fala para fora.*)

Volto já! Podem continuar! (*Jean esconde a garrafa na gaveta e levanta-se respeitosamente. Júlia entra e dirige-se para Cristina, perto do fogão.*) Então, está pronta? (*Cristina chama sua atenção para a presença de Jean.*)

JEAN (*Em tom galante.*)

Ah! Que segredos femininos são êsses!?

JÚLIA (*Batendo-lhe com o lenço no rosto.*)

Curioso!

JEAN

Como cheira bem essa violeta!

JÚLIA (*Faceira.*)

Insolente! Também entende de perfumes? Dançar, isso sim, você sabe bem! Porém, não olhe; vá-se embora!

JEAN (*Educado e, ao mesmo tempo, impertinente.*)

Estão preparando algum filtro de São João? Alguma coisa em que se lê o futuro e onde se vê a pessoa com quem se vai casar?

JÚLIA (*Sêcamente.*)

A sua, você terá de vê-la por um óculo. (*À Cristina.*) Encha uma meia garrafa e arrolhe bem. E, agora, venha dançar um *schottish* comigo, Jean.

JEAN (*Hesitando.*)

Não quero ser descortês com ninguém, mas esta dança eu prometi a Cristina.

JÚLIA

Ora, ela poderá dançar com outro. Não é, Cristina? Você me empresta Jean?

CRISTINA

Isso não depende de mim. Se a senhora é tão condescendente que o convide, êle não deve recusar. Vá, homem, e agradeça a honra que lhe fazem.

JEAN

Para falar com franqueza e sem querer ofender, não sei se é muito sensato para a senhorita Júlia dançar duas vêzes seguidas com o mesmo par... Principalmente com o pessoal daqui, que não precisa de muito para fazer mau juízo.

JÚLIA (*Zangada.*)

Como? Que história é essa de fazer mau juízo? Que é que você quer dizer?

JEAN (*Em tom respeitoso.*)

Já que a senhora não quer compreender, vou falar mais claro. Não fica bem a senhora preferir um dos seus empregados aos demais, que esperam todos essa mesma e raríssima honra.

JÚLIA

Preferir? Mas que idéia! Estou muito admirada. Eu, dona da casa, honro com a minha presença o baile dos empregados. E, quando quero dançar, pretendo fazê-lo com alguém que me saiba guiar e não me exponha ao ridículo.

JEAN

Como a senhora mandar! Estou às suas ordens.

JÚLIA (*Amável.*)

Não interprete isso como uma ordem! Hoje, estamos todos festejando alegremente a noite de São João, sem

distinção de classes! Vamos, dê-me o seu braço! E não se apoquente, Cristina; não vou lhe roubar o noivo!

(*Jean oferece o braço à senhorita Júlia, com quem sai.*)

PANTOMIMA

(Será representada como se a atriz estivesse no teatro vazio. Sendo preciso, ela volta as costas para a platéia, não olha para ela, não demonstra a menor pressa, não teme a impaciência do público.) Cristina está sòzinha. Ao longe, música de violino, em tempo de schottish. *Cristina cantarola, acompanhando a música. Pega o prato onde comeu Jean, lava-o na pia, enxuga-o e coloca-o no armário. Depois, tira o avental, saca de uma gaveta um pequeno espelho e o encosta contra o vaso de lilases, em cima da mesa; acende uma vela de sebo, aquece à chama um grampo de cabelo e com êle faz um cacho na testa. Depois, vai até à porta, onde fica à escuta. Por fim, volta para perto da mesa. Encontra o lenço, que a senhorita Júlia esqueceu; apanha-o, cheira-o, alisa-o, pensando noutra coisa qualquer, dobra-o em quatro, etc.*

JEAN (*Entrando sòzinho.*)

É mesmo doida! Que modos de dançar! E o pessoal todo zombando atrás das portas! Que é que você diz a isso, Cristina?

CRISTINA

Ela está nos seus dias ruins e isso a torna esquisita. Agora, porém, você vai dançar comigo?

JEAN

Você não ficou zangada porque faltei à promessa, pois não?

CRISTINA

Qual nada! Por tão pouco, você deveria saber... Conheço o meu lugar.

JEAN (*Agarrando-a pela cintura.*)

Você é uma mulher cheia de juízo, Cristina, e daria uma espôsa e tanto...

JÚLIA (*Entra e é desagradàvelmente surpreendida pela cena; em tom alegre, mas forçado.*)

E você é um par encantador, que larga assim a sua dama!

JEAN

Ao contrário, senhorita Júlia! Como vê, apressei-me a vir procurar aquela que abandonei.

JÚLIA (*Mudando de tom, para contornar a situação.*)

Você sabe que dança com perfeição? Mas por que motivo traja libré, numa noite de festa? Tire isso imediatamente!

JEAN

Nesse caso, tenho de pedir à senhora que se retire por um momento. Meu casaco prêto está pendurado ali...

(*Vai à D., indicando o lugar com um gesto.*)

JÚLIA

Sente-se acanhado por minha causa? Só para mudar de casaco? Pois, então, vá até o seu quarto e, depois, volte. Ou, então, fique aqui mesmo e eu viro as costas.

JEAN

Com sua licença, senhorita Júlia. (*Afasta-se à D. e vê-se o seu braço enquanto muda de casaco.*)

JÚLIA

Escute, Cristina, Jean é seu noivo, para ter tanta intimidade?

CRISTINA

Noivo? Sim, se a senhora quiser. Nós chamamos isso assim.

JÚLIA

Chamam?

CRISTINA

Ora, a senhora também teve noivo e...

JÚLIA

Sim, éramos noivos oficiais...

CRISTINA

Mas deu em água de barrela...

(*Jean volta de sobrecasaca preta e chapéu de côco da mesma côr.*)

JÚLIA

Très gentil, monsieur Jean. Très gentil!

JEAN

Vous voulez plaisanter, Madame?

JÚLIA

Et vous voulez parler français? Onde aprendeu?

JEAN

Na Suíça, foi quando fui *sommemlier* num dos melhores hotéis de Lucerne.

JÚLIA

Mas parece mesmo um *gentleman,* com essa sobrecasaca! Realmente encantador! (*Senta-se à mesa.*)

JEAN

A senhora está querendo me lisonjear?

JÚLIA (*Melindrada.*)

Eu, querendo lisonjear você?

JEAN

Minha modéstia natural me proíbe acreditar que a senhora possa dirigir amabilidades sinceras a uma pessoa como eu; por isso, tomei a liberdade de supor que exagerasse ou, noutras palavras, que estivesse querendo me lisonjear.

JÚLIA

Onde aprendeu a expressar-se dêsse modo? Você deve ter ido muito a teatro.

JEAN

Isso também. Estive em muitos lugares.

JÚLIA

Mas nasceu aqui nas redondezas, não é?

JEAN

Meu pai era colono nas terras do procurador do reino, perto daqui, e eu vi muitas vêzes a senhora, quando era criança, sem que a senhora reparasse em mim.

JÚLIA

Não! Realmente?

JEAN

Sim. E lembro-me do modo especial de uma vez... Mas isso não posso contar.

JÚLIA

Conte! Vamos! Só esta vez.

JEAN

Não, realmente, agora, não posso. Outra vez, quem sabe...

JÚLIA

Outra vez é nunca. É tão grave assim?

JEAN

Grave, não; mas não é nada fácil... Olhe para essa aí! (*Aponta para Cristina, que adormeceu numa cadeira perto do fogão.*)

JÚLIA

Essa vai dar uma excelente espôsa! Será que também ronca?

JEAN

Roncar, não ronca; mas fala durante o sono.

JÚLIA (*Atrevida.*)

Como você sabe que ela fala durante o sono?

JEAN (*Descarado.*)

Ouvi. (*Uma pausa, durante a qual olham um para o outro.*)

JÚLIA

Por que não se senta?

JEAN

Não posso tomar essa liberdade, na sua presença!

JÚLIA

Mas se eu mandar?

JEAN

Aí, obedecerei.

JÚLIA

Pois, então, sente-se... Não, espere... Pode, antes, dar-me qualquer coisa para beber?

JEAN

Não sei o que possa haver na geladeira. Acho que cerveja.

JÚLIA

Mas é bastante bom! Tenho gostos tão simples que a prefiro ao vinho.

JEAN (*Busca na geladeira uma garrafa de cerveja e tira-lhe a rôlha, depois vai procurar um copo e um prato e serve Júlia.*)

Pronto! Está servida!

JÚLIA

Obrigada. Não quer beber também?

JEAN

Não sou muito amigo de cerveja, mas se a senhora mandar...

JÚLIA

Mandar? Acho que, como cavalheiro educado, você devia fazer companhia à sua dama.

JEAN

A observação é muito justa. (*Abre a garrafa e enche um copo, que fica segurando.*)

JÚLIA

E, agora, beba à minha saúde. (*Jean hesita.*) Tímido, um homem feito como você?

JEAN (*Ajoelha, parodiando um brinde; ergue o copo.*)

A sua saúde, minha soberana!

JÚLIA

Bravo! Agora vai beijar o meu sapato e tudo estará certo. (*Jean hesita, mas, depois, pega audaciosamente o pé de Júlia, que beija de leve.*) Notável! Você deveria ter-se tornado ator.

JEAN (*Levantando-se.*)

Isso não pode continuar, senhorita Júlia. Alguém poderia vir aqui e nos ver.

JÚLIA

E que mal haveria?

JEAN

Nada, mas criticariam. Se a senhora soubesse como as línguas estavam sôltas, lá em cima, ainda há pouco...

JÚLIA

Que diziam? Conte para mim. E sente-se.

JEAN (*Senta-se.*)

Não desejo magoá-la, mas empregavam expressões que levantavam suspeitas de natureza... Enfim, a senhora pode adivinhar. A senhorita Júlia não é mais criança e quando se vê uma mulher beber, sòzinha, na companhia de um homem, mesmo sendo êle um criado, e à noite... aí...

JÚLIA

Aí o quê? Além disso, não estamos sós. Cristina está também aqui.

JEAN

Sim, dormindo.

JÚLIA

Pois, então, vou acordá-la. (*Levanta-se.*) Cristina! Está dormindo?

CRISTINA (*Dormindo.*)

Bla — bla — bla — bla.

JÚLIA

Cristina! Como sabe dormir, essa aí!

CRISTINA (*No sono.*)

As botas do senhor Conde já estão limpas... Sirva o café... imediatamente... imediatamente... Ah! Ah!... Huh!

JÚLIA (*Agarrando-lhe o nariz.*)

Quer acordar ou não quer?

JEAN (*Em tom severo.*)

Não se deve perturbar quem dorme.

JÚLIA (*Enérgica.*)

Como?

JEAN

Quem ficou o dia inteiro, em pé, junto ao fogão, tem o direito de estar cansado, quando chega a noite. E deve-se respeitar o seu sono.

JÚLIA (*Mudando de tom.*)

É um belo pensamento, que lhe faz muita honra. Obrigada. (*Estende a mão a Jean.*) Agora, venha, vamos sair. Você vai colhêr alguns lilases para mim. (*Durante as falas que se seguem, Cristina acorda e, tonta de sono, sai à D., para ir deitar-se.*)

JEAN

Junto com a senhora?

JÚLIA

Junto comigo.

JEAN

Não pode ser, absolutamente, não fica bem.

JÚLIA

Não compreendo o que você está pensando. Será que anda imaginando alguma coisa...?

JEAN

Eu, não, mas o pessoal, sim.

JÚLIA

O quê? Que eu esteja *amourachée* pelo criado?

JEAN

Não sou convencido, mas já se viram exemplos disso; e, para o povinho, não há nada sagrado.

JÚLIA

Você, já se vê, é um aristocrata.

JEAN

Sou, sim.

JÚLIA

Vou descer das minhas alturas.

JEAN

Não desça, senhorita Júlia, ouça o meu conselho. Ninguém acreditaria que a senhora descesse voluntàriamente. Sempre dirão que caiu.

JÚLIA

Eu formo dessa gente um conceito mais elevado do que o seu. Venha. Vamos experimentar... Venha! (*Fita-o.*)

JEAN

A senhora é muito estranha, sabe?

JÚLIA

Talvez. Mas você também é. Tudo é estranho! A vida, a humanidade, tudo é um lôdo carregado, arrastado pela água, até ir para o fundo. Há um sonho que tenho, de vez em quando, e que me torna à mente, neste momento. Estou sentada no alto de uma coluna, sem ver nenhuma possibilidade de descer. Quando olho para baixo, tenho vertigens e sinto a necessidade de sair de lá, mas falta-me a coragem para me atirar. Não posso me manter lá em cima, desejo cair, mas não caio. Mesmo assim, não poderei encontrar paz, enquanto não descer, não poderei encontrar repouso, enquanto não tocar o chão. E, se conseguisse atingi-lo, desejaria desaparecer debaixo do solo. Você nunca experimentou qualquer coisa parecida com isso?

JEAN

Não. Eu, às vêzes, sonho que estou deitado debaixo de uma grande árvore, numa floresta escura. Quero subir até o cimo, para descortinar do alto a clara paisagem cintilante no sol e roubar o ninho onde se encontram os ovos de ouro. E procuro, tento subir; mas o

tronco é tão grande e liso e o primeiro galho fica tão longe. Sei, no entanto, que se eu conseguisse alcançar o primeiro galho, chegaria no alto tão fàcilmente como por uma escada. Não o consegui nunca; mas sei que, algum dia, o conseguirei, nem que seja em sonho!

JÚLIA

E eu fico aqui falando de sonhos com você! Vamos até o parque. (*Dá-lhe o braço e ambos se encaminham na direção da porta.*)

JEAN

Vamos dormir sôbre as nove flôres de São João e nossos sonhos se tornarão realidade, senhorita Júlia. (*Param e voltam-se: Jean leva a mão a um dos olhos.*)

JÚLIA

Deixe-me ver o que tem no ôlho.

JEAN

Não foi nada; um cisco. Vai passar já.

JÚLIA

Foi a manga do meu vestido que o machucou. Sente-se, vou ajudá-lo. (*Pega-lhe o braço, fá-lo sentar-se, segura-lhe a cabeça, inclina-a para trás, com a ponta do lenço, procura tirar-lhe o cisco do ôlho.*) E, agora, fique quieto, bem quietinho. (*Dá-lhe um tapinha na mão.*) Vamos obedeça... Palavra que está tremendo, um rapagão como êsse aí! (*Toca-lhe o braço.*) Com uns braços dêsses!

JEAN (*Admoestando-a.*)

Senhorita Júlia.

JÚLIA

Sim, *monsieur* Jean.

JEAN

Attention! Je ne suis qu'un homme!

JÚLIA

Quer ficar quieto? Pronto. Foi-se. Beije a mão e agradeça-me.

JEAN (*Levantando-se.*)

Ouça, senhorita Júlia. Cristina, agora, foi se deitar. Quer dar ouvidos ao que eu digo?

JÚLIA

Primeiro, beije minha mão.

JEAN

Ouça o que eu lhe digo.

JÚLIA

Primeiro, beije minha mão.

JEAN

Bem, mas, então, depois, não se queixe!

JÚLIA

De quê?

JEAN

De quê? Será que, com seus vinte e cinco anos, a senhora não passa de uma criança? Não sabe que é perigoso brincar com o fogo?

JÚLIA

Para mim, não. Estou no seguro.

JEAN (*Atrevido.*)

Não, não está! E mesmo se estivesse: há material inflamável na vizinhança.

JÚLIA

Seria você?

JEAN

Sim. Não porque seja eu, mas porque sou homem e sou jovem...

JÚLIA

E bonitão... Que presunção incrível. Talvez um Don Juan? Ou será, antes, um casto José? Palavra de honra, acho que é realmente um casto José.

JEAN

Acha?

JÚLIA

Receio quase que sim. (*Jean aproxima-se ousadamente dela e faz menção de agarrar-lhe a cintura para beijá-la. Ela lhe dá uma bofetada.*) Modos!

JEAN

Isso foi a sério ou de brincadeira?

JÚLIA

A sério.

JEAN

Então, o que houve antes também foi a sério. O seu modo de brincar é sério demais e aí é que está o perigo. Mas, agora, já me cansei de brincar e peço licença para voltar ao meu trabalho. As botas do senhor Conde devem ficar limpas a tempo e a meia-noite há muito que já passou.

JÚLIA

Largue essas botas!

JEAN

Não. Isso é serviço meu e tenho de fazê-lo. Nunca me comprometi a ser seu companheiro de jogos e nunca o serei, porque me considero bom demais para isso.

JÚLIA

Você é muito orgulhoso!

JEAN

Sim, em certos casos; em outros, não.

JÚLIA

Já amou, alguma vez?

JEAN

Nós não empregamos esta palavra, mas já gostei de muitas pequenas e, certa vez, cheguei a ficar doente por não poder conseguir aquela que eu desejava; doente, note bem, como os príncipes das *Mil e Uma Noites,* que não podiam comer nem beber, de tanta paixão.

JÚLIA

Quem era ela? (*Jean não responde.*) Quem era?

JEAN

A senhora não pode me obrigar a lhe dizer isto.

JÚLIA

E se eu lhe pedir de igual para igual, como a um amigo?... Quem era?

JEAN

A senhora!

JÚLIA (*Sentando-se.*)

Tem graça!

JEAN

Sim, se quiser. Foi uma coisa ridícula! É essa a história que, ainda há pouco, eu não queria contar. Mas, agora, vou contá-la. Sabe que aspecto tem o mundo, visto lá de baixo? Não, não sabe. A senhora é como os gaviões e falcões, dos quais é raro se verem as costas, porque pairam sempre nas alturas. Eu vivia na casa de colono, com sete irmãos e um porco, lá no campo abandonado, onde não havia uma só árvore. Mas, das janelas, via o muro do parque do senhor Conde, com o copado das macieiras. Era o paraíso, para mim; mas havia lá, vigiando, uma multidão de anjos maus, armados de espadas chamejantes. Apesar disso, eu e os outros meninos achamos, muitas vêzes, o caminho da árvore proibida... Agora, a senhora me despreza?

JÚLIA

Ora, roubar maçãs; tôda criança rouba!

JEAN

Isso a senhora diz agora, mas, mesmo assim, me despreza. Tanto faz. Um dia, entrei no paraíso junto

com minha mãe, para limpar os canteiros de cebolas. Perto da horta havia um pequeno pavilhão mourisco, à sombra dos jasmineiros e coberto de madressilvas. Eu não sabia para que podia servir, mas nunca tinha visto uma construção tão bonita. Havia gente que entrava e saía; e, certo dia, deixaram a porta aberta. Fui de mansinho até lá e vi as paredes cobertas de quadros de reis e imperadores; havia cortinas vermelhas, nas janelas, com franjas. Agora a senhora compreende o que quero dizer, não é? Eu (*Parte uma flor de lilás e a encosta ao nariz de Júlia.*), eu nunca tinha estado aqui, neste solar, nunca tinha visto outra coisa a não ser a igreja, mas aquilo era ainda mais bonito. Quaisquer rumos que os meus pensamentos tomassem, sempre voltavam para lá. Pouco a pouco, nasceu em mim o desejo de ter, nem que fôsse uma vez só, o prazer completo de... Enfim, penetrei às escondidas no pavilhão, olhei, admirei. Mas, aí, ouvi chegar alguém. Para os patrões, havia apenas uma saída, mas, para mim, restava outra... E não tive outro remédio senão escolher essa. (*Júlia, que pegou a flor, deixa-a cair sôbre a mesa.*) Depois, deitei a correr, atravessei as fileiras dos framboeseiros e os canteiros de morangos e cheguei ao roseiral. Ali, avistei um vestido côr-de-rosa e um par de meias brancas... Era a senhora. Escondi-me debaixo de um monte de matos — debaixo, note bem — com os cardos que me picavam e a terra molhada que cheirava mal. Vi a senhora passar por entre as roseiras e pensei: "Se é verdade que até um ladrão pode entrar no céu e ficar no meio dos anjos, é esquisito que o filho de um colono, nesta terra de Deus, não possa entrar no parque e brincar com a filha do Conde!"

JÚLIA (*Em tom elegíaco.*)

Acha que, em casos semelhantes, tôdas as crianças pobres pensam dêsse modo?

JEAN (*Hesitante e, depois, com convicção.*)

Se tôdas as crianças pobres... Sim, é claro! É claro.

JÚLIA

Deve representar uma desgraça infinita, ser pobre!

JEAN (*Em tom de profunda lástima.*)

Oh, senhorita Júlia! Um cachorro pode se deitar no sofá da condêssa, um cavalo recebe, às vêzes, no focinho, uma carícia de mão feminina, mas um criado... (*Muda de tom.*) Sim, um ou outro tem a fibra que lhe permite subir na vida; mas quantas vêzes aconteceu isto? Bem, sabe o que fiz? Pulei, todo vestido, no riacho do moinho. Tiraram-me de lá e levei uma surra. No domingo seguinte, quando meu pai e o resto da família foram visitar vovó, dei um jeito para ficar em casa. Lavei-me com sabão e água morna, vesti minha melhor roupa e fui à igreja para ver a senhora. Via-a e voltei para casa decidido a morrer; mas queria morrer de um modo bonito e agradável, que não doesse. E, então, lembrei-me de que era perigoso dormir debaixo de um pé de sabugueiro. Tínhamos um, grande, e, na ocasião, todo em flor. Colhi as flôres tôdas e com elas preparei uma cama na arca da aveia. A senhora nunca reparou como é escorregadia a aveia? Macia ao tato, como pele humana... Deixei cair a tampa e fechei os olhos; adormeci e, de fato, acordei gravemente enfêrmo, mas, como vê, não morri. O que eu queria, não sei. Não havia a menor esperança de conquistar a senhora. A senhora foi para mim a demonstração de como era impossível, para mim, sair do ambiente em que tinha nascido.

JÚLIA

Você sabe contar coisas com graça. Estêve na escola?

JEAN

Um pouco; mas li muitos romances e freqüentei teatro. Além disso, prestei atenção às conversações de pessoas distintas e delas aprendi bastante.

JÚLIA

Como? Você fica à escuta do que nós dizemos?

JEAN

Certamente. Ouço muita coisa, quando estou na boléia do côche ou quando remo no barco. Certa vez, ouvi a senhora com uma amiga...

JÚLIA

Ah! E que ouviu?

JEAN

Bem, não é fácil dizer; mas confesso que fiquei bastante admirado. Não atinava onde a senhora tinha aprendido aquelas palavras tôdas... Talvez, no final das contas, a diferença entre as pessoas não seja tão grande quanto se pensa.

JÚLIA

Envergonhe-se! Nós, quando estamos noivos, não nos portamos como vocês.

JEAN (*Fitando-a.*)

Tem certeza disso? Não precisa se fazer de inocente por minha causa...

JÚLIA

O homem que eu amei era um canalha.

JEAN

É o que tôdas dizem sempre — depois.

JÚLIA

Sempre?

JEAN

Sempre, creio eu, pois já ouvi essa mesma expressão mais de uma vez, em ocasiões parecidas.

JÚLIA

Que ocasiões?

JEAN

Como essa da qual estamos falando. Na última vez que...

JÚLIA (*Levantando-se.*)

Cale-se! Não quero ouvir mais nada.

JEAN

A outra também não queria — isso é curioso. E, agora, peço licença para ir deitar-me.

JÚLIA (*Afável.*)

Ir se deitar numa noite de São João?

JEAN

Sim. Dançar com aquela gentinha lá em cima, realmente, não me diverte.

JÚLIA

Apanhe a chave para ir buscar a barca e leve-me a passear no lago. Quero ver o sol nascer.

JEAN

Será prudente?

JÚLIA

Até parece que você tem mêdo pela sua reputação.

JEAN

E por que não? Não quero parecer ridículo. E não quero tampouco ser despedido sem boas referências, no dia em que quiser me estabelecer por minha conta. Além disso, sinto uma certa obrigação em relação a Cristina.

JÚLIA

Ah! Agora, é por Cristina!...

JEAN

Sim, mas é também pela senhora. Siga o meu conselho. Vá deitar-se...

JÚLIA

Será que tenho de lhe obedecer?

JEAN

Só esta vez, no seu próprio interêsse. Por favor! A noite está muito avançada, o sono nos põe tontos, a cabeça esquenta. Vá deitar-se. Além disso, se não me engano, há gente vindo nesta direção, à minha procura. Se nos encontram aqui, a senhora está perdida!

(*Um côro aproxima-se cantando.*)

CÔRO

Duas mulheres saíram do mato,
Tralaralaralaralaralá,
Uma, co'os pés molhados, sem sapato,
Tralaralaralá!

Vinham falando em duzentos ducados,
Tralaralaralaralaralá,
Mas tinham, quando muito, alguns quebrados,
Tralaralaralá.

Toma, meu bem, a coroa de flôres,
Tralaralaralaralaralá,
Mas é outra a mulher dos meus amôres,
Tralaralaralá!

JÚLIA

Conheço o meu pessoal, gosto dêle e êle gosta de mim. Deixe que êle venha e você verá.

JEAN

Não, senhorita Júlia, não lhe querem bem. Aceitam a comida que a senhora dá para êles, mas, depois, cospem. Acredite. Escute, escute só o que estão cantando agora... Não, não escute!

JÚLIA

O que estão cantando?

JEAN

Uns versinhos caluniosos! A respeito da senhora e de mim.

JÚLIA

Que infâmia! E assim, à traição!

JEAN

O povinho é sempre covarde. Não adianta lutar, a solução é fugir.

JÚLIA

Fugir? Para onde? Sair daqui é impossível. E não podemos ir para o quarto de Cristina!

JEAN

Então, vamos para o meu. Necessidade não conhece lei. E a senhora pode ter confiança em mim; sou um amigo sincero, devotado e respeitoso.

JÚLIA

Mas imagine... imagine só, se forem procurar você por lá!

JEAN

Vou fechar a porta com tranca e, se quiserem entrar à fôrça, farei fogo. Venha! (*Ajoelha.*) Venha!

JÚLIA (*Em tom significativo.*)

Você prometc?...

JEAN

Juro! (*Júlia sai ràpidamente à D. Jean, com um movimento brusco, a segue.*)

BAILADO

Camponeses, em trajes festivos, trazendo flôres no chapéu, um tocador de violino vem à sua frente. Pousam sôbre a mesa um barril de cerveja e uma barriquinha de aguardente, enfeitados de fôlhas. Pegam copos e bebem; depois, formam roda e dançam, cantando a canção Duas Mulheres Saíram do Mato. *Depois disso, tornam a sair cantando.*

(*Júlia entra sòzinha; vê a desordem na cozinha e bate as mãos, num gesto de espanto. Depois, saca uma caixinha de pó-de-arroz e empoa o rosto.*)

JEAN (*Entrando exaltado.*)

Não viu? Não ouviu? Acha possível ficarmos aqui?

JÚLIA

Não, acho que não. Mas o que vamos fazer?

JEAN

Fugir, partir para longe daqui.

JÚLIA

Partir? Sim! Mas para onde?

JEAN

Para a Suíça, para os lagos italianos. Nunca estêve lá, não é?

JÚLIA

Não. É bonita?

JEAN

Oh, um eterno verão!... Laranjeiras... loureiros... Ah!

JÚLIA

Mas o que faremos por lá?

JEAN

Eu abrirei um hotel, com serviço de primeira classe e freguesia também de primeira classe.

JÚLIA

Um hotel?

JEAN

Essa, sim, que é vida, acredite! Sempre caras novas, novos idiomas. Nem um minuto de tempo para idéias tristes ou nervosismos. Nada de ficar à procura do que fazer; o trabalho vem sòzinho: campainhas que tocam noite e dia, trens que apitam, ônibus que vão e vêm, enquanto as moedas de ouro rolam sôbre a secretária. Isso, sim, que é vida!

JÚLIA

Sim, isso é viver... E eu?

JEAN

Será a dona da casa, o ornamento da firma. Com sua formosura... e suas maneiras... Ah, o sucesso é garantido! Formidável! Sentada no escritório, como uma rainha, vai movimentar seus escravos com uma simples pressão num botão elétrico. Os hóspedes desfilam diante do seu trono e tìmidamente deixam seu tributo sôbre a secretária. Não faz idéia de como as pessoas tremem, quando seguram uma conta. Eu prepararei umas contas bem salgadas e a senhora as adoçará com seu mais lindo sorriso. Sim, vamos embora daqui! (*Saca do bôlso um horário da estrada de ferro.*) Sem mais perda de tempo, com o primeiro trem! Estaremos em Malmö às seis e meia, em Hamburgo, às oito e quarenta, amanhã de manhã. Francfort-Basiléia, um dia e, pela linha de São Gotardo, chegaremos a Como dentro de, vejamos, três dias. Três dias!

JÚLIA

Tudo isso está muito bem. Mas, Jean, é preciso que me dês coragem. Dize-me que me amas. Vem, abraça-me!

JEAN (*Hesitando.*)

Desejaria, mas não ouso. Não mais, nesta casa. Eu a amo, sem dúvida... A senhora pode duvidar disso?

JÚLIA (*Tìmidamente, com genuína feminilidade.*)

A senhora? Trata-me por tu! Entre nós não há mais barreiras. Trata-me por tu!

JEAN (*Angustiado.*)

Não posso. Haverá uma barreira entre nós, enquanto estivermos nesta casa. Há o passado, há o Conde — e não encontrei nunca uma pessoa pela qual tivesse tamanho respeito: é suficiente que veja as suas luvas sôbre a cadeira, para eu me sentir pequeno; é suficiente que ouça a campainha aí em cima, para eu me encolher como um cavalo passarinheiro; e agora, vendo as suas botas aprumadas e poderosas, sinto calafrios nas costas. (*Dá um pontapé nas botas.*) Superstições, preconceitos que aprendemos desde a infância, mas que podem se esquecer com a mesma facilidade. Bastará irmos para um país que seja uma república, e, então, todos esfregarão o nariz no chão diante da libré do meu porteiro. Terão de esfregar o nariz no chão; todos, menos eu! Eu não nasci para isso; eu tenho fibra, tenho caráter e, se conseguir agarrar o primeiro galho, a senhora me verá subir! Hoje, sou um criado, mas, no ano vindouro, serei proprietário, daqui a dez anos, viverei de rendas e irei à Romênia para fazer-me condecorar e poderei até — note bem que digo: poderei — acabar meus dias como conde!

JÚLIA

Bonito! Muito bonito!

JEAN

Ah! Na Romênia pode-se comprar o título de conde e, assim, a senhora não deixará de ser condêssa, a minha condêssa...

JÚLIA

Que me importa tudo isso, que, agora, vou deixar para trás? Você deve me dizer que me ama. Senão... senão, que serei eu?

JEAN

Sim, direi, direi mil vêzes — mais tarde! Mas não aqui. E, principalmente, nada de sentimentalismos, senão tudo estará perdido. Temos de proceder de cabeça fria, como pessoas sensatas. (*Apanha um charuto, corta-lhe a ponta e o acende.*) Agora, sente-se ali. Eu me sentarei aqui e vamos conversar como se nada tivesse acontecido.

JÚLIA (*Desesperada.*)

Meu Deus! Você não tem nenhum sentimento?

JEAN

Eu? Não existe ninguém mais sentimental do que eu, mas sei me dominar...

JÚLIA

Ainda há pouco, você beijava o meu sapato e, agora...

JEAN (*Rìspidamente.*)

Isso foi ainda há pouco. Agora, temos de pensar noutras coisas.

JÚLIA

Não fale assim tão ríspido comigo!

JEAN

Ríspido, não, sensato. Já foi feita uma tolice, não faça outra. O Conde pode chegar a qualquer momento e precisamos decidir os nossos destinos. Que acha dos meus planos para o futuro? Aprova-os?

JÚLIA

Parecem-me muito razoáveis. Mas, apenas uma pergunta: uma emprêsa tão grande exige um grande capital. Você o tem?

JEAN (*Mascando o charuto.*)

Eu? Naturalmente! Tenho a minha capacidade profissional, a minha enorme experiência, os meus conhecimentos das línguas! É um capital suficiente, penso eu.

JÚLIA

Mas com êle não vai poder comprar nem uma passagem de trem.

JEAN

É verdade; e é por isso mesmo que procuro um capitalista, alguém que possa me adiantar o dinheiro.

JÚLIA

Onde achá-lo, tão depressa?

JEAN

A senhora é que vai achá-lo, se quer ser minha sócia.

JÚLIA

Achá-lo não posso. E, também, não tenho nada.

JEAN (*Após uma pausa.*)

Então, foi tudo por água abaixo.

JÚLIA

E...

JEAN

Fica tudo no pé em que estava.

JÚLIA

Você pensa que vou permanecer debaixo dêste teto como sua concubina? Pensa que vou deixar que me apontem a dedo? Pensa que, depois disso, poderei olhar meu pai no rosto? Não! Leve-me para longe daqui, para longe desta humilhação e desonra! Oh, que fiz eu, meu Deus, meu Deus! (*Chora.*)

JEAN

Vamos, deixe-se de cantigas. Que fêz? O que muitas outras já fizeram antes.

JÚLIA (*Gritando histèricamente.*)

E, agora, você me despreza! Estou caindo tão baixo!

JEAN

Caia até onde eu estou e eu a levantarei!

JÚLIA

Que tremenda fôrça me atraiu para você? A que impele o fraco para o forte? Quem cai para quem sobe? Ou terá sido amor? Amor, isso? Você sabe o que é amor?

JEAN

Eu? Garanto-lhe que sim. Pensa que nunca tive aventuras, antes?

JÚLIA

Que modo de falar! Que modo de pensar!

JEAN

Aprendi assim e sou assim. Não fique nervosa e não tome atitudes de fidalguia, porque cada um de nós vale o outro. Escute, minha filha, chegue aqui; vou lhe oferecer um copo de bom vinho. (*Abre a gaveta, tira de lá a garrafa e enche os dois copos usados anteriormente.*)

JÚLIA

Onde foi que arranjou êsse vinho?

JEAN

Na adega.

JÚLIA

O borgonha de meu pai!

JEAN

Não é bastante bom para o genro?

JÚLIA

E eu que bebo cerveja!

JEAN

Isso prova, apenas, que tem gôsto pior do que eu.

JÚLIA

Ladrão!

JEAN

Será que tenciona me denunciar?

JÚLIA

Oh! Cúmplice de um gatuno! Eu estava embriagada! Caminhei como sonâmbula, esta noite! A noite de São João! A noite dos jogos inocentes!

JEAN

Inocentes, hum!...

JÚLIA (*Caminhando de um lado para o outro.*)

Existirá alguém, no mundo, mais infeliz do que eu, neste momento?

JEAN

Infeliz, por quê? Depois de uma conquista como esta? Pense em Cristina lá dentro! Não acha que ela também tem sentimentos?

JÚLIA

Pensei antes, mas, agora, não penso mais. Um serviçal é um serviçal!

JEAN

E uma puta é uma puta!

JÚLIA (*Ajoelhando, de mãos juntas.*)

Oh, meu Deus do céu, ponde um fim a esta minha vida miserável, tirai-me desta lama em que estou mergulhada! Salvai-me! Salvai-me!

JEAN

Não posso negar que a senhora me causa pena. Quando eu estava no canteiro das cebolas e a vi no roseiral — agora vou dizê-lo —, tive os mesmos pensamentos feios que têm todos os rapazes.

JÚLIA

Você, que queria morrer por minha causa!

JEAN

Na arca da aveia? Isso foi conversa.

JÚLIA

Quer dizer, mentira?

JEAN

Mais ou menos. Acho que li esta história num jornal: um limpa-chaminés, que se deitou num depósito de lenha, com flôres de lilás, porque tinha sido intimado, num processo de alimentos para um filho natural...

JÚLIA

Com que, então, você é assim?

JEAN

Que outra coisa eu podia inventar? É sempre preciso conversa bonita, para apanhar uma mulher no laço.

JÚLIA

Miserável!

JEAN

Merde!

JÚLIA

Agora, você viu as costas do falcão...

JEAN

Não foram bem as costas...

JÚLIA

Eu seria o primeiro galho!

JEAN

Mas era um galho podre.

JÚLIA

Eu seria a tabuleta do hotel.

JEAN

E eu, o hotel.

JÚLIA

Ficar sentada à sua secretária, servir de chamariz à sua clientela, roubar nas suas contas...

JEAN

Isso, eu mesmo faria.

JÚLIA

Como pode uma alma humana ser tão suja!?

JEAN

Pois lave-a!

JÚLIA

Criado, lacaio, ponha-se em pé, quando eu falo!

JEAN

Concubina de criados, puta de lacaios, cale esta bôca e ponha-se lá fora! Você tem a pretensão de me dizer que eu sou ordinário? Ninguém da minha condição se portou nunca de modo tão ordinário quanto você hoje à noite. Pensa que alguma criada caça homem como você fêz? Já viu alguma mulher da minha classe se oferecer dêsse modo? Eu vi isso sòmente entre os animais e as mulheres da vida!

JÚLIA (*Aniquilada.*)

É justo. Bata-me, espezinhe-me, não mereço outra coisa. Sou uma criatura ignóbil, mas ajude-me! Ajude-me a sair disto, se é possível!

JEAN (*Mais amável.*)

Não quero desprestigiar-me, recusando a minha parte na honra de tê-la seduzido. Mas pensa que um homem, na minha posição, teria a coragem de erguer os olhos para a senhora, se a senhora mesma não o convidasse? Eu ainda estou admirado!

JÚLIA

E, também, orgulho...

JEAN

Por que não? Mas devo confessar que a vitória foi fácil demais, para que me suba à cabeça.

JÚLIA

Bate-me ainda mais!

JEAN (*Levantando-se.*)

Não! Ao contrário, desculpe o que disse. Não bato em quem está desarmado e muito menos em mulher. Não posso negar, de um lado, a minha satisfação em verificar que aquilo que nos deslumbrava, lá embaixo, não passava de ouropel, em ver que as costas do falcão eram apenas côr de cinza, que o que fazia a tez tão delicada era o pó-de-arroz, que as unhas polidas também podiam ter uma orla preta e que o lenço, se bem que perfumado, estava sujo; mas, por outro lado, sofro ao perceber que aquilo a que eu aspirava não era mais elevado nem mais consistente, sofro ao ver a senhora caída a um nível ainda mais baixo do que o da sua cozinheira, sofro ao ver as flôres do outono, esmagadas pela chuva, se transformarem em lama.

JÚLIA

Você fala como se já estivesse acima de mim.

JEAN

E estou! Veja, eu poderia transformar a senhora numa condêssa, a senhora é que nunca poderá fazer de mim um conde.

JÚLIA

Mas eu nasci de um conde! Isso você não poderá dizer nunca!

JEAN

É verdade. Mas eu poderia ter filhos condes, se...

JÚLIA

Mas você é um ladrão e, isso, eu não sou.

JEAN

Ser ladrão não é o pior; há coisas mais degradantes. De resto, quando sirvo numa casa, eu me considero, de certo modo, como um membro da família, como um menino da casa; e não se pode falar de furto, quando os meninos surrupiam alguma fruta do pé carregado. (*Sua paixão torna a despertar.*) Senhorita Júlia, a senhora é uma mulher esplêndida, boa demais para um ser como eu. Foi vítima de uma embriaguez passageira e quer apagar seu êrro convencendo-se de que me ama. Mas a senhora não me ama, a não ser que o meu físico a atraia. E, nesse caso, o seu amor não vale mais do que o meu. Eu é que nunca poderei me contentar de ser apenas um animal, para a senhora; e, por outro lado, nunca poderei despertar o seu amor.

JÚLIA

Está certo disso?

JEAN

Quer dizer que seria possível? Não há dúvida de que eu poderia amá-la! A senhora é linda, distinta (*Aproxima-se dela e pega-lhe a mão.*), educada, amável, quando quer, e a chama que despertasse num homem não se extinguiria nunca. (*Pega-a pela cintura.*) A senhora é um vinho quente, com fortes temperos, e um beijo seu... (*Procura arrastá-la para fora, mas ela, lentamente, se desprende dêle.*)

JÚLIA

Solte-me! Não me conseguirá dêsse modo!

JEAN

De que modo, então? Não assim? Não com carinho e boas palavras, não, pensando no futuro, salvando-a da vergonha? De que modo, então?

JÚLIA

De que modo? De que modo? Não sei. De modo nenhum. Detesto você, como detesto os ratos, mas não posso fugir-lhe!

JEAN

Fuja comigo!

JÚLIA (*Arrumando-se.*)

Fugir! Sim, vamos fugir! Mas estou muito cansada. Dê-me um copo de vinho. (*Jean serve-lhe o vinho. Ela olha para o relógio.*) Antes, porém, falemos. Ainda temos algum tempo. (*Esvazia o copo e o estende para que êle torne a servi-la.*)

JEAN

Não beba tanto, senão ficará embriagada.

JÚLIA

Que mal haveria nisso?

JEAN

Que mal haveria? Embriagar-se é vulgar. Que queria me dizer, então?

JÚLIA

Fugiremos. Mas, antes, precisamos falar, isto é, eu vou falar, porque até aqui falou sòmente você. Você me contou a sua vida; agora, quero lhe contar a minha, para que nos conheçamos a fundo, antes de nos pormos juntos a caminho.

JEAN

Um momento! Desculpe! Reflita bem se, depois, não irá se arrepender de ter renunciado aos seus segredos.

JÚLIA

Você não é meu amigo?

JEAN

Sim, às vêzes. Mas não confie muito em mim.

JÚLIA

Diz isso por dizer... De resto, tôda gente conhece os meus segredos. Minha mãe não era de origem nobre; era, até, de família bem modesta. Tinha sido educada de acôrdo com as teorias do seu tempo sôbre a igualdade e a liberdade da mulher, etcétera; e tinha uma decidida aversão pelo casamento. Assim, quando meu pai pediu a sua mão, ela respondeu que não desejaria nunca se tornar sua espôsa... Mesmo assim, acabóu se casando com êle. Eu nasci, pelo que compreendi, contra a vontade de minha mãe. Ela quis me educar na natureza, ao ar livre; eu devia, até, aprender tudo o que aprendem os rapazes, para me tornar um exemplo de que a mulher é igual ao homem. Tive de andar vestida como um rapaz e aprender a cuidar dos cavalos, mas sem pôr os pés no estábulo; tive de escovar e arrear os cavalos, ir à caça e, mesmo, procurar aprender agricultura. Nas nossas terras, entregava-se aos homens o trabalho das mulheres e

às mulheres, o trabalho dos homens — com o resultado de que a propriedade quase foi à ruína e nos tornamos o ridículo da região. No fim, meu pai deve ter acordado do sortilégio e se rebelou; e tudo foi modificado conforme os seus desejos. Minha mãe adoeceu, não sei de que doença; tinha crises freqüentes, encondia-se no sótão ou no parque, às vêzes ficava fora de casa durante a noite tôda. Então, ocorreu o grande incêndio, do qual você ouviu falar. A casa, a cocheira, o estábulo foram destruídos em circunstâncias que fizeram suspeitar um incêndio criminoso, pois a desgraça se verificou logo no dia seguinte ao do vencimento da apólice do seguro e o prêmio para renová-la, enviado por meu pai, foi atrasado por negligência do portador e não chegou a tempo. (*Enche o copo e bebe.*)

JEAN

Pare de beber!

JÚLIA

Ora, que tem isso de mal?... Ficamos sem teto e tivemos de dormir nas carruagens. Meu pai não sabia onde achar o dinheiro para reconstruir a propriedade. Então, minha mãe lhe aconselhou que o pedisse emprestado a um amigo dela, um amigo de infância, dono de uma olaria aqui das redondezas. Meu pai pediu o empréstimo, que obteve sem juros, coisa que lhe pareceu estranha. E, assim, a propriedade foi reconstruída. (*Torna a beber.*) Sabe quem é que tinha ateado o fogo?

JEAN

A senhora sua mãe!

JÚLIA

Sabe quem era o dono da olaria?

JEAN

O amante de sua mãe?

JÚLIA

Sabe de quem era o dinheiro?

JEAN

Espera um pouco... Não, isso não sei.

JÚLIA

Era de minha mãe.

JEAN

Então, era também do senhor Conde, se não havia separação de bens.

JÚLIA

Não havia separação de bens. Mas minha mãe possuía um pequeno pecúlio, que não queria deixar sob a administração de meu pai e, por isso, o havia depositado nas mãos do... do seu amigo.

JEAN

Que tinha ficado com êle!

JÚLIA

Justamente! Tinha ficado com êle! Tudo isso chegou ao conhecimento de meu pai; mas êle não podia intentar um processo nem pagar o amante de sua mulher e, tampouco, demonstrar que o dinheiro era dela! Tinha sido a vingança de minha mãe, por ter êle assumido o domínio em casa. Meu pai estêve a pique de

se matar. Correu, mesmo, o boato de que o tentou, mas que errou o tiro. Recuperou-se, porém, e minha mãe teve de pagar caro o que tinha feito. Foram cinco anos que não lhe digo, para mim! Eu me sentia a favor de meu pai; apesar disso, porém, tomei o partido de minha mãe, porque não conhecia os fatos. Dela tinha aprendido a desconfiar dos homens e a odiá-los — porque, como você já deve saber, ela odiava os homens — e lhe jurei que jamais me tornaria escrava de um homem.

JEAN

E, depois, ficou noiva do procurador da coroa!

JÚLIA

Justamente, para fazer dêle o meu escravo.

JEAN

Mas êle não quis.

JÚLIA

Talvez quisesse, mas não teve ocasião. Eu me cansei dêle.

JEAN

Sim, eu vi, no pátio das cavalariças.

JÚLIA

Viu o quê?

JEAN

Vi como êle desmanchou o noivado.

JÚLIA

Mentira! Eu é que desmanchei. O patife disse que foi êle?

JEAN

Não era nenhum patife... A senhora tem ódio dos homens, senhorita Júlia?

JÚLIA

Sim, em geral. Mas, às vêzes... quando fraquejo... Que vergonha!

JEAN

Tem ódio de mim também?

JÚLIA

Um ódio imenso! Gostaria de mandar abater você como um animal...

JEAN

Como se mata um cão raivoso, não é assim?

JÚLIA

Exatamente.

JEAN

Mas, aqui, não há nada com que se atirar e, também, não há nenhum cão. Que vamos fazer, então?

JÚLIA

Vamos partir.

JEAN

Para nos atormentarmos um ao outro até à morte?

JÚLIA

Não. Para têrmos prazer, durante dois dias, oito dias, tanto tempo quanto fôr possível e, depois, morrer...

JEAN

Morrer? É muito estúpido! Aí, eu acho melhor abrir um hotel.

JÚLIA (*Sem lhe prestar ouvidos.*)

... no lago de Como, onde o sol brilha sempre, onde os loureiros estão verdes também no Natal e as laranjas brilham...

JEAN

O lago de Como é um buraco, onde não faz outra coisa senão chover, e laranjas, por lá, eu só vi nas lojas de comestíveis finos. Mas é um bom lugar para forasteiros; há uma quantidade de palacetes, que se alugam aos casais de amantes, e isso constitui uma indústria muito rendosa. Sabe por quê? Porque os contratos de aluguel são feitos por seis meses e os casais vão-se embora depois de três semanas.

JÚLIA (*Ingênua.*)

Por quê, depois de três semanas?

JEAN

Porque brigam, é claro. Mas o aluguel tem de ser pago assim mesmo. Aí o palacete é alugado a outro

casal e assim por diante, porque o que não falta é amor, se bem que não dura muito.

JÚLIA

E você não quer morrer comigo?

JEAN

Não quero morrer de jeito nenhum! Não só porque gosto de viver, mas também porque considero o suicídio um crime contra a Divina Providência, que nos deu a vida.

JÚLIA

Você acredita em Deus? Você?

JEAN

É claro que acredito! Vou à igreja um domingo sim e outro não. Mas agora, para falar francamente, estou cansado disto tudo e vou me deitar.

JÚLIA

Ah, é assim? E você pensa que eu vou me dar por satisfeita com isso? Você sabe o que um homem deve à mulher que desonrou?

JEAN

(*Saca a bôlsa do dinheiro e atira uma moeda de prata para cima da mesa.*)

Aí tem! Não gosto de dever nada a ninguém.

JÚLIA (*Sem tomar conhecimento do insulto.*)

Sabe o que manda a lei?

JEAN

Infelizmente, a lei não prevê nenhuma penalidade contra a mulher que seduz um homem!

JÚLIA

Vê você alguma outra solução, que não seja partirmos, casar-nos e nos divorciar?

JEAN

E se eu recusar me prestar a êsse casamento desigual?

JÚLIA

Desigual?

JEAN

Sim, para mim. Fique sabendo que tenho antepassados mais distintos do que os seus, porque na minha família nunca houve incendiários.

JÚLIA

Como é que você sabe?

JEAN

A senhora não pode saber o contrário, pois nós não temos árvore genealógica, a não ser na polícia. Mas eu vi a sua árvore genealógica, num livro, sôbre a mesa da sala de visitas. Sabe quem foi o fundador da sua família? Um moleiro. O rei dormiu uma noite com a mulher dêle, durante a guerra contra a Dinamarca. Eu não tenho antepassados dessa espécie; não os tenho de espécie alguma, mas posso me tornar o antepassado de alguém.

JÚLIA

Aí está o que lucrei, abrindo o meu coração a um ser indigno, sacrificando a honra da minha família.

JEAN

A desonra da sua família! É o que lhe digo! Não se deve beber demais, porque, então, se fala demais. E não se deve falar demais.

JÚLIA

Oh, como me arrependo! Como me arrependo! Se, ao menos, você me amasse!

JEAN

Pela última vez, que pretende de mim? Quer que chore, quer que pule por cima do seu chicote, quer que a beije, quer que a convença manhosamente a ir comigo, por três semanas, para o lago de Como e... que mais? Que quer de mim? Isto começa a ficar embaraçoso. É sempre assim, quando a gente mete o nariz em histórias de mulheres, senhorita Júlia! Vejo que a senhora é infeliz, sei que sofre, mas não posso compreendê-la. Nós não fazemos tantas partes, nós não nos odiamos. O amor, para nós, é um passatempo, quando o trabalho permite, mas não dispomos, como a senhora, do dia e da noite tôda! Penso que a senhora está doente. Certamente, está doente.

JÚLIA

É preciso que você seja bondoso comigo; agora, vejo que fala como um ser humano.

JEAN

Mas seja humana também. Primeiro, cospe em cima de mim e, depois, não quer que eu me limpe na sua roupa!

JÚLIA

Ajude-me, ajude-me, diga-me o que devo fazer, para onde devo ir!

JEAN

Pelo amor de Deus! Como se eu soubesse!

JÚLIA

Eu estava fora de mim!... Mas não haverá salvação?

JEAN

Fique por aqui e acalme-se. Ninguém sabe de nada.

JÚLIA

Impossível! O pessoal sabe e Cristina também sabe.

JEAN

Não sabem e jamais poderiam acreditar em semelhante coisa.

JÚLIA (*Hesitando.*)

Mas... pode acontecer outra vez.

JEAN

É verdade!

JÚLIA

E as conseqüências?

JEAN (*Alarmado.*)

As conseqüências? Onde estava eu com a cabeça, que não pensei nisso? Bem, então há sòmente uma coisa a fazer. Parta! Imediatamente! Eu não a acompanharei, senão tudo estaria perdido. A senhora deve partir sòzinha, para longe, para onde quiser...

JÚLIA

Sòzinha? Para onde? Não posso.

JEAN

É preciso! E antes que o senhor Conde volte. Se ficar aqui, já sabe o que acontecerá. Quando se praticou um êrro, deseja-se continuar, pois o mal já está feito... A pessoa se torna cada vez mais imprudente e, no fim, é descoberta. Por isso, parta! Mais tarde, escreverá ao senhor Conde, confessando tudo — menos que fui eu! E isso êle não poderá adivinhar. E também não creio que tenha mais vontade de vir a saber.

JÚLIA

Partirei, se você me acompanhar.

JEAN

Está doida, mulher? A senhorita Júlia fugir com o criado? Depois de amanhã estaria em todos os jornais e o senhor Conde não sobreviveria ao golpe.

JÚLIA

Não posso partir!... Não posso ficar!... Ajude-me! Sinto-me tão cansada, tão infinitamente cansada! Dê-me ordens! Ponha-me em movimento, pois não posso mais pensar nem agir.

JEAN

Está vendo como é covarde? Para que, então, êsses ares todos e essa arrogância, como se fôssem os donos do mundo? Pois muito bem, vou lhe dar ordens! Suba, vista-se, apanhe dinheiro para a viagem e torne a descer.

JÚLIA (*Em voz baixa.*)

Suba comigo.

JEAN

Para o seu quarto? Ficou outra vez doida? (*Hesita um pouco.*) Não, vá, imediatamente. (*Pega-lhe a mão e a conduz para fora.*)

JÚLIA (*Enquanto sai.*)

Então, fale comigo em tom amigável.

JEAN

Uma ordem nunca tem tom amigável. Assim, aprende. (*Ficou sòzinho. Solta um suspiro de alívio, senta-se à mesa, saca um caderninho de apontamentos e um lápis e, em voz alta, entra a fazer contas, de onde em onde. Cena muda até Cristina chegar, vestida para ir à igreja e trazendo na mão uma capa de homem e uma* écharpe *branca.*)

CRISTINA

Meu Deus do céu! Em que estado está isto aqui! Que é que andaram fazendo?

JEAN

Foi a senhorita Júlia que fêz o pessoal entrar. Você dormiu tão pesadamente que não ouviu nada?

CRISTINA

Dormi como um tôco de pau.

JEAN

Já está vestida para ir à igreja?

CRISTINA

Sim. Você me tinha prometido que hoje ia comungar comigo.

JEAN

Ah, sim, é mesmo! Trouxe aí os meus paramentos, hem? Bem, vamos a isso! (*Senta-se. Cristina começa a vestir-lhe a capa e a* écharpe. *Pausa. No tom de quem está com sono.*) Qual é o Evangelho de hoje?

CRISTINA

Penso que é sôbre a degolação de João Batista.

JEAN

Deverá ser muito demorado... Cuidado, você me estrangula!... Oh, estou com um sono, estou com um sono!

CRISTINA

Mas o que foi que você fêz a noite tôda? Sua cara está verde!

JEAN

Fiquei aqui, conversando com a senhorita Júlia.

CRISTINA

Essa mulher não tem realmente nenhum respeito das conveniências (*Uma pausa.*)

JEAN

Escute, Cristina...

Que é?

JEAN

Pensando bem, afinal, é muito esquisito... Ela!?

CRISTINA

O que é que é esquisito?

JEAN

Tudo. (*Uma pausa.*)

CRISTINA (*Olhando os copos meio vazios sôbre a mesa.*)

Vocês bebêram juntos, também?

JEAN

Bebemos.

CRISTINA

Que pouca vergonha! Olhe para mim, bem nos olhos!

JEAN

Sim.

CRISTINA

Será possível? Será possível?

JEAN (*Após curta reflexão.*)

É, sim.

CRISTINA

Isso eu nunca teria acreditado! Que pouca vergonha! Que pouca vergonha!

JEAN

Você não está com ciúme dela, não é?

CRISTINA

Não, dela não. Se tivesse sido com Clara ou Sofia, eu teria arrancado os olhos da sua cara. Não sei por quê, mas é assim... Mas que horror!

JEAN

Você está furiosa contra ela?

CRISTINA

Não, contra você! Foi mal feito, foi muito mal feito! Pobre menina! Francamente, não quero mais ficar nesta casa, onde nem sequer posso respeitar os patrões.

JEAN

Por que se deveria respeitá-los?

CRISTINA

Diga você, que é tão sabido. Você não vai querer servir pessoas que se portam de modo tão indecente, não é? Acho que nos rebaixaríamos.

JEAN

Sim, mas é uma consolação sabermos que os outros não são nada melhores do que nós.

CRISTINA

Não acho, porque, se não são melhores, então não há mais nenhum motivo para procurarmos nos tornar

como êles. E pense no senhor Conde, que já sofreu tanto! Não, não quero mais ficar nessa casa. E, de mais a mais, com um sujeito como você... Se ao menos tivesse sido o procurador da coroa, se tivesse sido alguém da mesma classe dela!

JEAN

Que é que você está dizendo?

CRISTINA

Sim, sim, você não é nada mau, a seu modo, mas, ainda assim, há uma diferença, entre nós e êles... Não, isso eu não esquecerei nunca. A senhorita Júlia, tão orgulhora, tão ríspida com os homens! Quem acreditaria que pudesse se entregar a alguém como você? Ela, que quase matou a pobre Diana, só porque corria atrás do cachorrinho do porteiro! Que coisa!... Mas aqui é que não vou ficar. Assim que terminar o meu prazo, vou embora.

JEAN

E depois?

CRISTINA

Já que tocamos no assunto: penso que está na hora de você procurar outro trabalho, visto que temos de nos casar.

JEAN

Mas que trabalho? Casado, nunca poderei conseguir um emprêgo como êste.

CRISTINA

É claro que não! Mas penso que você poderia arranjar um lugar de porteiro ou de contínuo numa reparti-

ção pública. O que o Govêrno dá é pouco, mas é seguro e há uma pensão para a viúva e para os filhos.

JEAN (*Com uma careta.*)

Tudo isso está muito bem, mas eu não sou do gênero dos que pensam logo em morrer pela espôsa e pelos filhos. Confesso que as minhas miras eram mais elevadas.

CRISTINA

As suas miras! Você tem também obrigações. Pense nelas!

JEAN

Pare de me irritar com essa história de obrigações! Sei perfeitamente o que devo fazer! (*Aplica o ouvido.*) Temos tempo de sobra para pensar nisso. Agora, vá se preparar para irmos à igreja.

CRISTINA

Quem é que está andando lá em cima?

JEAN

Não sei, talvez seja Clara.

CRISTINA (*Saindo.*)

Não me diga que é o senhor Conde, que voltou sem que ninguém ouvisse!

JEAN (*Assustado.*)

O Conde? Não pode ser. Teria tocado a campainha.

CRISTINA (*Enquanto sai.*)

Deus nos acuda! Nunca me vi numa trapalhada dessas!

(*O sol já se levantou e brilha no cimo das árvores do parque; a luz gira aos poucos até penetrar de viés pelas janelas. Jean vai até à porta e faz um sinal. Júlia, em trajes de viagem, entra, trazendo uma pequena gaiola, coberta com um pano, que pousa numa cadeira.*)

JÚLIA

Estou pronta.

JEAN

Psiu! Cristina está acordada.

JÚLIA (*Muito nervosa durante a cena tôda.*)

Ela desconfiou de alguma coisa?

JEAN

Não sabe de nada. Mas, meu Deus, que cara!

JÚLIA

Como, que cara?

JEAN

Está pálida como um cadáver; e, desculpe, tem o rosto sujo.

JÚLIA

Pois, então, vou me lavar. (*Vai até à pia e lava as mãos e o rosto.*) Dê-me uma toalha. Ah, o sol está nascendo!

JEAN

E, assim, o bicho-papão estoura!

JÚLIA

Sim... Andou muito bicho-papão à sôlta, esta noite! Escute, Jean. Venha comigo: agora, tenho o dinheiro...

JEAN (*Hesitando.*)

Será suficiente?

JÚLIA

Para o comêço, sim. Venha comigo! Hoje, não posso viajar sòzinha. Pense só, no dia de São João, num trem sufocante, espremida no meio de uma multidão que fica fitando a gente, e as paradas nas estações, quando se teria vontade de voar! Não, não posso, não posso. E virão as recordações, os dias de São João da minha infância, com a igreja enfeitada de fôlhas de bétula e lilases, a mesa posta para o almôço com amigos e parentes; e as tardes no parque, as danças, músicas, flôres e jogos... Ah, pode-se fugir, mas as recordações nos seguem no bagageiro, com o arrependimento e os remorsos...

JEAN

Vou acompanhá-la, imediatamente, antes que seja tarde. Já, já.

JÚLIA

Então, vista-se. (*Pega a gaiola.*)

JEAN

Mas nada de bagagem. Serviria sòmente para nos trair.

JÚLIA

Está bem. Só aquilo que se pode levar no compartimento.

JEAN (*Que pegou o chapéu.*)

Que é isso aí?

JÚLIA

É apenas o meu verdelhão. Não quero deixá-lo aqui.

JEAN

Era só o que faltava! Carregar uma gaiola de passarinho! Está doida? Largue isso!

JÚLIA

É a única coisa que levo da minha casa, a única criatura viva que me quer bem, depois que Diana me foi infiel! Não seja cruel! Deixe-me levá-lo!

JEAN

Largue essa gaiola, repito, e não fale em voz alta. Cristina pode ouvir.

JÚLIA

Não, não quero deixá-lo em mãos de estranhos. Prefiro que você o mate.

JEAN

Dá cá o bicho. Vou cortar a cabeça dêle.

JÚLIA

Sim, mas não o faça sofrer... Não, não posso!

JEAN

Dá cá. Eu posso.

JÚLIA (*Tira o passarinho da gaiola e o beija.*)

Minha pequena Serine, vais morrer e deixar a tua dona?

JEAN

Por favor, nada de cenas. Estão em jôgo a sua vida e o seu bem-estar. Depressa. (*Arranca-lhe o pássaro das mãos, leva-o para o cepo de cortador e pega a machadinha. Júlia volta a cabeça para o outro lado.*) Deveria é ter aprendido a matar galinhas, em lugar de atirar de pistola! (*Corta a cabeça do pássaro.*) Assim, não desmaiaria só à vista de um pouco de sangue!

JÚLIA (*Gritando.*)

Mate-me a mim também! Mate-me! Você, que sabe degolar um bichinho inocente, sem que lhe tremam as mãos! Oh, eu o detesto, eu o odeio! Há sangue entre nós! Maldigo a hora em que o vi, maldigo a hora em que fui gerada no ventre de minha mãe!

JEAN

Para quê, essas maldições tôdas? Vá andando!

JEAN

JÚLIA (*Aproxima-se do cepo, como que atraída contra a sua vontade.*)

Não, ainda não quero ir. Não posso... preciso ver... Psiu! Há uma carruagem chegando lá fora... (*Fica à escuta, com os olhos cravados na machadinha.*) Então, você pensa que não posso ver sangue? Pensa que sou tão fraca!... Oh, eu gostaria de ver o seu sangue, os seus miolos num cepo e todo o sexo masculino nadar num lago como êsse... Creio que eu poderia beber no

seu crânio, creio que poderia lavar os meus pés no seu peito e comer o seu coração! Você pensa que sou covarde, pensa que o amo porque o meu ventre desejava a sua semente, pensa que quero carregar as suas crias nas minhas entranhas e alimentá-las com meu sangue... Dar à luz um filho seu e tomar o seu nome de família? A propósito, como é mesmo que você se chama? Nunca ouvi o seu nome de família; talvez nem tenha. Eu me tornaria a senhora Portaria ou senhora Monturo, hem, cachorro que usa minha coleira, lacaio que tem minha marca nos botões! Eu, partilhar um homem com a minha cozinheira, ser a rival da minha própria empregada! Ah! Ah! Ah! Pensa que sou covarde e quero fugir! Não, agora, vou ficar — e que a trovoada desabe de uma vez! Meu pai vai voltar, vai encontrar a escrivaninha aberta e o dinheiro desaparecido! Aí, pegará a tocar essa campainha... dois toques, para o criado, e, depois, mandará chamar a polícia... E eu contarei tudo, tudo! Ah, que prazer acabar com isso, se realmente fôr o fim! Então, êle terá um ataque apoplético e morrerá. E será o fim para todos nós... E, depois, será o sossêgo, a paz, o repouso eterno! O brasão será quebrado contra o ataúde, a estirpe do Conde se terá extinguido... Mas a descendência do criado continuará, num orfanato... para, depois, colhêr lauréis na sarjeta e acabar na cadeia!

JEAN

Aí está o sangue azul que se manifesta. Muito bem, senhorita Júlia. Mas, agora, vamos parar com isso, sim? (*Cristina entra, vestida para ir à igreja e trazendo na mão o livro dos hinos. Júlia corre ao seu encontro e atira-se nos seus braços como que em busca de um refúgio.*)

JÚLIA

Ajude-me, Cristina! Ajude-me contra êsse homem!

CRISTINA (*Fria, imóvel, sem se deixar comover.*)

Bonito espetáculo, para um dia de festa! (*Olha o cepo.*) Que porcaria é essa? Que vem a ser isso tudo? E essa gritaria, êsse berreiro?

JÚLIA

Cristina, você é mulher e é minha amiga! Tome cuidado com êsse miserável!

JEAN (*Um pouco acanhado e sem jeito.*)

Enquanto as senhoras ficam aí discutindo, vou fazer minha barba. (*Sai sorrateiramente à D.*)

JÚLIA

Você vai me compreender, você vai me ouvir!

CRISTINA

Não, francamente, não compreendo essas palhaçadas! Aonde vai a senhora, vestida assim, de viagem? E êle, com o chapéu na cabeça, hem?

JÚLIA

Ouça-me, Cristina, escute, vou lhe contar tudo...

CRISTINA

Não quero saber de nada.

JÚLIA

É preciso que você me ouça...

CRISTINA

De que se trata? Das suas tolices com Jean? Pois não me importam nada, não é coisa da minha conta. Mas se

a senhora pensa em instigá-lo a fugir, eu ponho um paradeiro nisso.

JÚLIA (*Extremamente nervosa.*)

Vamos, procure ficar calma, Cristina, e escutar-me. Eu não posso ficar aqui e Jean também não; assim, é preciso partirmos.

CRISTINA

Hum!... Hum!...

JÚLIA (*Animando-se.*)

Ouça, agora, tenho uma idéia... Se viajássemos todos os três, para o estrangeiro, para a Suíça, e montássemos juntos um hotel... Eu tenho dinheiro, ouviu? Eu e Jean dirigiríamos o negócio e você — foi isso o que pensei — poderia tomar conta da cozinha... Não seria ótimo?... Diga que sim! Venha conosco e tudo entrará nos eixos... Diga que sim! (*Abraça Cristina, afagando-lhe a face.*)

CRISTINA (*Fria e pensativa.*)

Hum... Hum...

JÚLIA (*Apressadamente.*)

Você nunca estêve no estrangeiro, Cristina; é preciso que veja um pouco o resto do mundo. Não pode imaginar como é divertido viajar de trem... Gente nova, a todo o momento... novas terras... E chegaremos a Hamburgo e, de passagem, daremos uma volta no jardim zoológico... Você vai gostar... Iremos ao teatro, à ópera... e, quando chegarmos a Munique, teremos os museus, sabe? Os quadros de Rubens, de Rafael, de todos êsses grandes pintores que você sabe... Você ouviu falar de Munique, não ouviu? Onde vivia o rei Luís, o

rei que enlouqueceu... E visitaremos o seu castelo... Ainda existem os seus castelos, mobiliados como nos contos de fadas. E dali até à Suíça e os Alpes não é longe. Imagine só, os Alpes cobertos de neve em pleno verão; e por lá crescem as laranjeiras e os loureiros, que ficam verdes o ano todo...

(*Vê-se Jean, na coxia à D., afiando a navalha numa tira de couro, que segura com os dentes e com a mão esquerda. Êle fica escutando satisfeito a conversa e, de vez em quando, faz com a cabeça um sinal de aprovação. A celeridade do ritmo da fala de Júlia aumenta ainda mais.*)

E, depois, abrimos um hotel e eu fico sentada no escritório, enquanto Jean recebe os hóspedes, sai para fazer compras, escreve cartas... Isso sim, que é vida, você pode crer! Os trens apitam, os ônibus chegam, as campainhas tocam nos quartos e no restaurante, eu preparo as contas e bem salgadas... Você não imagina como os hóspedes ficam tímidos, quando devem pagar a conta. E você fica na cozinha. Naturalmente, não vai ser preciso você mesma cozinhar... Você terá de andar bem vestida, quando se mostrar às pessoas; e, com seu aspecto — não a estou lisonjeando — poderá perfeitamente pegar um marido, um belo dia! Um inglês rico, por exemplo... É uma gente fácil (*Diminui de velocidade.*) de fisgar... E ficaremos ricos, construiremos um palacete no lago de Como... É verdade que, de vez em quando, chove um pouco por lá, mas... (*Ainda mais devagar.*) Acho que, às vêzes, o sol também brilha, mesmo se tudo parece sombrio... Além disso, sempre poderemos voltar... (*Pausa.*) Para aqui ou outro qualquer lugar...

CRISTINA

Escute uma coisa. Será que a senhora acredita mesmo nisso?

JÚLIA (*Aniquilada.*)

Se acredito?

CRISTINA

Sim!

JÚLIA (*Extenuada.*)

Não sei. Não acredito mais em nada. (*Deixa-se cair no banco, apoiando a cabeça, entre os braços, em cima da mesa.*) Em nada! Absolutamente nada!

CRISTINA (*Volta-se para à D., onde se encontra Jean.*)

Ah! Ah, então você queria fugir, hem?

JEAN (*Atrapalhado, pousando a navalha sôbre a mesa.*)

Fugir? Não é bem o têrmo. Você ouviu o plano da senhorita Júlia; e, por mais que ela esteja cansada, agora, porque passou a noite em claro, é um plano perfeitamente realizável.

CRISTINA

Escute, homem. Você pensa que eu iria fazer de cozinheira para essa...?

JEAN (*Sêco.*)

Faça o favor de empregar uma linguagem educada, quando fala de sua patroa, ouviu?

CRISTINA

Minha patroa?

JEAN

Sim!

CRISTINA

Ouça só como êle fala!

JEAN

Ouça você, que está precisando, e fale menos. A senhorita Júlia é a sua patroa; e, pelo mesmo motivo por que, agora, a despreza, você deveria é se desprezar a você mesma.

CRISTINA

Eu sempre soube me dar ao respeito...

JEAN

Sim, para poder desrespeitar os outros.

CRISTINA

Para não descer nunca abaixo da minha condição. Diga lá se a cozinheira do senhor Conde se meteu, algum dia, com o môço da estrebaria ou com o guardador de porcos! Diga!

JEAN

Não, você tratou com um homem fino, foi essa a sua sorte.

CRISTINA

Sim, sem dúvida, é um homem fino, o que vende às escondidas a aveia das cocheiras do senhor Conde!

JEAN

Logo você é que devia falar nisso, você, que leva uma comissão do armazém e se deixa subornar pelo açougueiro!

CRISTINA

Que é isso, hem?

JEAN

E é você que não pode mais respeitar seus patrões! Logo você!

CRISTINA

Você vem comigo à igreja? Depois da sua proeza, bem que está precisando de um bom sermão.

JEAN

Não, hoje não vou à igreja. Vá você sòzinha e confesse as suas proezas.

CRISTINA

Sim, é o que farei e voltarei com absolvição que baste também para as suas. O Salvador sofreu e morreu na cruz pelos nossos pecados e, se nos aproximamos Dêle com fé e o coração arrependido, Êle toma sôbre si tôdas as nossas culpas.

JEAN

Incluindo os pecados com o armazém?

JÚLIA

Você acredita nisso, Cristina?

CRISTINA

É a minha fé, tão certo como eu estar aqui em pé. É a fé que ensinaram quando eu era criança e que conservei durante a juventude, senhorita Júlia. Onde o pecado transborda, transborda também a graça divina.

JÚLIA

Oxalá eu tivesse a sua fé! Quem me dera!

CRISTINA

Sim, mas não pode consegui-la sem a graça especial de Deus; e essa não é concedida a todos.

JÚLIA

A quem é concedida?

CRISTINA

Êsse é o grande mistério da graça, senhorita Júlia. Deus não toma em consideração a importância das pessoas, pois os últimos serão os primeiros...

JÚLIA

Nesse caso, toma em consideração os últimos?

CRISTINA (*Continuando.*)

É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, que entrar um rico no reino dos céus. É assim, senhorita Júlia! Agora, vou-me embora, sòzinha; e, no caminho, direi ao empregado da estrebaria que não entregue cavalos a ninguém, para o caso de alguém querer partir antes da chegada do senhor Conde. Adeus. (*Sai.*)

JEAN

Demônio de mulher! Tudo isso por causa de um passarinho!

JÚLIA (*Apática.*)

Deixe estar o passarinho. Você vê alguma saída para o caso, alguma solução?

JEAN (*Após refletir.*)

Não.

JÚLIA

Que é que você faria, no meu lugar?

JEAN

No seu lugar? Espere... Como fidalga decaída?... Não sei... Sim, já sei!

JÚLIA (*Apanha a navalha e faz um gesto.*)

Isso?

JEAN

Sim... eu não faria, note bem! Mas é que existe uma diferença entre nós dois.

JÚLIA

Só porque você é um homem e eu, uma mulher? Que diferença há nisso?

JEAN

A mesma diferença que... entre um homem e uma mulher.

JÚLIA (*Segurando a navalha.*)

Pois eu quero fazê-lo. Mas não posso. Meu pai também não pôde, naquela vez, quando devia.

JEAN

Não, não devia fazê-lo. Precisava, antes, vingar-se.

JÚLIA

E, agora, é novamente minha mãe quem se vinga, por meu intermédio.

JEAN

A senhora nunca amou seu pai, senhorita Júlia?

JÚLIA

Sim, infinitamente, mas, também, acho que o odiei. Devo tê-lo odiado sem perceber. Foi êle quem me educou no desprêzo do meu próprio sexo, fazendo de mim uma meia mulher e um meio homem. De quem é a culpa do que aconteceu? De meu pai, de minha mãe, minha própria? Minha própria? Eu não tenho um ser próprio. Não tenho um só pensamento que não recebesse de meu pai, nem uma só paixão que não recebesse de minha mãe; e esta última idéia, de que todos os homens são iguais, eu a recebi dêle, do meu noivo, e é por isso que o chamo de miserável. Como poderia ser minha culpa? Descarregar a culpa sôbre Jesus, como fêz Cristina? Não, para isso sou demasiado orgulhosa e inteligente, graças aos ensinamentos de meu pai. E que um rico não pode entrar no reino dos céus, é mentira. Em todo o caso, Cristina, que juntou dinheiro na Caixa Econômica, não entrará lá. De quem é a culpa? Que importância tem, de quem seja a culpa! No final em que é que tenho de suportá-la, de suportar suas conseqüências...

JEAN

Sim, mas... (*Ouvem-se dois enérgicos toques de campainha. Júlia levanta-se abruptamente. Jean muda de casaco.*) o senhor Conde está em casa! Pense só se Cristina... (*Vai até o tubo acústico, bate e fica à escuta.*)

JÚLIA

Será que êle já abriu a escrivaninha?

JEAN

Aqui é Jean, senhor Conde! (*Fica à escuta. O público não ouve o que diz o Conde.*) Sim, senhor Conde. (*Fica à escuta.*) Sim, senhor Conde. Agora mesmo. (*Fica à escuta.*) Imediatamente, senhor Conde! (*Fica à escuta.*) Perfeitamente. Dentro de meia hora.

JÚLIA (*Aflitíssima.*)

Que disse êle? Meu Deus, que disse?

JEAN

Mandou que lhe leve as botas e o café daqui a meia hora.

JÚLIA

Ah, daqui a meia hora!... Como me sinto cansada! Não tenho fôrça para fazer nada! Não tenho fôrça para me arrepender nem para fugir nem para ficar nem para viver... nem para morrer. Ajude-me, agora! Dê-me ordens e eu lhe obedecerei como um cão. Preste-me êste derradeiro serviço, salve a minha honra, salve o nome de meu pai. Você sabe muito bem o que eu deveria querer... mas não quero... Queira-o você, dê-me ordem de fazê-lo!

JEAN

Não sei... Agora, também não posso. Não compreendo: é como se êste casaco fizesse com que... Não posso dar ordens à senhora; e, agora, desde que o senhor Conde falou comigo — não sei explicar direito... Oh, é o maldito lacaio que não sai de dentro de mim!... Acho que se o senhor Conde descesse, agora, e me mandasse cortar meu pescoço, eu o faria no mesmo instante.

JÚLIA

Então, finja que você é êle e que eu sou você. Ainda há pouco, você soube representar tão bem, quando se pôs de joelhos e se fazia de fidalgo... Ou, então... Nunca viu, no teatro, um hipnotizador? (*Sinal afirmativo de Jean.*) Êle diz à pessoa: "Pegue a vassoura", e a pessoa pega a vassoura; diz: "Varra", e a pessoa varre...

JEAN

Mas a pessoa deve estar adormecida!

JÚLIA (*Como em transe.*)

Eu já estou adormecida... Vejo o quarto como através de fumaça... Você tem o aspecto de uma estufa de ferro que se pareça com um homem, trajando roupa preta e cartola... Os seus olhos brilham como brasa, quando o fogo se apaga... e o seu rosto é uma mancha esbranquiçada, como cinza... (*O sol, agora, ilumina o chão e atingiu Jean.*) Faz um calorzinho bom... (*Esfrega as mãos como diante do fogo.*) Está tudo tão claro e calmo!

JEAN (*Apanha a navalha e coloca-a nas mãos dela.*)

Aqui tem a vassoura! E, agora, enquanto raia o dia, vá até o celeiro e... (*Cochicha-lhe qualquer coisa ao ouvido.*)

JÚLIA (*Acordando.*)

Obrigada! Agora, irei... repousar. Mas diga-me que os primeiros também podem receber o dom da graça divina. Diga, mesmo se não acredita!

JEAN

Os primeiros? Não, isso não posso dizer! Mas espere, senhorita Júlia, agora, já sei. A senhora não está mais entre os primeiros, está entre os últimos!

JÚLIA

É verdade! Estou entre os últimos; sou a última. Oh! Mas agora, não posso mais ir... Diga-me outra vez que devo ir...

JEAN

Não, agora também não posso mais. Não posso!

JÚLIA

E os primeiros serão os últimos.

JEAN

Não pense, não pense! Assim, está tirando também minha fôrça tôda e eu me torno covarde... Hem? Pareceu-me que a campainha se mexeu! Não! Vamos pôr um pouco de papel dentro dela? É possível se ter tanto mêdo de uma campainha? Sim, mas essa não é uma campainha comum... Há alguém atrás dela... A mão de alguém, que a faz se mexer, e outra coisa, que faz mexer a mão. A gente tapa simplesmente os ouvidos... tapa os ouvidos! E, então, ela toca mais alto! E continua a tocar até que a gente responda... E, então, é tarde demais... vem a polícia... e, então... (*Dois enérgicos toques de campainha, Jean sobressalta-se ao som, mas, depois, reergue-se.*) É horrível, mas não há outra solução. Vá! (*Júlia sai decidida pela porta.*)

PANO

O PAI

Tradução de:

BIRGITTA LAGERBLAD DE OLIVEIRA

PERSONAGENS

ADOLF, capitão de cavalaria

LAURA, sua mulher

BERTA, a filha de ambos

Dr. ÖSTERMARK

O PASTOR

A AMA

NÖJD

O ORDENANÇA

PRIMEIRO ATO

Sala de estar em casa do Capitão. Porta ao fundo, à direita. No centro da cena, mesa grande e redonda, com jornais e revistas. À direita, um sofá de couro e uma mesa. No canto direito, uma porta revestida de papel de parede. À esquerda, escrivaninha com relógio de pêndulo; porta que dá para o interior da casa. Nas paredes, armas, espingardas e mochilas de caça. Junto à porta, cabides com sobretudos de uniformes. Na mesa grande, um lampião aceso.

Cena Primeira

(O Capitão e o Pastor estão sentados no sofá de couro: aquêle, fardado e de botas de montaria com esporas; êste, vestido de prêto, com um cachecol branco no lugar do colarinho do hábito, fumando cachimbo. O Capitão toca a sinêta.)

ORDENANÇA

As suas ordens, Capitão. O senhor chamou, Capitão?

CAPITÃO

Nöjd está por aí?

ORDENANÇA

Está na cozinha, aguardando ordens.

CAPITÃO

Outra vez na cozinha?! Mande-o vir aqui imediatamente!

ORDENANÇA

Pois não, Sr. Capitão. (*Sai.*)

PASTOR

Qual o problema que está havendo agora?

CAPITÃO

O malandro já se meteu de nôvo com a empregada. É uma peste, êsse sujeito!

PASTOR

Nöjd? Ora, êle já não fêz das suas o ano passado?!

CAPITÃO

Já, como você se lembra! Talvez me pudesse fazer o favor de ter uma boa conversa com êle. Quem sabe daria resultado. Já o xinguei e até o espanquei, mas não adiantou nada.

PASTOR

Ah! Então você quer que eu lhe passe um sermão? Que valor você acha que teria a palavra de Deus para um cavalariano!

CAPITÃO

Bem, cunhado, você sabe que para mim não teria valor nenhum...

PASTOR

Claro que sei!

CAPITÃO

Mas, com êle... Tente, pelo menos.

CENA SEGUNDA

(*Os mesmos e Nöjd.*)

CAPITÃO

Que é que andou fazendo, Nöjd?

NÖJD

Que Deus o guarde, Sr. Capitão! Mas não posso falar na presença do pastor.

PASTOR

Não se importe comigo, meu filho!

CAPITÃO

Confesse agora, senão já sabe o que vai acontecer.

NÖJD

Bom... o negócio foi o seguinte... acontece que estávamos dançando na casa do Gabriel, e, então, Ludvig disse...

CAPITÃO

O que é que Ludvig tem a ver com a história? Limite-se aos fatos.

NÖJD

Está bem! Então a Emma disse que a gente podia ir até o celeiro...

CAPITÃO

Ah, então foi a Emma que o seduziu?

NÖJD

É, até que foi quase assim. Porque uma coisa eu garanto: se a mulher não quiser, nada acontece.

CAPITÃO

Resumindo: você é ou não o pai da criança?

NÖJD

Como é que a gente pode saber?

CAPITÃO

O quê? Você não pode saber?

NÖJD

Não, ué, isso é coisa que a gente nunca pode saber.

CAPITÃO

Então você não era o único?

NÖJD

Daquela vez, sim, mas isso não significa que eu tenha sido o único.

CAPITÃO

Então quer pôr a culpa no Ludvig? É o que pretende?

NÖJD

É sempre difícil dizer quem é o responsável.

CAPITÃO

Sim, mas você disse a Emma que queria se casar com ela.

NÖJD

Bom... sabe... É o que se diz nessas ocasiões...

CAPITÃO (*Para o Pastor.*)

Que horror!

PASTOR

A velha história de sempre! Mas escute aqui, Nöjd, você não é bastante homem para saber se é o pai?

NÖJD

É, eu fiz a coisa, mas o Seu Pastor mesmo sabe que nem sempre isso traz conseqüência!

PASTOR

Olha aqui, meu rapaz, mas o caso é com você, e certamente não há de querer deixar a môça desamparada com a criança! Claro que ninguém poderá obrigá-lo a se casar, mas terá de cuidar do filho! Está entendendo?

NÖJD

Tá! E o Ludvig? Êle também tem que comparecer...

CAPITÃO

Nesse caso, a questão terá de ir aos tribunais. Ela não me agrada e não tenho meios de resolvê-la. Por hoje chega. Agora, saia!

PASTOR

Nöjd! Ainda uma palavra! Hum! Você não acha que é desonesto deixar uma môça assim, de mãos abanando, e com uma criança? Você não acha, hem? Não lhe parece que essa maneira de agir... hum, hum!...

NÖJD

Bom... Isto é... se eu soubesse que era o pai da criança, mas, como lhe disse, Seu Pastor, é coisa que nunca se pode saber. Ficar a vida inteira dando duro pelos filhos dos outros não tem graça! É evidente que o Sr. Pastor e o Sr. Capitão podem entender a situação sem dificuldade, não é mesmo?!

CAPITÃO

Vá andando, suma!

NÖJD

Deus o guarde, Sr. Capitão! (*Sai.*)

CAPITÃO

Mas não vá para a cozinha agora, seu vagabundo!

CENA TERCEIRA

(*O Capitão e o Pastor.*)

CAPITÃO

Bem, por que você não lhe passou um sermão?

PASTOR

Como? Então não passei?

CAPITÃO

Ora, você só ficou resmungando!

PASTOR

Para ser franco, não sei o que dizer. Tenho pena da môça, sim, mas também tenho pena do rapaz. Imagine se êle não fôr o pai! Se ela fôr para o orfanato, se trabalhar como ama-de-leite durante uns quatro meses, a instituição cuidará da criança para o resto da vida. E êle? Êle não pode dar de mamar! A môça, depois, arranja um outro emprêgo numa casa melhor, mas o futuro do Nöjd estará destruído, se fôr expulso do Regimento.

CAPITÃO

Uma coisa lhe digo: não queria estar na pele do juiz que julgar a questão. Acho que o rapaz não está

assim tão inocente, — isto não se pode saber! Convenhamos, num ponto: a môça é culpada se é que há alguma culpa...

PASTOR

Sei, sei! Não julgo ninguém! Mas, sôbre o que falávamos, quando esta bendita história veio atrapalhar a conversa? Era sôbre Berta e a sua Primeira Comunhão, não era?

CAPITÃO

Bem, não era apenas sôbre a Primeira Comunhão, mas sôbre tôda a sua educação. Esta casa está cheia de mulheres, tôdas querendo educar minha filha. A sogra quer fazer dela uma espírita; Laura, uma artista; a governanta, uma metodista, e a velha Margret, uma batista; e as empregadas pretendem interessá-la no Exército da Salvação. É claro que não se pode formar uma alma assim aos pedaços. E eu, que, acima de todos, tenho o primeiro e maior direito de orientar as suas inclinações, sempre me vejo contrariado em meus esforços. Por isso preciso tirá-la daqui.

PASTOR

Você tem mulheres demais governando a casa.

CAPITÃO

Tem razão! É como estar numa jaula de tigres. Se eu não as trouxesse sob o pêso do meu chicote, elas me derrotariam a qualquer momento! Sim, pode rir, seu trocista. Como se não me bastasse ter casado com sua irmã, você ainda me impingiu, de quebra, a sua velha madrasta.

PASTOR

Ora, meu Deus, não se deve ter madrastas em casa.

CAPITÃO

Não, mas as sogras você acha que se pode ter em casa, desde que seja a dos outros.

PASTOR

Pois é, pois é, nesta vida cada um carrega a sua cruz!

CAPITÃO

Sim, mas a minha é muito pesada: tenho também minha velha ama, que me trata como se eu ainda usasse babador. É muito boazinha, coitada, mas aqui está deslocada.

PASTOR

Você tem de manter as mulheres no freio, meu cunhado; você lhes dá muita corda.

CAPITÃO

Escute aqui, meu caro, me explique como contê-las?

PASTOR

Aí é que está a coisa! Laura é minha própria irmã, mas reconheço que sempre foi um pouco complicada.

CAPITÃO

Laura tem seus defeitos, eu sei, mas não me causa maiores problemas.

PASTOR

Ora, pode desabafar-se, eu a conheço.

CAPITÃO

Ela teve uma educação romântica e tem certa dificuldade de adaptação, mas, seja como fôr, é minha mulher...

PASTOR

E por ser sua mulher, é a melhor. Não, meu cunhado, sei que é ela quem mais cria complicações para você.

CAPITÃO

O que sei é que a casa inteira anda agora fora dos eixos. Laura não quer largar Berta, e eu não quero minha filha neste hospício!

PASTOR

Ah, Laura não quer... Olhe, se assim é, então a coisa é mais séria ainda. Quando criança, costumava ficar deitada como morta até conseguir o que queria, mas depois que lhe satisfaziam o desejo, se fôsse um objeto, devolvia-o, explicando que não era aquilo que pretendia; seu objetivo era impor sua própria vontade.

CAPITÃO

Ah, então ela já era assim... Hum! Olhe, às vêzes, tem crises de teimosia tão violentas que chego a temê-la e a pensar que está doente.

PASTOR

Mas quais são os seus planos em relação à Berta, que tornam tão difícil qualquer conciliação? Não há um meio-têrmo?

CAPITÃO

Não pense que quero fazer dela uma menina-prodígio ou modelá-la à minha imagem. Nem tampouco me proponho ser o alcoviteiro de minha própria filha, destinando-a exclusivamente ao casamento, pois, se ficar solteirona, terá dias amargos. Mas também não desejo induzi-la a uma carreira masculina, que exija largo tempo de estudo, o que lhe poderá ser de todo inútil, se vier a casar-se.

PASTOR

Mas, afinal, o que é que você quer?

CAPITÃO

Quero que seja professôra. Se ficar solteira, terá como se manter, e não estará pior que os pobres professôres obrigados a gastar o salário com a família. Se se casar, usará seus conhecimentos na educação dos filhos. Não é bem pensado?

PASTOR

É bem pensado, sim! Mas, por outro lado, ela já não mostrou tal inclinação pela pintura que sufocá-la seria uma violência contra a sua natureza?

CAPITÃO

Não! Submeti seus quadros a um pintor eminente, que os julgou simples tentativas de colegial. Mas, então, no verão passado, apareceu por aqui um rapazola que se dizia entendido dc assunto. Como lhe proclamasse o colossal talento, a questão foi decidida a favor de Laura.

PASTOR

Êle estava apaixonado pela menina?

CAPITÃO

Disso não tenho dúvidas!

PASTOR

Deus que o ajude então, meu amigo, porque nesse caso não vejo nenhuma saída. Tudo isso é muito triste. Laura, naturalmente, tem o apoio das outras...

CAPITÃO

Com tôda a certeza! A casa tôda está em polvorosa e, cá entre nós, a luta que está sendo travada não é muito limpa da parte delas.

PASTOR (*Levantando-se.*)

Você pensa que não conheço a situação?

CAPITÃO

Você conhece também?

PASTOR

Também...?!

CAPITÃO

O pior é que lá dentro a carreira de Berta — me parece — está sendo proposta em têrmos de ódio. Afirmam que o homem ainda vai ver, que a mulher pode isto e aquilo. É homem e mulher, um contra o outro, o dia inteiro... Você já vai? Não, fique até à noite. Acho que não tenho nada para oferecer-lhe, mas fique assim mesmo; você sabe que estou esperando a chegada do nôvo médico. Já o viu?

PASTOR

Só de relance, ao cruzar com êle. Me deu a impressão de pessoa sensata e correta.

CAPITÃO

Ah, sim, isso é bom! Acha que poderá tornar-se meu aliado?

PASTOR

Quem sabe? Depende da experiência que tenha com mulheres.

CAPITÃO

Mas você não quer ficar?

PASTOR

Não, obrigado, meu caro. Prometi voltar para casa até à noite, a patroa fica muito preocupada se me demoro.

CAPITÃO

Preocupada? Brava, é o que quer dizer! Bem, faça como quiser. Deixe-me ajudá-lo a vestir a peliça.

PASTOR

Parece que está fazendo muito frio esta noite. Obrigado. Cuide de sua saúde, Adolf. Você me parece tão nervoso!

CAPITÃO

Nervoso?

PASTOR

Isso mesmo! Você não anda se sentindo bem, não é?

CAPITÃO

Foi Laura que lhe meteu isso na cabeça? A mim, há vinte anos que ela me trata como se estivesse à morte.

PASTOR

Laura? Não, é você que me preocupa. Cuide-se! Siga o meu conselho! Adeus, meu velho! Mas, diga-me, não era sôbre a Primeira Comunhão de Berta que você queria conversar comigo?

CAPITÃO

De modo nenhum! Tenho certeza de que a questão se resolverá normalmente, de acôrdo com os usos e costumes; pois não sou dono da verdade nem palmatória do mundo. Isto já é coisa do passado. Adeus! Lembranças a todos!

PASTOR

Adeus, meu caro. Lembranças à Laura!

CENA QUARTA

(*Capitão, depois Laura.*)

CAPITÃO (*Senta-se à escrivaninha e começa a fazer contas.*)

Trinta-e-quatro, nove, quarenta-e-três, sete, oito, cinqüenta-e-seis.

LAURA (*Vindo do interior.*)

Quer fazer o favor...

CAPITÃO

Um momento! — Sessenta-e-seis, setenta-e-um, oitenta-e-quatro, oitenta-e-nove, noventa-e-dois, cem. O que que há?

LAURA

Talvez eu esteja incomodando...

CAPITÃO

De modo algum! É o dinheiro para as despesas da casa que você quer?

LAURA

Justamente, é o dinheiro para as despesas da casa.

CAPITÃO

Deixe as contas aí que vou examiná-las.

LAURA

As contas?

CAPITÃO

Sim, as contas.

LAURA

Agora é preciso conferir as contas?

CAPITÃO

Evidente que é preciso. É instável a situação da nossa casa. Em caso de falência é necessário que as contas estejam corretas, senão se pode ser punido como devedor relapso.

LAURA

Se a situação da casa está ruim, não é por minha culpa.

CAPITÃO

É exatamente o que será apurado por meio das contas.

LAURA

Se o arrendatário não está pagando, não é minha culpa.

CAPITÃO

Quem foi que recomendou calorosamente o arrendatário? Você! Por que recomendou um — digamos — relapso?

LAURA

Por que você aceitou então êsse relapso?

CAPITÃO

Porque não podia comer em paz, nem dormir em paz, nem trabalhar em paz, enquanto vocês não conseguissem impingi-lo a mim. Você o queria porque seu irmão desejava livrar-se dêle; minha sogra o queria para me contrariar; a governanta o queria porque era um beato, e a velha Margret porque conheceu a avó dêle na

infância. Só por isso foi aceito; se não o tivesse admitido, estaria agora internado no hospício ou enterrado no mausoléu da família. Mas, aqui está o dinheiro das despesas da casa e a sua mesada. Pode dar-me as contas depois.

LAURA (*Com uma reverência.*)

Muito obrigada! Você também contabiliza o que gasta além da manutenção da casa?

CAPITÃO

Você não tem nada a ver com isso.

LAURA

Claro! Nem com isso nem com a educação de minha filha. Os senhores já chegaram a uma resolução, depois do plenário desta noite?

CAPITÃO

Minha resolução já estava tomada. Portanto, me cabia apenas comunicá-la ao único amigo que eu e a família temos em comum. Berta irá para a cidade e partirá dentro de quinze dias.

LAURA

E onde vai ficar hospedada, se é que posso perguntar?

CAPITÃO

Em casa do auditor Sävberg.

LAURA

Aquêle livre-pensador!

CAPITÃO

As crianças devem ser educadas na crença do pai, segundo a lei vigente.

LAURA

E a mãe nada tem a decidir na questão.

CAPITÃO

Absolutamente nada! Pelo contrato de casamento, a mulher abdica dos seus direitos, desde que o marido a sustente e aos filhos.

LAURA

Em suma: não tem nenhum direito sôbre o filho?

CAPITÃO

Não, nenhum! Uma vez que se vendeu uma mercadoria, não é hábito recebê-la de volta, ficando com o dinheiro.

LAURA

Mas se o pai e a mãe resolvessem juntos...

CAPITÃO

Em que ficamos, então? Eu quero que ela more na cidade, você, que ela fique em casa. A média aritmética seria que ficasse na estação, entre a cidade e o lar. Como você mesma vê, êsse é um nó que não se pode desatar.

LAURA

Então o nó tem de ser cortado! — O que fazia Nöjd aqui?

CAPITÃO

Trata-se de uma questão sigilosa!

LAURA

Que a cozinha inteira sabe.

CAPITÃO

Então você também deve sabê-lo.

LAURA

De fato, eu o sei.

CAPITÃO

E já tem um juízo formado?

LAURA

Aquêle que está escrito na lei!

CAPITÃO

Não está escrito na lei quem é o pai da criança.

LAURA

Não, mas isso é fácil de se saber.

CAPITÃO

Os entendidos afirmam que tais coisas jamais podem ser sabidas.

LAURA

É curioso! Então é difícil saber-se quem é o pai de uma criança?

CAPITÃO

É o que dizem!

LAURA

Que estranho! Assim sendo, como é que o pai pode ter tantos direitos sôbre os filhos?

CAPITÃO

Êle os tem sòmente quando os assume ou dêles é encarregado. Mas no casamento, é claro, não há dúvidas quanto à paternidade.

LAURA

Não há dúvidas?

CAPITÃO

Espero que não!

LAURA

E nos casos em que a espôsa tenha sido infiel?

CAPITÃO

Êsse não é o nosso caso! Você tem mais alguma pergunta a fazer?

LAURA

Não, nenhuma.

CAPITÃO

Então vou subir para meu quarto, e você faça o favor de me avisar quando o doutor chegar. (*Fecha a escrivaninha, levantando-se.*)

LAURA

Pois não.

CAPITÃO (*Saindo pela porta revestida de papel de parede, à direita.*)

Mas assim que êle chegar, pois não quero ser grosseiro com êle. Você entende? (*Sai.*)

LAURA

Entendo!

CENA QUINTA

(*Laura sòzinha, olhando o dinheiro que tem na mão.*)

VOZ DA SOGRA (*De dentro.*)

Laura!

LAURA

Que é?

VOZ DA SOGRA

Meu chá está pronto?

LAURA (*Da porta que dá para dentro.*)

Já vai! (*Anda em direção à porta de saída, ao fundo, quando a ordenança aí aparece e anuncia*: "Dr. Östermark".)

DOUTOR

Minha senhora!

LAURA (*Vai ao seu encontro, estendendo-lhe a mão.*)

Seja bem-vindo, Sr. Doutor! Muito bem-vindo à nossa casa. O Capitão saiu um pouco mas voltará logo.

DOUTOR

Peço desculpas por estar chegando tão tarde, mas estive fazendo várias visitas.

LAURA

Sente-se, por favor!

DOUTOR

Agradecido, minha senhora!

LAURA

Sim, no momento, há muitos casos de doença nesta localidade, mas acredito que, mesmo assim, o senhor se sinta bem aqui. Para nós, que vivemos na solidão do campo, é de grande importância contar com um médico que se interesse pelos seus clientes; e do senhor, Doutor, já ouvi tão boas referências que espero venhamos manter as melhores relações.

DOUTOR

A senhora é muito gentil; mas, por outro lado, admito que, por sua causa, as minhas visitas não sejam necessárias com freqüência. Sua família é saudável e...

LAURA

Sim, felizmente, não temos tido doenças graves. No entanto, nem tudo está como devia.

DOUTOR

Não diga!...

LAURA

Infelizmente, as coisas não correm como desejaríamos.

DOUTOR

Oh, a senhora me inquieta!

LAURA

Há situações numa família que, por uma questão de honra e de consciência, somos obrigados a esconder de todo mundo...

DOUTOR

Menos do médico.

LAURA

Por isso cumpro o doloroso dever de dizer-lhe tôda a verdade desde o primeiro momento.

DOUTOR

Não podemos adiar esta conversa até eu ter a honra de ser apresentado ao Capitão?

LAURA

Não! O senhor precisa me ouvir primeiro, antes de vê-lo.

DOUTOR

Trata-se, então, dêle?

LAURA

Dêle, de meu infeliz e querido marido.

DOUTOR

A senhora me preocupa, e eu participo de sua desgraça, creia-me.

LAURA (*Tira o lenço.*)

Meu marido é um doente mental. Agora, o senhor sabe de tudo, e pode, doravante, julgar por si mesmo.

DOUTOR

O que está dizendo? Li com admiração os excelentes tratados de mineralogia do Capitão, e sempre o julguei de uma inteligência brilhante e viva.

LAURA

Realmente? Muito me alegraria, se todos nós, os seus parentes, estivéssemos enganados.

DOUTOR

Pode ocorrer, no entanto, que certos aspectos de sua vida mental estejam perturbados.

LAURA

É o que também tememos! Sabe, êle tem, de vez em quando, idéias muito esquisitas, o que, num sábio, certamente é admissível, desde que não afetassem tôda a família. Por exemplo, tem a mania de comprar tudo.

DOUTOR

Isto é grave; mas o que é que êle compra?

LAURA

Caixotes e mais caixotes de livros, que nunca lê.

DOUTOR

Bem, o fato de um sábio comprar livros não é assim tão sério.

LAURA

O senhor não acredita no que estou dizendo?

DOUTOR

Sim, minha senhora, estou convencido de que a senhora acredita no que está dizendo.

LAURA

É razoável que uma pessoa possa ver num microscópio o que acontece num outro planêta?

DOUTOR

Êle diz que o consegue?

LAURA

Sim, é o que êle afirma.

DOUTOR

Num microscópio?!

LAURA

Num microscópio, sim!

DOUTOR

Se assim fôr, é grave!

LAURA

Se assim fôr? O senhor, então, não tem nenhuma confiança em mim, doutor, e aqui estou eu revelando-lhe segredos de família...

DOUTOR

Ora, minha senhora, sua confiança muito me honra, mas, como médico, preciso examinar e achar provas, antes de julgar. O'Capitão já demonstrou alguns sintomas de oscilações de humor, de instabilidade de vontade?

LAURA

Ora, se...! Estados casados há vinte anos, e até hoje não tomou uma resolução que não tivesse logo abandonado.

DOUTOR

Êle é teimoso?

LAURA

Sempre quer impor sua vontade, mas depois que o consegue, abre mão de tudo e pede-me para que eu decida.

DOUTOR

Isto é grave e exige bastante observação. A vontade, compreenda, minha senhora, é a espinha dorsal da alma; se ela fôr afetada, a alma se desmantela,

LAURA

E Deus sabe o que tive de aprender para ir ao encontro dos seus desejos durante êstes longos anos de provação. Oh, se o senhor soubesse a vida de lutas que atravessei a seu lado, se soubesse!

DOUTOR

Minha senhora, sua desgraça me comove profundamente. Prometo-lhe ver o que pode ser feito. Lastimo-a de todo coração, mas peço-lhe que confie plenamente em mim. Pelo que ouvi, desejo pedir-lhe uma coisa. Evite falar em coisas que impressionem demasiado o doente, pois num cérebro enfêrmo elas evoluem de modo rápido e tornam-se fàcilmente monomanias ou idéias fixas. Compreende?

LAURA

Quer dizer, devo evitar de despertar sua desconfiança.

DOUTOR

Exatamente! Pois num enfêrmo se pode incutir tudo o que se quiser, justamente porque é vulnerável demais.

LAURA

Ah, sim, compreendo! Compreendo, sim! (*A campainha soa no interior do apartamento.*) Com licença, minha mãe tem algo a dizer-me. Um momento... Olhe, aí vem vindo o Adolf...

Cena Sexta

(O Doutor; o Capitão entrando pela porta revestida de papel.)

Capitão

Ah, já está aqui, Sr. Doutor! Muito bem-vindo a nossa casa!

Doutor

Sr. Capitão, é extremamente agradável travar conhecimento com um cientista tão famoso.

Capitão

Não diga isso! Meu serviço não me permite pesquisas mais profundas; no entanto, creio estar na pista de uma descoberta.

Doutor

Ah, sim?...

Capitão

Sabe, submeti à análise espectral pedras meteoríticas e achei carvão, traços de vida orgânica. O que diz a isto?

Doutor

O senhor pode ver isso no microscópio?

Capitão

Não, no espectroscópio, ora essa!

Doutor

Espectroscópio?! Perdão. Acho que em breve poderá dizer-nos o que acontece em Júpiter.

Capitão

Não o que acontece, mas o que aconteceu, desde que o maldito livreiro de Paris me envie os livros que peço; mas creio que todos os livreiros do mundo fizeram uma conspiração. Imagine o senhor que, já há dois meses, nem um só respondeu a pedidos, cartas ou telegramas desaforados. Fico louco com tudo isto. Não consigo entender o que se passa!

Doutor

Ora, há de ser simples descuido, o senhor não deve levar a coisa tão a sério.

Capitão

Bem, mas que diabo, não posso aprontar minha tese em tempo e sei que em Berlim estão trabalhando no mesmo assunto. Mas não era sôbre isto que íamos falar. Era sôbre o senhor. Se quiser morar conosco, temos um pequeno apartamento numa das alas; ou quer morar na antiga residência do médico?

Doutor

Será como o senhor desejar.

Capitão

Não, como o senhor quiser. Resolva!

Doutor

Isso fica para o senhor decidir, Capitão!

Capitão

Não, eu não decido nada. É o senhor quem deve dizer o que quer. Eu não quero nada. Nada mesmo.

DOUTOR

Não, mas eu não posso decidir...

CAPITÃO

Em nome de Cristo, responda então, senhor, o que deseja. Eu é que, neste caso, não tenho vontade, opinião ou desejo. O senhor é tão indeciso que nem sabe o que quer?! Responda, senão me zango!

DOUTOR

Já que depende de mim, morarei aqui.

CAPITÃO

Muito bem. Obrigado. Aliás, perdoe-me Doutor, mas não há nada que me irrite mais do que ouvir as pessoas dizerem que uma coisa lhes é indiferente. (*Toca a campainha. A Ama entra.*)

CAPITÃO

Ah, é você Margret. Escute, minha amiga, sabe se a ala está em ordem para receber o doutor?

AMA

Está sim, Sr. Capitão.

CAPITÃO

Então não vou mais retê-lo, doutor, pois o senhor deve estar cansado. Até logo e seja bem-vindo. Amanhã nos veremos, espero.

DOUTOR

Boa-noite, Sr. Capitão!

CAPITÃO

Suponho que minha mulher já o informou das circunstâncias, ao menos por alto. Assim, deve saber mais ou menos como está a situação.

DOUTOR

Sua amável senhora já me deu uma idéia geral das coisas — o necessário para o esclarecimento de um recém-chegado. Boa-noite, Sr. Capitão.

CENA SÉTIMA

(*Capitão. Ama.*)

CAPITÃO

O que deseja, minha amiga? Que é que há?

AMA

Escute aqui, Seu Adolf.

CAPITÃO

Fale, Margret, você é a única pessoa que posso ouvir sem me irritar.

AMA

Escute, Seu Adolf, o senhor não poderia ceder um pouco, e chegar a um acôrdo com a patroa sôbre essa história da menina? Imagine, uma mãe...

CAPITÃO

Imagine um pai, Margret!

AMA

Ora, ora! Um pai tem outras coisas além do filho, mas a mãe tem apenas o filho.

CAPITÃO

Exatamente, minha velha. Ela tem apenas um fardo, eu tenho três, e o dela sou eu quem carrego. Você não acha que eu teria outra situação na vida, e não esta, de velho soldado, se não fôssem ela e sua filha?

AMA

Sim, mas não era isso que eu queria dizer.

CAPITÃO

Não, sei bem que não, com certeza, o que você queria era demonstrar que não tenho razão.

AMA

O senhor não acredita que eu queira o seu bem, Seu Adolf?

CAPITÃO

Sim, minha amiga, acredito, mas você não sabe o que é o meu bem. Compreenda, não me basta ter dado a vida a uma criança, quero também dar-lhe minha alma.

AMA

Bom, isso não entendo. Mas assim mesmo acho que a gente devia poder chegar a um acôrdo.

CAPITÃO

Você não é minha amiga, Margret!

AMA

Eu? Oh, meu Deus, como o senhor fala, Seu Adolf! O senhor acha que posso esquecer que o senhor foi meu filho quando pequeno?

CAPITÃO

E eu, minha cara, supõe que o esqueci? Você tem sido uma mãe para mim, e até hoje sempre ficou do meu lado, quando todos estavam contra mim, mas agora, — que o caso é sério — me abandona e bandeia-se para o inimigo.

AMA

O inimigo?!

CAPITÃO

Sim, o inimigo! Você bem sabe o que se passa nesta casa; você tem visto tudo desde o comêço.

AMA

Bem que tenho visto! Mas, meu Deus, então duas pessoas têm de se torturar a vida inteira? Duas pessoas que, afora isso, são tão boas e querem bem a todos. A patroa nunca é assim comigo nem com os outros...

CAPITÃO

Só comigo, bem que sei. É por essa razão que lhe digo, Margret, se você me abandonar agora, você comete um êrro. Porque agora algo está sendo tramado ao meu redor, e aquêle Doutor não é meu amigo.

AMA

Ai, ai, o senhor pensa mal de todo o mundo, Seu Adolf! Mas, sabe, é porque não tem a verdadeira fé; sim, isso é que é.

CAPITÃO

Mas vocês batistas acharam a única e verdadeira fé. Você é que é feliz.

AMA

Sim, não sou tão infeliz quanto o senhor, Seu Adolf. Dobre seu coração, e vai ver que Deus o fará feliz amando o próximo.

CAPITÃO

É estranho, é só você falar de Deus e do amor, e a sua voz fica dura e seus olhos cheios de ódio. Não, Margret, você, com certeza, não tem a verdadeira fé.

AMA

Pode ficar orgulhoso e convencido de sua sabedoria; ela de nada lhe vai adiantar quando sua hora chegar.

CAPITÃO

Com que orgulho falas, ó coração humilde! Bem sei que a sabedoria de nada vale diante de feras como vocês!

AMA

O senhor devia se envergonhar! Mas a velha Margret ainda gosta muito do seu menino que cresceu, e tem certeza que êle vai voltar a ser um bom menino, na hora da tempestade.

CAPITÃO

Margret! Perdoe-me, mas acredite, além de você, aqui não há ninguém que me queira bem. Ajude-me,

pois pressinto que vai acontecer alguma coisa. Não sei o que seja, mas não está certo o que agora está ocorrendo à minha volta. (*Gritos vindos de dentro.*) Que é isso? Quem está gritando!?

CENA OITAVA

(*Os mesmos. Berta entra, vindo do interior.*)

BERTA

Papai, papai, me ajuda! Salve-me!

CAPITÃO

O que aconteceu, filhinha? Fale!

BERTA

Ajude-me! Eu acho que ela quer me fazer mal!

CAPITÃO

Quem quer te fazer mal? Diga!

BERTA

Vovó! Mas a culpa foi minha, porque a enganei!

CAPITÃO

Afinal, o que foi que houve?

BERTA

Direi, mas você não vai contar nada a ninguém, ouviu? É só o que lhe peço!

CAPITÃO

Bem, mas diga então o que houve! (*A Ama sai.*)

BERTA

Foi o seguinte: de noite, ela abaixa a luz do lampião, e depois me põe sentada à mesa, com o lápis na mão sôbre o papel. Aí ela afirma que os espíritos vão escrever.

CAPITÃO

Como? Você nunca me contou isso!

BERTA

Desculpe, mas não tive coragem, pois vovó diz que os espíritos se vingam se a gente der com a língua nos dentes. Daí, o lápis escreve, mas não sei se sou eu. Às vêzes, a coisa vai bem, mas, noutras ocasiões, não se consegue nada. Quando fico cansada, e nada acontece, é preciso fazer acontecer de qualquer jeito. Hoje à noite, eu acho que até estava escrevendo bem, mas então vovó garantiu que aquilo era de Stagnelius, e que a estava enganando; e daí, ficou zangadíssima.

CAPITÃO

Você acredita que existem espíritos?

BERTA

Não sei.

CAPITÃO

Mas eu sei que não existem!

BERTA

A vovó diz que papai não entende disso, mas que é capaz de coisas muito piores, que pode ver o que se passa em outros planêtas.

CAPITÃO

Ah, ela diz isso! . . . Ela diz isso! E que mais diz?

BERTA

Que você não sabe fazer magias!

CAPITÃO

Jamais disse que o sabia. Você sabe o que são meteoritos?! São pedras que caem de outros corpos celestes. Posso examiná-las e verificar se contêm as mesmas matérias que a nossa Terra. Eis tudo que sou capaz de descobrir.

BERTA

Mas vovó diz que há coisas que ela pode ver, e você não.

CAPITÃO

Sabe, nisso ela mente!

BERTA

Ora, vovó não mente!

CAPITÃO

Por que não?

BERTA

Então mamãe também mente?

CAPITÃO

Hum!...

BERTA

Se você disser que mamãe mente, nunca mais vou acreditar em você!

CAPITÃO

Não foi o que disse. Mas deve acreditar em mim quando sustento que o seu bem, o seu futuro exigem que você deixe esta casa! Você quer? Quer ir para a cidade e aprender algo de útil?!

BERTA

Oh, sim! Se quero ir para a cidade! Para sair daqui, vou a qualquer parte! Mas desde que possa vê-lo muitas vêzes! Oh, lá dentro está tudo tão carregado, tão horrível como se fôsse uma noite de inverno. Porém, à sua chegada, papai, é como quando a gente abre as janelas em manhã de primavera.

CAPITÃO

Minha filhinha! Filha querida!

BERTA

Mas, papai, você tem de ser bom com a mamãe, não se esqueça disto. Ela chora tanto!

CAPITÃO

Hum! Então você quer ir para a cidade?

BERTA

Quero, sim!

CAPITÃO

E se a mamãe não quiser?

BERTA

Mas ela tem de querer!

CAPITÃO

Mas se ela não quiser?

BERTA

Bem, então não sei como vai ser! Mas ela vai querer, vai sim!

CAPITÃO

Você não quer pedir-lhe a sua autorização?

BERTA

Você é que terá de consegui-la, mas com muito jeito. Ela não liga para mim.

CAPITÃO

Hum! Bem, se você e eu quisermos, e ela não, como é que vamos agir?

BERTA

Ah, então tudo vai ficar de nôvo complicado! Por que vocês dois não podem...

CENA NOVE

(*Os mesmos. Laura.*)

LAURA

Ah, Berta está aqui! Então talvez possamos ouvir sua própria opinião, já que é o seu destino que está sendo decidido.

CAPITÃO

É difícil para uma criança opinar razoàvelmente sôbre os rumos de sua vida. Nós, porém, que já presenciamos a evolução de tantos jovens, temos melhores condições para indicá-los.

LAURA

Porém, se temos opiniões divergentes, a de Berta deveria prevalecer.

CAPITÃO

Não! Não admito que ninguém usurpe os meus direitos: mulher ou filha. Berta, deixe-nos a sós. (*Berta sai.*)

LAURA

Você teve mêdo de sua escolha, porque imaginou que ia ser a meu favor.

CAPITÃO

Sei que ela mesma quer deixar o lar, mas sei também que você tem o poder de modificar-lhe a vontade a seu bel-prazer.

LAURA

Oh, eu sou tão poderosa assim?...

CAPITÃO

Sim, você tem o poder diabólico de impor a sua vontade, o que sempre acontece com quem não tem escrúpulos quanto aos meios. Como foi, por exemplo, que conseguiu afastar o Dr. Norling, e trazer êsse nôvo para cá?

LAURA

Sim, como foi?

CAPITÃO

Insultando o outro de tal forma que êle foi embora, e fazendo o seu irmão arranjar a nomeação dêste.

LAURA

Bem, isso foi muito simples e inteiramente legal. Quanto a Berta, vai mesmo viajar?

CAPITÃO

Sim, partirá dentro de quinze dias.

LAURA

É a sua última palavra?

CAPITÃO

É.

LAURA

Já falou com Berta sôbre isso?

CAPITÃO

Já.

LAURA

Então, vou ter de tentar impedi-lo!

CAPITÃO

Você não pode fazer isso!

LAURA

Não?!... Você acha que uma mãe larga sua filha entre gente que não presta, gente que lhe vai dizer que tudo quanto a sua mãe lhe ensinou é tolice, e depois ser desprezada por ela pelo resto da vida?

CAPITÃO

Você pensa que um pai vai permitir que mulheres ignorantes e presunçosas ensinem à filha que o seu pai era um impostor?

LAURA

Ora, em se tratando do pai, isto tem menos importância.

CAPITÃO

Como assim?

LAURA

Porque a mãe está mais ligada à filha, depois que se concluiu que ninguém pode provar efetivamente a paternidade.

CAPITÃO

O que tem isso a ver com êste caso?

LAURA

Ora, você não sabe se é o pai de Berta!

CAPITÃO

Eu não sei?!

LAURA

Não. Aquilo que ninguém pode saber, é evidente que você também ignora!

CAPITÃO

Você está brincando?

LAURA

Não, valho-me apenas de seus conhecimentos. Além disso, como sabe que nunca lhe fui infiel?

CAPITÃO

Você é capaz de tudo, mas não disso, e tampouco o revelaria, se fôsse verdade.

LAURA

Suponha que, para conservar minha filha e sôbre ela decidir, eu preferisse ser repudiada, desprezada, tudo, e que agora eu fôsse sincera ao declarar: "Berta é minha filha, mas não sua!" Suponha...

CAPITÃO

Cale-se, já!

LAURA

Suponha apenas isso; então seu direito deixaria de existir.

CAPITÃO

Mas só depois de você provar que não sou o pai!

LAURA

Ora, isso não seria difícil! Você desejaria que o fizesse?

CAPITÃO

Cale-se!

LAURA

Bastaria, naturalmente, que eu nomeasse o verdadeiro pai, citasse com alguma precisão o lugar e a época... Por exemplo — quando nasceu Berta? — três anos depois do nosso casamento...

CAPITÃO

Cale-se imediatamente, senão...

LAURA

Senão o quê? Sim, vamos parar por enquanto! Mas pense bem no que fizer e resolver! Pense, principalmente, no seu ridículo!

CAPITÃO

Acho tudo isso extremamente doloroso!

LAURA

Você ainda fica mais ridículo assim.

CAPITÃO

E você, não?

LAURA

Não, dêsse modo até que para o nosso lado as coisas se encaminham bem.

CAPITÃO

É por isso que não se pode lutar contra vocês.

LAURA

Por que então você provoca um inimigo superior?

CAPITÃO

Superior?

LAURA

Sim. É estranho, mas jamais pude encarar um homem sem me sentir superior.

CAPITÃO

Está bem: então você irá deparar, enfim, com alguém que lhe é superior, e de tal maneira que nunca o esquecerá.

LAURA

Vai ser interessante.

AMA (*Entrando.*)

O jantar está na mesa. Os senhores não querem vir comer?

LAURA

Sim, com prazer.

CAPITÃO (*Demora, senta-se na poltrona ao lado do sofá.*)

LAURA

Você vem jantar?

CAPITÃO

Não, obrigado, não quero nada!

LAURA

Por quê? Você está aborrecido?

CAPITÃO

Não, mas não estou com fome.

LAURA

Venha logo, senão vão fazer suposições... desnecessárias! Acalme-se. Não quer mesmo? Pois então fique aí! (*Sai.*)

AMA

Seu Adolf! Que está havendo?

CAPITÃO

Não sei. Você pode me explicar por que as mulheres tratam os homens como se fôssem crianças?

AMA

Não sei explicar, mas talvez seja porque os homens, todos êles, grandes e pequenos, são filhos de mulher.

CAPITÃO

E nenhuma mulher nasce de homem. No entanto eu sou o pai de Berta. Diga, Margret, você acredita nisso? Ou não acredita?

AMA

Oh, meu Deus, que infantilidade! Claro que é o pai de sua filha. Agora, venha comer e não fique aí de cara amarrada! Vamos, vamos, venha logo!

CAPITÃO (*Levanta-se.*)

Fora, mulher! Para o inferno, bruxas! (*Pára, à porta de entrada.*) Svärd! Svärd!

ORDENANÇA (*Entrando.*)

Sr. Capitão?

CAPITÃO

Mande selar o trenó, já!

AMA

Sr. Capitão! Escute-me um instante...

CAPITÃO

Fora, mulher, fora!

AMA

Deus nos acuda, que será que êle vai fazer agora?

CAPITÃO (*Veste o chapéu e prepara-se para sair.*)

Não me espere de volta antes de meia-noite! (*Sai.*)

AMA

Jesus nos proteja! Como isto vai acabar?

SEGUNDO ATO

(O mesmo cenário do ato anterior. O lampião está aceso em cima da mesa; é noite.)

Cena Primeira

(O Doutor e Laura.)

Doutor

Pelo que pude depreender de nossa conversação, o caso ainda não me parece de todo provado. Em primeiro lugar, a senhora cometeu um equívoco ao sustentar que êle chegara àqueles surpreendentes resultados sôbre outros corpos celestes por meio de um microscópio. Soube agora que se tratava de um espectroscópio. Assim, não só ficou livre da suspeita de transtôrno mental como também mais se credenciou como cientista.

Laura

Mas eu nunca lhe disse isso!

DOUTOR

Minha senhora, anotei nossa conversa, e lembro-me de lhe ter feito perguntas sôbre êsse ponto fundamental, pois julguei tê-la compreendido mal. Precisamos ser escrupulosos ao levantar acusações que podem implicar na interdição de um homem.

LAURA

Interdição?

DOUTOR

Sim, suponho que a senhora saiba que uma pessoa irresponsável perde seus direitos civis e familiares.

LAURA

Não, não sabia.

DOUTOR

Além do mais, há um ponto que me parece confuso. Êle me revelou que sua correspondência com os livreiros ficou sem resposta. Permita-me perguntar se a senhora — com boas intenções, mas num gesto desrazoado — a interceptou.

LAURA

Sim, eu o fiz. Mas era do meu dever zelar pelos interêsses da família. Não podia deixá-lo arruinar, impunemente, a todos nós.

DOUTOR

Perdoe-me, mas penso que a senhora não calculou as conseqüências dêsse ato. Se êle descobrir sua oculta intervenção nos seus trabalhos, então suas suspeitas são fundamentadas, e crescerão depois como avalanche.

Além disso, a senhora, dessa maneira, opôs obstáculos à sua vontade e provocou mais ainda a sua impaciência. A senhora mesma, com certeza, já percebeu quanto a alma é ferida quando contrariada em seus mais ardentes desejos, quando a vontade é sustada.

LAURA

Se já o senti?

DOUTOR

Bem, então faça idéia do que êle deve ter passado.

LAURA (*Levantando-se.*)

É meia-noite e êle ainda não voltou. Agora pode-se recear o pior.

DOUTOR

Mas então, senhora, diga-me o que aconteceu esta noite depois que saí. Preciso saber de tudo.

LAURA

Êle devaneava e tinha idéias estranhas. O senhor imagine, idéias tais como a de que não seria o pai de sua filha.

DOUTOR

É esquisito! Mas como teve essa idéia?

LAURA

Não sei, de modo nenhum. A menos que resultasse do diálogo com um dos empregados a propósito do problema de custódia de uma criança. Quando tomei a defesa da môça, êle se precipitou, garantindo que ninguém podia afirmar a paternidade de um filho. Deus sabe que

fiz tudo para acalmá-lo, mas agora acho que não há mais nada a fazer. (*Chora.*)

DOUTOR

Mas isso não pode continuar assim! Algo tem de ser feito sem que lhe provoque suspeitas. Porém me diga, o Capitão já teve, antes, fantasias como essa?

LAURA

Há seis anos, em circunstâncias idênticas, êle mesmo admitiu — em carta do próprio punho ao médico — que receava enlouquecer.

DOUTOR

Ah, sim, então êsse é um caso que tem raízes profundas. Como atinge a intimidade da vida familiar e outras coisas, sôbre as quais não me é dado fazer perguntas, só posso me ater às evidências. O que está feito não pode ser desfeito, infelizmente. A cura, de qualquer modo, terá de ser aplicada ao que ocorre agora. Onde é que a senhora acha que êle possa estar neste momento?

LAURA

Não tenho a menor idéia. Êle tem impulsos tão imprevisíveis!

DOUTOR

A senhora quer que eu aguarde a sua volta? Para evitar suspeitas, poderia dizer-lhe que vim ver a senhora sua mãe, que estava passando mal.

LAURA

Sim, assim fica bem! Mas não nos abandone, Sr. Doutor! Se soubesse como estou preocupada! Não seria melhor dizer-lhe francamente o que pensa de seu estado?

DOUTOR

Isso nunca se diz aos doentes mentais, pelo menos enquanto êles não tocam no assunto, e assim mesmo só em casos muito raros. Depende inteiramente do rumo que o caso tomar. No entanto, não devemos ficar aqui parados; talvez seja melhor eu me retirar para a sala ao lado, para que tudo pareça mais natural.

LAURA

Sim, é melhor mesmo. Margret poderá vir para cá. Ela sempre costuma ficar acordada quando êle está fora; é a única pessoa que tem alguma influência sôbre êle. (*Vai até a porta, à esquerda.*) Margret! Margret!

AMA

Que é que a senhora deseja?! O patrão está em casa?

LAURA

Não, mas você deve ficar sentada aqui, esperando por êle. Quando regressar você lhe dirá que a minha mãe está doente e que o Doutor veio vê-la.

AMA

Sim, sim; cuidarei para que tudo saia a seu contento.

LAURA (*Abre a porta que dá para o interior.*)

Quer ter a bondade de vir para cá, Doutor?

DOUTOR

Pois não, senhora.

CENA SEGUNDA

(*A Ama à mesa; pega num livro de hinos religiosos e os óculos.*)

Pois é, pois é! (Lê à meia-voz.)
"Coisa lamentável e mesquinha
é a vida, que breve acaba.
O anjo da morte sobrevoa tudo
e proclama ao mundo inteiro:
Vaidade, vaidade!"

É mesmo.

"Tudo o que no mundo tem vida
cai por terra sob o seu alfanje
e apenas a tristeza sobrevive
para gravar sôbre o largo túmulo:
Vaidade, vaidade!"

Sim, é isso mesmo.

BERTA (*Entrando com um bule de café e um bordado; fala baixinho.*)

Margret, posso ficar aqui com você? É tão horrível lá em cima!

AMA

Oh, meu Criador, Berta, você ainda está acordada?

BERTA

Preciso costurar o presente de Natal de papai, sabe. E aqui tenho uma coisa gostosa pra você!

AMA

Cruz credo, isso não pode ser; você tem de se levantar cedo amanhã, e já passa de meia-noite.

BERTA

Ora, não faz mal. Não tenho coragem de ficar sentada lá em cima sòzinha; acho que tem assombração.

AMA

Veja só! O que foi que eu disse? É, minhas predições ainda vão se cumprir: nesta casa não há nenhum gênio bom. Que foi que a Berta ouviu?

BERTA

Sabe, eu ouvi alguém cantando no sótão.

AMA

No sótão? A esta hora?

BERTA

Sim, era uma cantiga tão triste, tão triste, como antes nunca ouvira. E parecia vir do escritório no sótão, lá onde está o berço, você sabe, à esquerda...

AMA

Ai, ai, ai!... E que temporal Deus mandou essa noite! Acho que as chaminés vêm abaixo com o vento. *"Ah, o que é, porém, a vida aqui? — Lamento, tortura, trabalho, trabalho. — Quando melhor foi, foi apenas sofrimento"*. Sim, criança querida, que Deus nos dê um bom Natal!

BERTA

Margret, é verdade que o papai está doente?

AMA

Sim, não há dúvida de que está.

BERTA

Então não vamos poder festejar o Natal. Mas como é que estando doente pode ficar de pé?

AMA

Minha filha, com a doença que tem, pode estar de pé. Silêncio, ouvi passos lá na sala de entrada. Agora, vá deitar-se e leve o bule, senão o patrão se zanga.

BERTA (*Sai com a bandeja.*)

Boa noite, Margret!

AMA

Boa noite, minha filha, Deus te abençoe!

CENA TERCEIRA

(*A Ama. O Capitão.*)

CAPITÃO (*Tirando os agasalhos.*)

Você ainda está acordada? Vá deitar-se!

AMA

Ah, eu só queria esperar...

(*O Capitão acende a luz; abre o tampo da escrivaninha; senta-se à mesmá, tirando do bôlso cartas e jornais.*)

AMA

Seu Adolf!

CAPITÃO

O que é que você quer?

AMA

A velha senhora está doente. E o Doutor veio vê-la.

CAPITÃO

É coisa séria?

AMA

Não, acho que não: apenas um resfriado.

CAPITÃO (*Levantando-se.*)

Quem foi o pai do seu filho, Margret?

AMA

Já contei tantas vêzes: foi aquêle malandro do Johanson.

CAPITÃO

Você tem certeza?

AMA

Ora, mas que bobagem! Claro que tenho, pois foi o único.

CAPITÃO

Bem, e êle? Tinha certeza de que era o único? Não, não podia ter, só você podia tê-la. Percebeu a diferença?

AMA

Não percebo diferença nenhuma.

CAPITÃO

Não, você não pode distingui-la, mas mesmo assim a diferença existe. (*Folheia um álbum de fotografias sôbre a mesa.*) Você acha que a Berta se parece comigo? (*Contempla um retrato no álbum.*)

AMA

Oh, sim, que nem um fruto!

CAPITÃO

Johanson reconheceu que era o pai?

AMA

Ora, êle não tinha outra saída!

CAPITÃO

Isto é horrível! Mas aí está o nosso médico!

CENA QUARTA

(*Capitão. A Ama, o Doutor.*)

CAPITÃO

Boa noite, Doutor. Como vai a minha sogra?

DOUTOR

Bem, não é nada grave: apenas uma torção no pé esquerdo.

CAPITÃO

Pensei que Margret tinha dito que se tratava de um resfriado. Parece que há opiniões contraditórias relativamente ao caso. Vá deitar-se, Margret! (*A Ama sai. Pausa.*)

CAPITÃO

Tenha a bondade de sentar-se Doutor.

DOUTOR (*Sentando-se.*)

Obrigado!

CAPITÃO

É verdade que se obtêm potros listrados cruzando uma zêbra com uma égua?

DOUTOR (*Espantado.*)

Perfeitamente certo!

CAPITÃO

É verdade que os potros seguintes também serão listrados, se se continuar a criação com um cavalo?

DOUTOR

Sim, isso também é verdade.

CAPITÃO

Quer dizer que, em determinadas condições, um cavalo pode ser pai de potros listrados e vice-versa?

DOUTOR

Sim, assim parece.

CAPITÃO

Ou seja: a semelhança dos descendentes com o pai nada prova.

DOUTOR

Oh!

CAPITÃO

Em outros têrmos: a paternidade não pode ser comprovada.

DOUTOR

Oh, mas...

CAPITÃO

O senhor é viúvo e teve filhos?

DOUTOR

Si-im...

CAPITÃO

Às vêzes, não se sentiu ridículo como pai? Não conheço nada tão cômico quanto ver um pai levando o filho pela rua, ou quando ouço algum falando de seus filhos. "Os filhos de minha mulher", é o que deveria dizer. O senhor nunca desconfiou da falsidade de sua condição, jamais foi assaltado por dúvidas; não digo suspeitas, pois presumo, como cavalheiro, que a sua mulher estava acima de suspeições?

DOUTOR

Não, jamais. Mas, Sr. Capitão, os filhos — acho que foi Goethe quem o disse — precisam ser aceitos de boa-fé.

CAPITÃO

Boa-fé, em se tratando de mulher? É arriscado.

DOUTOR

Ora, há tantas espécies de mulheres!

CAPITÃO

Investigações mais recentes demonstraram que só existe uma espécie! Quando jovem, eu era forte e — sem falsa modéstia — bonito. Agora me acodem à lembrança dois episódios, que, mais tarde, despertaram minhas apreensões. Certa vez, viajando num barco a vapor, eu e alguns amigos, estávamos sentados no salão da proa. Bem à minha frente acomodou-se uma jovem garçonete, o rosto desfigurado pelo pranto, contando que o noivo naufragara. Nós lhe manifestamos nosso pesar, e eu encomendei champanha. Depois do segundo copo, rocei-lhe o pé; após o quarto, o joelho, e antes do amanhecer eu já a havia consolado.

DOUTOR

Ora, uma andorinha não faz verão!

CAPITÃO

Mas há outra, e esta andorinha fêz verão. Eu estava em Lysekil. Lá se encontrava uma jovem senhora e seus filhos, cujo marido ficara na cidade. Era religiosa, de princípios extremamente severos, que me pregava lições de moral. Parecia-me inteiramente honesta. Emprestei-lhe um livro, dois livros; ao partir, devolveu-os, o que é raro. Três meses mais tarde nêles descobri um cartão de visita com uma declaração bastante inequívoca. Era inocente, tão inocente quanto pode ser uma declaração de amor por parte de uma mulher casada a um desconhecido, que jamais lhe fizera qualquer pro-

posta. E aqui entra a moral da história: Não confie demais, só isso!

DOUTOR

Mas também não confie de menos!

CAPITÃO

Não, fiquemos no meio-têrmo. Mas escute, doutor, a mulher era tão inconscientemente intrigante, que chegou a dizer ao marido que estava apaixonada por mim. É êsse exatamente o perigo: as mulheres são inconscientes de sua instintiva intrujice. Estas circunstâncias são atenuantes: não podem anular, mas apenas suavizar a conclusão.

DOUTOR

Capitão, suas idéias estão seguindo um curso doentio. O senhor precisa tomar cuidado com elas.

CAPITÃO

O senhor não deve empregar a palavra doentio. Saiba que tôda caldeira a vapor explode quando o manômetro indica cem graus, mas êsses cem graus não valem para tôdas as caldeiras, entende? O senhor está aqui para me observar. Ora, se eu não fôsse um homem, teria o direito de protestar, ou — ou de lamentar, como se diz maneirosamente. Talvez até pudesse facilitar-lhe o diagnóstico e, mais ainda, a razão da minha doença. Mas, infelizmente, sou um homem. A minha única saída é a do romano: cruzar os braços sôbre o peito e suster o alento até morrer. Boa noite!

DOUTOR

Sr. Capitão! Se está doente, sua honra de homem não fica abalada se contar-me tudo. Eu também preciso ouvir a outra parte.

CAPITÃO

Bastou-lhe ouvir a primeira, me parece.

DOUTOR

Não, Sr. Capitão. Pois saiba que, ao ouvir a Sra. Alving fazer a oração fúnebre do seu marido morto, pensei comigo: é uma pena que êle não esteja aqui, vivo.

CAPITÃO

E acha então que teria falado, se estivesse vivo? E supõe que algum morto teria crédito se ressuscitasse? Boa noite, Sr. Doutor! O senhor está vendo que estou calmo, pode ir deitar-se tranqüilamente.

DOUTOR

Boa noite, Capitão. Assim sendo, daqui por diante não poderei mais me ocupar do caso.

CAPITÃO

Somos inimigos, então?

DOUTOR

Longe disso. Lastimo, apenas, que não possamos ser amigos. Boa noite. (*Sai.*)

CAPITÃO (*Acompanha o doutor até a porta dos fundos; em seguida, vai até a porta à esquerda, entreabrindo-a.*)

- Entre, para que possamos conversar. Percebi que você estava escutando.

Cena Quinta

(*Laura entrando, um tanto sem jeito. O Capitão senta-se à escrivaninha.*)

Capitão

É tarde da noite, mas precisamos ter uma conversa definitiva. Sente-se! (*Pausa.*) Hoje à noite estive na agência do correio para apanhar a correspondência. Certifiquei-me que você interceptou tanto as cartas que remeti quanto as que me enviaram. A conseqüência maior do seu ato foi uma perda de tempo que prejudicou o resultado que eu esperava do meu trabalho.

Laura

Agi com boa intenção. Você estava se descuidando do seu serviço em proveito de outro trabalho.

Capitão

É óbvio que não agiu com boas intenções, porque tem certeza de que, não o meu serviço de militar, mas o meu trabalho noutro campo me daria maior projeção. Mais do que tudo, você não me desejaria famoso, porque isto aumentaria a sua insignificância. Além do mais, peguei cartas endereçadas a você.

Laura

Um ato muito gentil.

Capitão

Você me tem mesmo em alta conta... Há muito você vem induzindo contra mim os meus velhos amigos, alimentando rumôres sôbre meu estado mental. E foi bem sucedida em seus esforços, pois agora não há mais um só que me considere são, desde o meu superior até a cozinheira. Pois bem, minha doença se resume no seguinte: a razão está intacta, como você sabe, em vista de que posso cuidar tanto do meu serviço quanto das minhas obrigações como pai; meus sentimentos estão, mais ou menos, sob contrôle, enquanto ainda tiver a vontade firme; mas você vem roendo e roendo, de tal maneira que, em breve, os dentes da roda se soltarão e, então, todo o mecanismo desandará. Não vou apelar para os seus sentimentos, pois não os tem — e é essa a sua fôrça. Mas apelo para o seu interêsse.

Laura

Vejamos.

Capitão

Com o seu comportamento, você conseguiu despertar minha desconfiança de tal forma que o meu entendimento logo estará perturbado. Meus pensamentos já começam a se desorganizar, o que significa a aproximação da demência. O que você tanto desejou está prestes a se realizar. Mas agora lhe proponho esta questão: seu interêsse maior é que eu continue são — ou não? Pense bem! Se eu desmoronar, perco o emprêgo, e vocês ficarão sem recursos. Se eu morrer, meu seguro de vida lhes será pago. Porém se eu me suicidar nada receberão. Portanto, é de seu interêsse que eu viva até o fim de minha vida.

Laura

Não será isso uma armadilha?

Capitão

Claro que sim. Depende de você contorná-la ou cair nela.

Laura

Você diz que se mata: não o fará, certamente!

CAPITÃO

Tem certeza? Acha que um homem pode viver quando já não tem nada nem ninguém por que viver?

LAURA

Quer dizer que você se rende?

CAPITÃO

Não, proponho a paz.

LAURA

Em que condições?

CAPITÃO

Que eu possa resguardar minha razão. Livre-me de minhas suspeitas, e eu desisto da luta.

LAURA

Que suspeitas?

CAPITÃO

O nascimento de Berta.

LAURA

E há suspeitas quanto a isso?

CAPITÃO

Sim, em mim há; e foi você quem as suscitou.

LAURA

Eu?!

CAPITÃO

Sim, você as pingou como gôtas de veneno em meu ouvido, e as circunstâncias fizeram-nas crescer. Liberte-me da dúvida, diga-me francamente: "é verdade", e de antemão a perdôo.

LAURA

Ora, não posso assumir uma culpa que não tenho.

CAPITÃO

Que lhe importa isso, se sabe que nada revelarei. Você acredita que um homem andaria proclamando sua desonra por aí?

LAURA

Se eu negar, você não ficará convencido, mas se eu afirmar, então terá certeza. Logo, você deseja que assim seja.

CAPITÃO

Que é estranho é! Mas penso que assim seja porque o primeiro caso não pode ser provado, só o segundo.

LAURA

Você tem alguma razão para as suas suspeitas?

CAPITÃO

Sim e não!

LAURA

Acho que você deseja inculpar-me, para que possa me alijar e tornar-se o único responsável pela menina. Mas a mim você não apanha nesse laço!

CAPITÃO

Você julga que vou querer me encarregar da filha de um outro se me certificar de sua culpa?

LAURA

Não, disso estou convencida. Daí depreender que há pouco você mentia concedendo-me o seu antecipado perdão.

CAPITÃO (*Levantando-se.*)

Laura, salve-me e à minha razão. Ora, você não está entendendo o que estou dizendo. Se a criança não fôr minha, então não tenho direitos sôbre ela, e nem quero ter nenhum. Não é apenas isto o que você quer? Ou talvez queira mais alguma coisa? Todo o poder sôbre a menina mantendo-me apenas como aquêle que agüenta os gastos da família?

LAURA

Sim, o poder. Em volta do que tem girado tôda esta luta de vida e morte, senão em tôrno do poder?

CAPITÃO

Para mim, que não acredito numa outra vida, a criança era o meu outro mundo. Era a minha idéia de eternidade — a única idéia que talvez tenha alguma ligação com a realidade. Se você a decepar, então minha vida está liquidada.

LAURA

Por que não nos separamos a tempo?

CAPITÃO

Porque a criança era um elo que nos ligava — elo que se tornou uma algema. E como isto veio a acontecer? Como? Nunca refleti sôbre esta questão. Mas agora me surgem recordações acusadoras, e condenadoras, talvez. Estávamos casados há dois anos e não tínhamos nenhum filho, você sabe bem por quê. Eu adoecera e estava à morte. Num momento sem febre, ouvi vozes lá dentro no salão. Eram você e o advogado, falando sôbre o patrimônio que, naquele tempo, ainda tinha. Êle declarou que você nada herdaria, em virtude de não têrmos filhos. Perguntou se você estava grávida. O que lhe respondeu, não ouvi. Curei-me, e tivemos uma filha. Quem é o pai?

LAURA

Você!

CAPITÃO

Não, não sou eu! Há enterrado por aí um crime que começa a cheirar mal. E que crime demoníaco! Aos escravos negros, tiveram a caridade de libertar, mas os brancos ainda existem. Eu trabalhei e penei como um escravo por você e sua filha, por sua mãe, por seus empregados; sacrifiquei carreira e promoções, padeci torturas, insônias e preocupações pela sobrevivência de vocês, até que meus cabelos se tornassem grisalhos; tudo para que você fruísse a alegria de viver despreocupada e, ao envelhecer, gozasse novamente a vida, agora por intermédio de sua filha. Tudo suportei sem queixas, acreditando ser o pai dela. Esta é a forma mais vil de roubo, a mais brutal escravidão. Curti dezessete anos de trabalhos forçados, sendo inocente. E que recompensa você me dá por tudo isto?

LAURA

Agora você está completamente louco!

CAPITÃO (*Sentando-se.*)

É essa a sua esperança! Percebi como trabalhou para dissimular o seu crime. Compadeci-me de você, porque não compreendia o motivo de sua tristeza; muitas vêzes lhe acalentei os remorsos, porque acreditava estar afastando um pensamento doentio. Involuntàriamente eu a ouvi gritar durante o sono. Lembro-me agora da noite do aniversário de Berta, entre duas e três da manhã; eu estava acordado, estudando. Você gritava como se alguém quisesse sufocá-la: "Não venha, não venha!" Bati na parede, porque... porque não queria ouvir mais. Há muito venho alimentando suspeitas, mas sem coragem de ouvi-las confirmadas. Tudo isso sofri por você. E você, o que quer fazer por mim?

LAURA

Que posso fazer! Jurarei por Deus e por tudo quanto me é sagrado que você é o pai de Berta.

CAPITÃO

De que adianta o juramento se antes já afirmou que uma mãe pode e deve cometer tôdas as traições por seu filho? Eu lhe peço, em nome do nosso passado, eu lhe peço como o ferido suplica o golpe de misericórdia: confesse-me tudo. Não me vê indefeso feito uma criança, não ouve como me lamento como se falasse a uma mãe? Você não pode esquecer que sou homem, um soldado que com uma palavra pode domar gente e bichos; peço-lhe apenas compaixão; como um doente. Deponho as insígnias do meu poder e, por minha vida, apelo por clemência.

LAURA (*Aproximando-se dêle e pondo-lhe a mão sôbre a testa.*)

Que é isso! Está chorando, e se diz homem!

CAPITÃO

Sim, choro, apesar de ser um homem. Um homem não tem olhos? Não tem mãos, membros, sentidos, apetites, paixões? Não vive do mesmo alimento, não é ferido pelas mesmas armas, não é aquecido e enregelado pelo mesmo inverno e verão que uma mulher? Se nos espetam, não sangramos? Se nos fazem cócegas, não sufocamos de rir? Se nos envenenam, não morremos? Por que um homem não pode lamentar-se, e um soldado chorar? Porque não é digno de um macho! Mas por que não é digno de um macho?

LAURA

Chore, minha criança, que assim terá sua mãe de nôvo. Lembra-se de que foi primeiramente como segunda mãe que entrei na sua vida? Seu corpo grande e forte não tinha nervos, e você era uma criança grande que, ou veio ao mundo cedo demais ou talvez nem tivesse sido desejada.

CAPITÃO

Sim, foi isso mesmo! Papai e mamãe não me queriam. Por isso nasci sem vontade própria. Julguei que melhorava quando nos tornamos uma só pessoa: daí sempre ser você quem tomava as decisões. E me transformei: eu que na caserna, diante da tropa, era quem comandava, junto de você era quem obedecia; tornei-me seu dependente e olhava-a de baixo para cima, como a um ser mais altamente dotado, ouvindo-a como se fôsse seu filho sem juízo.

LAURA

Sim, era assim naquele tempo, e por isso amava-o como a um filho. Mas deve ter percebido que, cada vez que mudava a natureza dos seus sentimentos — surgindo em você o amante — eu me envergonhava. Seu abra-

ço era para mim um prazer logo sucedido por traumas de consciência, como se o meu sangue se aviltasse nessa hora em que a mãe se tornava a amante!

CAPITÃO

Eu percebia, mas não entendia. E como pensava que seu retraimento resultasse de minha fraqueza, eu, então, queria afirmar-me como homem para conquistá-la como mulher.

LAURA

Eu sei, mas aí é que estava o seu engano. Como mãe eu era sua amiga, compreende, porém como mulher — inimiga: porque o amor entre os sexos é luta. Não pense que me entregava; não dava, mas tomava o que queria. Contudo você alcançava um triunfo, que eu sentia e queria que sentisse.

CAPITÃO

Você sempre foi a triunfante; você conseguia hipnotizar-me, de modo que eu nem enxergava nem ouvia, mas apenas obedecia; podia dar-me uma batata crua e convencer-me de que era um pêssego; ou obrigar-me a admirar suas idéias simplórias como se fôssem geniais ou ter-me levado a crimes, a atos de baixeza. Mas com todo êsse poder, faltou-lhe inteligência para aplicá-lo. Em vez de tornar-se a executora de minhas resoluções, agia conforme sua própria cabeça. Mas um dia, quando caí em mim, e senti feridos os meus brios, quis pôr um ponto final em tudo, recorrendo a um grande gesto, uma façanha, uma descoberta ou até a um suicídio honesto. Pretendi partir para a guerra, mas não obtive autorização. Dediquei-me então à ciência. Agora, quando eu ia estender a mão para colhêr o fruto, você me corta o braço. Agora, desonrado, não posso mais viver: um homem não pode viver sem honra.

LAURA

E uma mulher...?

CAPITÃO

Pode, pois tem os filhos, mas êle não. Porém, nós, como tôda gente, vamos vivendo nossa vida, inconscientes como crianças, cheios de fantasias, sonhos e ilusões, até que um dia despertamos. Mas isto ainda não é nada, o pior é que acordamos com os pés na cabeceira, e quem nos despertou era também um sonâmbulo. As mulheres, quando envelhecem, deixam de ser mulheres e aparecem-lhe pêlos no queixo. Porém, agora, eu me pergunto: e os homens o que ganham ao envelhecer e deixar de ser homens? Os que cantavam de galo não são mais galos, mas capões, e as gordas frangas castradas é que respondem ao seu chamado. Justamente. na hora em que o sol devia nascer, nós nos achamos sentados em pleno luar, entre ruínas, tal como antigamente. O que pensamos fôsse um despertar, não passava de um breve cochilo matinal cheio de sonhos loucos.

LAURA

Você devia ter-se dedicado à literatura, sabe?!

CAPITÃO

Talvez!

LAURA

Bem, agora, estou com sono. Se você tiver outros devaneios, guarde-os para amanhã.

CAPITÃO

Antes, porém, mais uma palavra em tôrno da realidade. Você me odeia?

LAURA

Sim, às vêzes! Quando você se impõe como homem.

CAPITÃO

É como um ódio de raças. Se fôr verdade que descendemos do macaco, deve ter havido pelo menos duas espécies: não nos parecemos em nada.

LAURA

O que quer dizer com isso?

CAPITÃO

Sinto que nesta luta um de nós há de perecer.

LAURA

Quem?

CAPITÃO

O mais fraco, naturalmente!

LAURA

E o mais forte terá razão?

CAPITÃO

Sempre, já que detém o poder!

LAURA

Então eu tenho razão.

CAPITÃO

E já tem o poder?

LAURA

Sim, e poder legal, ao pô-lo amanhã sob curatela.

CAPITÃO

Sob curatela?

LAURA

Sim! E em seguida educo minha filha ao meu belprazer, sem ter de dar ouvidos às suas quimeras.

CAPITÃO

E como vai custear-lhe a educação, quando eu não existir mais?

LAURA

Com a sua aposentadoria!

CAPITÃO (*Avança para ela, ameaçadoramente.*)

Como poderá colocar-me sob curatela?

LAURA (*Tirando uma carta.*)

Baseada nesta carta, cuja cópia fiel está na curadoria.

CAPITÃO

Que carta?

LAURA (*Retira-se, de costas, para a porta esquerda.*)

Uma carta sua! Uma declaração sua ao médico dizendo que está louco!

(*O Capitão a contempla, mudo.*)

LAURA

Você já preencheu sua função de pai, infelizmente indispensável, e de arrimo da família. Agora não é mais necessário, e pode ir embora. Uma vez que não quis ficar aqui e admitir em tempo que minha inteligência é tão forte quanto minha vontade, pode ir embora!

(*O Capitão vai até a mesa; apanha o lampião aceso e atira-o contra Laura, que acaba de retirar-se, de costas.*)

TERCEIRO ATO

O mesmo cenário do ato anterior. Porém, outro lampião. A porta forrada de papel de parede está obstruída por uma cadeira.

CENA PRIMEIRA

(*Laura. A Ama.*)

LAURA

Conseguiu as chaves?

AMA

Conseguir? Não, Deus que me perdoe, tirei-as da roupa do patrão, quando Nöjd a levou para escovar lá fora.

LAURA

Então, hoje é o Nöjd quem está de serviço.

AMA

Sim, é êle mesmo!

LAURA

Dê-me as chaves!

AMA

Aqui estão, mas isso é feito roubo. A senhora está ouvindo os passos dêle lá em cima? Pra lá e pra cá, pra cá e pra lá.

LAURA

A porta está bem fechada?

AMA

Oh, sim! Nem tenho dúvida de que está bem fechada!

LAURA

(*Abre a escrivaninha, sentando-se à tampa.*) Domine os seus sentimentos, Margret. Trata-se agora de ter calma e tentar salvar a todos nós. (*Alguém bate à porta.*) Quem é?

AMA

(*Abre a porta da saleta de entrada.*) É o Nöjd!

LAURA

Faça-o entrar!

NÖJD (*Entrando.*)

Carta do Coronel!

LAURA

Dê-me! (*Lê.*) Aham! Nöjd, você já tirou todos os cartuchos que havia nos fuzis e nas mochilas?

NÖJD

Já o fiz, conforme mandou.

LAURA

Então espere lá fora, até eu responder à carta do Coronel. (*Nöjd sai. Laura escreve.*)

AMA

Escute, patroa! Que será que êle está fazendo agora lá em cima?

LAURA

Fique quieta, que estou escrevendo! (*Ouve-se o barulho de algo sendo serrado.*)

AMA (*À meia-voz, consigo mesma.*)

Ah, que Deus, em sua misericórdia, nos ajude! Como irá acabar tudo isto?

LAURA

Pronto, pronto, entregue isto ao Nöjd! Minha mãe não pode saber de nada do que se passa! Veja lá o que faz, hem!

(*A Ama vai até a porta. Laura abre as gavetas da escrivaninha, tirando papéis.*)

CENA SEGUNDA

(*Laura. O Pastor apanha uma cadeira, sentando-se ao lado de Laura à escrivaninha.*)

PASTOR

Boa noite, irmã. Estive fora o dia inteiro, como sabe, e só cheguei agora. Aqui aconteceram coisas dolorosas.

LAURA

Sim, irmão, nunca vivi antes uma noite e um dia assim.

PASTOR

Mas, seja lá como fôr, você nada sofreu.

LAURA

Não, graças a Deus, mas imagine o que poderia ter acontecido.

PASTOR

Sei. Porém, diga-me uma coisa: como foi que tudo começou? Já ouvi tantas versões diferentes!

LAURA

Começou com a louca fantasia de que não era o pai de Berta, e acabou quando atirou o lampião aceso contra meu rosto.

PASTOR

É terrível! É loucura declarada! E agora o que vamos fazer?

LAURA

Precisamos tentar impedir novas violências. O médico já mandou buscar uma camisa-de-fôrça no hospício. Nesse meio-tempo, mandei avisar o Coronel, e estou procurando colocar-me a par dos negócios da casa, por êle lamentàvelmente descuidados.

PASTOR

É uma história triste, mas sempre esperei que acontecesse qualquer coisa parecida. Afinal, dois bicudos não se beijam! Que é que tem aí na gaveta?

LAURA (*Acaba de abrir uma gaveta da escrivaninha.*)
Veja o que êle escondeu aqui!

PASTOR (*Rebusca a gaveta.*)

Santo Deus! Guardou a sua boneca; a sua touca de batismo; o chocalho de Berta; as suas cartas; o medalhão... (*Enxuga os olhos.*) Apesar de tudo, êle lhe deve ter amado muito, Laura. Eu não guardei nada dessas coisas!

LAURA

Acredito que antigamente me amasse, mas o tempo, o tempo modifica tanto as coisas!

PASTOR

Que documento é êsse? — A escritura do túmulo? — Sim, certamente, é preferível o túmulo ao hospício! Laura, diga-me: você não tem mesmo nenhuma culpa?

LAURA

Eu? Que culpa tenho de que uma pessoa enlouqueça?

PASTOR

Bem, bem! Não vou dizer nada. Seja como fôr, o sangue fala mais alto!

LAURA

O que é que você está pretendendo insinuar?

PASTOR (*Fita-a firme.*)

Escute aqui!

LAURA

Pois não!

PASTOR

Escute aqui! Afinal de contas, você não pode negar que o que aconteceu corresponde aos seus desejos de se responsabilizar pela educação de sua filha.

LAURA

Não sei aonde quer chegar.

PASTOR

Como a admiro!

LAURA

A mim! Hum!...

PASTOR

E pensar que serei o curador dêsse livre-pensador! Sabe, sempre o considerei como uma erva daninha em nosso campo!

LAURA (*Com um riso breve e abafado; em seguida, sùbitamente séria.*)

E você tem coragem de me fazer essa revelação a mim, a sua espôsa?

PASTOR

Você está se mostrando forte, Laura! Incrìvelmente forte! Como a rapôsa na armadilha: prefere amputar a

própria perna com as prêsas a deixar-se aprisionar. — Como um ladrão experimentado: sem nenhum cúmplice, nem mesmo a sua própria consciência. Olhe-se no espelho! Você não tem coragem de fazê-lo!

LAURA

Eu nunca uso espelho!

PASTOR

Não, você não tem coragem! Deixe-me ver-lhe a mão! — Nenhuma traiçoeira mancha de sangue, nenhum traço revelador do veneno. Um pequeno assassinato inocente, que não pode ser enquadrado pela lei; um crime inconsciente... Inconsciente? Que estupenda artimanha! Está ouvindo como êle trabalha lá em cima? Cuidado, se aquêle homem se soltar, êle acaba com você.

LAURA

Você fala demais, como se tivesse a consciência pesada. Acuse-me, se puder!

PASTOR

Não posso.

LAURA

Está vendo? Você não pode, e por isso estou inocente! Agora trate do seu curatelado, que eu cuidarei da minha parte! Aí vem o médico!

CENA TERCEIRA

(*Os mesmos. O Doutor.*)

LAURA (*Levantando-se.*)

Seja bem-vindo, Doutor. O senhor, pelo menos, quer me ajudar, não é? Mas aqui, infelizmente, não há muito

o que fazer. Está ouvindo como êle esbraveja lá em cima? Está convencido agora?

DOUTOR

Estou convencido de que houve um ato de violência, mas resta saber se deve ser considerado como um acesso de ira ou de loucura!

PASTOR

Esqueça o acesso por enquanto e reconheça que padecia de idéias fixas.

DOUTOR

Acho que suas idéias, Sr. Pastor, são mais fixas ainda.

PASTOR

Minhas opiniões firmadas quanto às coisas supremas...

DOUTOR

Deixemos as opiniões! Minha senhora, depende da senhora considerar seu marido passível de prisão e multas, ou de internamento num hospício! Que diz do comportamento do Capitão?

LAURA

Ainda não lhe posso dar resposta.

DOUTOR

Quer dizer que ainda não formulou um juízo sôbre o que é mais vantajoso para os interêsses da família? E o que pensa o senhor, Pastor?

PASTOR

Bem, haverá escândalo em qualquer das situações... Não é fácil decidir.

LAURA

Mas se condenado apenas a multas por violências, êle poderá renovar a violência.

DOUTOR

E se fôr para a prisão, será sôlto em pouco tempo. Isto significa que consideramos mais vantajoso, para tôdas as partes, que desde já seja tratado como demente. Onde está a Ama?

LAURA

O que quer dela?

DOUTOR

A um sinal meu ela deverá colocar-lhe a camisa-de-fôrça. Mas só depois que eu tiver conversado com êle, não antes! Eu tenho a... indumentária lá dentro! (*Vai até a saleta de entrada, voltando com uma grande trouxa.*) Faça o favor de chamar a Ama!

(*Laura toca a sinêta.*)

PASTOR

Horrível, horrível!

(*A Ama entra.*)

DOUTOR (*Exibe a camisa.*)

Agora, preste atenção! O que pretendo é que você, quando eu julgar oportuno, enfie sorrateiramente — e

por trás — esta camisa no Capitão. É para evitar acessos de violência. Como vê, a peça tem mangas exageradamente compridas, e são amarradas nas costas, para tolher os movimentos. Aqui, duas correias correm através de fivelas. Você as prenderá, em seguida, aos braços da cadeira ou do sofá, conforme fôr conveniente. Está disposta a fazer isto?

AMA

Não, Sr. Doutor, não posso, eu não posso.

LAURA

Por que o senhor mesmo não o faz, Doutor?

DOUTOR

Porque o doente desconfia de mim. A senhora é quem seria a pessoa mais indicada para a manobra, mas receio que também desconfie da senhora.

(*Laura faz uma careta.*)

DOUTOR

Talvez o senhor, Pastor.

PASTOR

Não, eu me recuso!

CENA QUARTA

(*Os mesmos. Nöjd.*)

LAURA

Você já entregou a carta?

NÖJD

Executei a ordem!

DOUTOR

Ah, o Nöjd! Você conhece a situação, sabe que o Capitão está louco. Precisa ajudar-nos a cuidar do doente.

NÖJD

Se eu puder fazer algo em favor do Capitão, êle sabe que pode contar comigo.

DOUTOR

Você vai colocar-lhe esta camisa...

AMA

Não, êle não deve tocá-lo; não podem deixar que o Nöjd o magoe. Então prefiro eu mesma fazê-lo, devagar, bem devagarinho. Mas o Nöjd pode ficar por perto para me ajudar, se fôr preciso... É, é o que êle deve fazer.

(*Alguém bate na porta revestida de papel de parede.*)

DOUTOR

Aí vem êle. Esconda a camisa debaixo do seu xale, aí na cadeira, e saiam todos por enquanto. Eu e o pastor vamos recebê-lo. Aquela porta não resistirá por muito tempo. Vamos, saiam!

AMA (*Sai pela esquerda.*)

Que Nosso Senhor Jesus Cristo nos ajude!

(*Laura fecha a escrivaninha; depois sai, pela esquerda. Nöjd retira-se pelos fundos.*)

Cena Quinta

(A porta revestida de papel é aberta por um golpe de modo que a cadeira é atirada para longe no chão e a fechadura se rompe. Entra o Capitão com uma pilha de livros debaixo do braço. O Doutor e o Pastor.)

Capitão (*Coloca os livros sôbre a mesa.*)

Tudo está escrito aqui, em todos êstes livros. Portanto, eu não estava louco! Aqui diz, na *Odisséia*, primeiro canto, verso 215, pág. 6, na tradução upsaliense. É Telêmaco quem fala a Atenas: "Minha mãe afirma que êle — refere-se a Ulisses — é o meu pai; mas eu próprio não o sei, pois ninguém até agora conhece a sua própria origem". E Telêmaco levanta essa suspeita, a respeito de Penélope, a mais virtuosa das mulheres! Bonito, hem? Agora é o profeta Ezequiel: "O tolo diz: eis meu pai, mas quem pode saber de quem são as ancas que o geraram?" Então, está claro! Que obra é esta? A história da literatura russa de Merslekow: "Alexandre Puskin, o maior poeta da Rússia, morreu antes torturado pelos rumôres sôbre a infidelidade de sua mulher do que por causa da bala que lhe atingiu o peito num duelo. No leito de morte, ainda jurava que ela era inocente". Idiota! Idiota! Como é que podia jurar por ela? Agora, como percebem, são essas coisas que leio nos meus livros! — Ora vejam só! Jonas está aqui! E o doutor, também! Vocês já sabem o que respondi a uma senhora inglêsa que se queixava de que os irlandeses costumam atirar lampiões de querosene acesos na cara de suas mulheres? — "Mas, por Deus, em que mulheres?", perguntei. — "Mulheres" — respondeu, na sua fala estropiada. — "Sim, naturalmente!" — exclamei. Quando um homem — um homem que amou e adorou alguma mulher — chega ao extremo de apanhar um lampião aceso e jogá-lo em seu rosto, pode-se lá saber o motivo?!

Pastor

Que é que se pode saber então?

Capitão

Nada! Não sabemos nada, nunca, a gente apenas crê, não é, Jonas? A gente crê e fica em estado de graça. Pois sim! Não, eu sei: a fé pode levar-nos à danação! Sim, isso eu sei.

Doutor

Sr. Capitão!

Capitão

Cale-se! Não quero falar com o senhor; nem ouvi-lo repetindo o que se diz lá dentro! Lá dentro, o senhor sabe. Escute, Jonas, você acredita que seja o pai de seus filhos? Eu me lembro de que vocês tinham em casa um preceptor de cara bonita e do qual o povo falava.

Pastor

Adolf! Cuidado!

Capitão

Apalpe embaixo da peruca, para ver se não tem aí duas protuberâncias. Ora, por minha alma, não é que êle está empalidecendo! Sim, sim, os outros só falam, mas, meu Deus, como falam! Na verdade nós, os maridos, somos mesmo umas figuras ridículas. Não é verdade, Sr. Doutor? Que me diz do seu leito conjugal? Não havia um tenente em sua casa, hem? Espere um pouco, que já vou adivinhar. Êle se chamava... (*Cochicha ao ouvido do Doutor.*) Vejam só, êle também empalideceu! Mas não fique triste. Afinal, ela está morta e enterrada, e o que está feito não pode ser desfeito. Eu, porém, o

conhecia, e êle agora é — olhe para mim, Doutor! Não, bem nos olhos!... — major nos dragões! Por Deus, não é que êle também tem chifres!

DOUTOR (*Magoado.*)

Sr. Capitão, faça o favor de mudar de assunto.

CAPITÃO

Estão vendo? Êle agora quer mudar de conversa, quando eu quero falar sôbre chifres!

PASTOR

Sabe, meu irmão, você está louco.

CAPITÃO

Estou, claro que estou. Mas se me fôsse dado cuidar, durante algum tempo, de suas testas enfeitadas, então eu também poderia interditá-los. Estou louco, sim, mas como foi que enlouqueci? Mas isso não é da conta de vocês, não é da conta de ninguém! Agora vocês querem falar de outra coisa? (*Apanha o álbum de fotografias da mesa.*) Por Deus, eis minha filha! Minha? Ora, como podemos ter certeza? E o que devemos fazer para ter certeza? Primeiro, casarmo-nos, para obter estado social; depois, nos separarmos e nos amasiarmos; e depois, adotarmos crianças. Nesse caso, pelo menos, havia a certeza de que os filhos eram adotivos. Não está correto? Porém, de que me adianta tudo isto agora? De que me valem ciência e filosofia, se não tenho razão de viver? Que posso fazer com a vida, quando me falta a honra? Enxertei em outro tronco meu braço direito, metade do meu cérebro, metade de minha medula, crendo que, unidos, fôssem crescer juntos e se fundir numa só e mais perfeita árvore. Mas, de repente, surge alguém com uma faca e corta no exato lugar do enxêrto, e me torno apenas meia árvore. A outra parte, no entanto,

continua crescendo com meu braço e a metade de meu cérebro, ao passo que eu definho e morro, pois ofertei o que de melhor havia em mim. Agora quero morrer! Façam comigo o que quiserem. Eu já não existo mais.

(*O Doutor cochicha com o Pastor; ambos vão para o apartamento à esquerda; pouco depois entra Berta.*)

CENA SEXTA

(*Capitão. Berta. O Capitão está sentado à mesa, prostrado.*)

BERTA (*Dirigindo-se até êle.*)

Você está doente, papai?

CAPITÃO (*Levantando os olhos, apático.*)

Eu?

BERTA

Você sabe o que fêz? Sabe que atirou o lampião na mamãe?

CAPITÃO

Eu fiz isso?

BERTA

Sim, fêz! Imagine se ela tivesse se machucado?

CAPITÃO

Que importância teria?

BERTA

Se você continuar falando assim, não é meu pai!

CAPITÃO

Que é que está dizendo? Eu não sou seu pai? Como é que sabe? Quem lhe disse isso? Quem é seu pai então? Quem?

BERTA

Bem, não será você, pelo menos!

CAPITÃO

Continua não sendo eu! Quem é, então, quem? Você parece bem informada. Quem a informou? Eu tinha de passar por isto; que a minha filha viesse me lançar à cara que não sou seu pai! Mas você não percebe que dessa forma está ofendendo sua mãe? Não compreende que, se assim fôr, a vergonha é dela?

BERTA

Não diga nada contra mamãe, ouviu?

CAPITÃO

Não, vocês estão unidas, tôdas unidas contra mim! E foi sempre assim!

BERTA

Papai!

CAPITÃO

Não use mais essa palavra!

BERTA

Papai, papai!

CAPITÃO (*Puxa-a de encontro a si.*)

Berta, querida, amada criança, você é minha filha! Sim, sim, não pode deixar de ser. É, sim! O resto são apenas pensamentos doentios trazidos pelo vento, como a peste e as febres. Olhe bem para mim, para que possa ver minha alma nos seus olhos! — Mas vejo também a alma dela! Você tem duas almas: com uma me ama, e me odeia com a outra. Mas você deve amar sòmente a mim, ter apenas uma alma, senão nunca terá paz, e nem eu tampouco. Ter um só pensamento, filho do meu, uma só vontade — a minha.

BERTA

Não quero! Quero ser eu mesma.

CAPITÃO

Mas não pode! Sabe, sou um canibal e quero devorá-la. Sua mãe quis devorar-me, mas não conseguiu. Sou Saturno, que comeu seus próprios filhos, pois lhe haviam predito que, se não o fizesse, por êles seria comido. Devorar ou ser devorado: eis a questão! Se não a devorar, você me devora. E você já me arreganhou os dentes. Mas não tenha mêdo, minha filha querida, não lhe causarei nenhum dano! (*Vai até a coleção de armas e apanha um revólver.*)

BERTA (*Tenta escapar.*)

Socorro, mamãe, socorro, êle quer me assassinar!

AMA (*Entrando.*)

Seu Adolf, que é que está fazendo?

CAPITÃO (*Examinando o revólver.*)

Você tirou as balas?

AMA

Sim, guardei-as durante a arrumação. Mas sente-se aqui e fique sossegado, que vou trazê-las de nôvo. (*Pega O Capitão pelo braço, sentando-o na cadeira, onde êle se deixa ficar apático. A seguir, apanha a camisa-de-fôrça, colocando-se atrás da cadeira. Berta sai sorrateiramente pela esquerda.*)

AMA

Seu Adolf, o senhor se lembra de quando era o meu menininho querido, e o cobria à hora de deitar-se e lhe rezava o "Deus, que ama..."? Lembra-se de que levantava de noite para lhe dar de beber? Ou de que, quando o senhor tinha maus sonhos, que não o deixavam dormir, eu acendia a luz e lhe contava bonitas histórias? Lembra-se disso tudo?

CAPITÃO

Continue falando, Margret, até que minha cabeça se acalme. Fale mais!

AMA

Falo, sim, mas o senhor tem de me prestar atenção. Se lembra de uma vez que surrupiou o facão de cozinha para talhar barcos, e tive de tapeá-lo para reaver o facão? O senhor era uma criança sem juízo e não acreditava que a gente lhe queria bem. Por isso a gente tinha de enganá-lo. "Me dá essa cobra" — eu falei —, senão ela morde!" Só assim o senhor largou a faca! (*Tira o revólver da mão do Capitão.*) E daquela vez em que não queria se vestir? Ah! eu tive de usar de astúcia, e dizer que o senhor ia ganhar um casaco de ouro e andar vestido como um príncipe. Então peguei o coletinho de lã verde, e o segurei pelo peito, mandando: "Zás, enfia os dois braços!" E depois lhe pedia: "Agora fique bem quietinho e bonitinho, enquanto o abotôo nas costas". (*Ela acaba por conseguir enfiar-lhe a camisa-de-fôrça.*) Em seguida eu dizia: "Agora se levante, e dê uma voltinha, pra eu ver como é que ficou... (*Ela o conduz até o sofá.*) E por fim eu falei: "Agora você tem de se deitar.")

CAPITÃO

O que foi que você disse? Estava vestido e tinha de deitar-me?!... Maldição! O que é que você fêz comigo? (*Tenta livrar-se.*) Ah, astuciosa mulher do diabo! Quem havia de pensar que você fôsse tão esperta! (*Deita-se no sofá*). Manietado, enganado, e sem meios de morrer!

AMA

Me perdoa, Seu Adolf, me perdoa! Eu só queria impedir o senhor de matar a menina!

CAPITÃO

Por que não me deixou matá-la? Se a vida é o inferno, e a morte o reino do céu, é ao céu que as crianças pertencem!

AMA

O que sabe o senhor sôbre o que vem depois da morte?

CAPITÃO

A morte! É a única coisa de que se tem certeza, pois da vida nada se sabe! Oh, se soubéssemos disso desde o início!

AMA

Seu Adolf! Amoleça o seu duro coração e peça clemência a Deus, que nunca é tarde demais. Não foi tarde demais para o ladrão na cruz, quando o Salvador disse: "Hoje estarás comigo no Paraíso!"

CAPITÃO

Você já está querendo um cadáver, velha hiena!

(*A Ama tira o livro de hinos do bôlso.*)

CAPITÃO (*Grita.*)

Nöjd! Nöjd, você está aí!?

(*Nöjd entra.*)

CAPITÃO

Ponha para fora essa mulher! Ela quer sufocar-me com o incenso dêsse livro de hinos religiosos. Jogue-a pela janela, ou pela chaminé, ou por qualquer outra parte!

NÖJD (*Olha para a Ama.*)

Desejo do fundo do coração que Deus guarde o senhor, Capitão! Mas não posso! Não posso mesmo! Se fôssem seis homens, mas uma mulher...

CAPITÃO

Você não dá conta de uma mulher, hem?

NÖJD

É lógico que dou. Mas há qualquer coisa de excepcional que impossibilita a gente de erguer a mão contra uma mulher.

CAPITÃO

Que é que há de excepcional? Elas não se ergueram contra mim?

NÖJD

É verdade, Sr. Capitão, mas eu não posso. É como se o senhor me pedisse para bater no Pastor. Está na alma da gente como religião. Eu não posso!

CENA SÉTIMA

(*Os mesmos. Laura faz sinal com a mão para Nöjd sair.*)

CAPITÃO

Onfale! Onfale! Agora manejas a clava, enquanto Hércules fia a lã!

LAURA

Adolf! Olhe para mim. Acredita que sou sua inimiga?

CAPITÃO

Sim, acredito. Acredito que vocês tôdas são minhas inimigas! Minha mãe — que não me queria no mundo, porque eu seria parido com dor — era minha inimiga quando me privou de seu alimento, a minha primeira semente de vida, e fêz de mim um semi-aleijado. Minha irmã era minha inimiga ao incutir-me que a ela me sujeitasse. A primeira mulher que possuí era minha inimiga, ao dar-me dez anos de doença em troca do amor que lhe dediquei. Minha filha tornou-se minha inimiga quando foi obrigada a escolher entre nós dois. E você,

minha mulher, você é minha inimiga mortal, pois não sossegou enquanto não me viu prostrado sem vida.

LAURA

Não creio que jamais tenha concebido ou desejado tudo isso de que está me acusando. Pode ser até que me tenha dominado uma indefinida vontade de afastá-lo como se afasta um obstáculo. Mas, se teima em ver na minha conduta um plano premeditado, então admitirei a possibilidade que tenha existido, embora dêle não me apercebesse. Nunca refleti sôbre os acontecimentos, que deslizaram sôbre os trilhos que você mesmo colocou. Diante de Deus e de minha consciência, sinto-me inocente, mesmo que não o seja. Sua vida tem sido para mim como uma pedra sôbre o meu coração, que o oprimia cada vez mais, até que êle buscou livrar-se do pêso sufocante. Foi isso que se passou. Se por acaso e sem querer o feri, peço-lhe perdão.

CAPITÃO

Sim, deve ter sido assim! Mas de que me adianta saber? E de quem é o êrro? Talvez do casamento espiritual? Antigamente casávamos com uma espôsa. Agora estabelecemos uma sociedade comercial, ou nos juntamos com uma amiga. Em seguida deitamos com a sócia e profanamos a amiga. Onde o amor, o amor sadio, sensual? Morreu com essa transformação. E que descendência, a dêsse amor feito de ações ao portador, sem responsabilidade solidária! Quando sobrevém a falência, quem é o detentor das ações? Quem é o pai físico do filho espiritual?

LAURA

Suas suspeitas sôbre a menina são inteiramente infundadas.

CAPITÃO

Mas justamente isso é que é o terrível! Se ao menos tivessem fundamento, então haveria algo em que segurar, uma coisa a alegar. Agora são apenas sombras que se escondem entre os arbustos e só aparecem quando zombam pondo a cabeça para fora. Agora é como brigar contra o ar, dar tiros de festim com pólvora sêca. Uma realidade indiscutível teria provocado resistência, retesado vida e alma para a ação, mas agora... os pensamentos se dissolvem em névoas e o cérebro mói o vazio até estourar! Ponha um travesseiro embaixo da minha cabeça, e me cubra que estou com frio! Estou com muito frio!

(*Laura pega seu xale e cobre-o. A Ama sai para buscar um travesseiro.*)

LAURA

Dê-me sua mão, meu amigo!

CAPITÃO

Minha mão! Que você a atou nas costas... Onfale! Onfale! No entanto, sinto seu xale macio em minha bôca; é tão môrno e macio quanto seu braço, e cheira a baunilha como seu cabelo quando você era môça; Laura, quando você era môça, e nós andávamos no bosque de bétulas, cheio de flôres amarelas e melros... era maravilhoso! Veja como a vida já foi bela, e no que deu. Você não queria que acabasse assim, nem eu tampouco, e no entanto acabou dêsse jeito. Quem é que governa a vida então?

LAURA

Só Deus a governa...

CAPITÃO

O deus da luta, certamente. Ou então a deusa! Tira êsse gato que está deitado em cima de mim! Tire-o já daqui!

(*A Ama entra com o travesseiro, tira o xale.*)

CAPITÃO

Dê-me meu sobretudo! Jogue-o sôbre mim!

(*A Ama tira o sobretudo do cabide, colocando-o sôbre êle.*)

CAPITÃO

Ah, a minha dura pele de leão, que você queria me arrancar. Onfale! Onfale! Você, mulher astuciosa que, amiga da paz, inventou o desarmamento. Desperta, Hércules, antes que te tirem a clava! Você quer nos furtar também a armadura, e fingiu pensar que era apenas uma bugiganga. Não, antes de tornar-se bugiganga, era ferro. Antigamente era o ferreiro que forjava a armadura, mas agora é a bordadeira! Onfale! Onfale! A fôrça bruta sucumbiu diante da sorrateira fraqueza. Tenho nojo de ti, mulher de Satanás, e maldito seja o teu sexo! (*Êle se levanta para cuspir, mas recai sôbre o sofá.*) Que espécie de travesseiro você me deu, Margret! Está tão duro e tão frio, tão frio! Venha sentar-se aqui a meu lado na cadeira. Assim. Deixe-me deitar a cabeça no seu colo. Pronto! — Está quente. Incline-se sôbre mim para que eu sinta o seu peito. — Oh, é doce adormecer junto a um peito de mulher, seja o da mãe ou o da amante; mas o mais doce é o da mãe!

LAURA

Quer ver sua filha, Adolf? Diga!

CAPITÃO

Minha filha? Um homem não tem filhos. Sòmente as mulheres os têm. Por isso o futuro é delas, enquanto nós morremos sem filhos. Oh, Deus que ama as crianças!

AMA

Ouça, êle está invocando Deus!

CAPITÃO

Não, invoco por você, para que me faça adormecer, pois estou cansado, muito cansado! Boa noite, Margret, e bendita seja você entre as mulheres! (*Êle se levanta, mas cai com um grito no colo da ama.*)

CENA OITAVA

(*Laura sai à esquerda para chamar o Doutor, que entra com o Pastor.*)

LAURA

Ajude-nos, doutor, se não fôr tarde demais! Veja, êle já não respira!

DOUTOR (*Examinando o pulso do doente.*)

Enfarte!

PASTOR

Está morto?

DOUTOR

Não, ainda pode voltar a si, mas para que espécie de vida, não o sabemos.

PASTOR

Uma vez morto, vem o juízo...

DOUTOR

Nenhum juízo e nenhuma acusação! O senhor, que acredita num Deus que guia o destino dos homens, falará com Êle sôbre êste caso.

AMA

Ah, Seu Pastor, êle chamou por Deus no último momento!

PASTOR (*Para Laura.*)

É verdade?

LAURA

É verdade!

DOUTOR

Se foi assim ou não, não posso julgar; como também não pude descobrir a causa da doença. Portanto, acabou-se minha arte. Tente agora as suas, Sr. Pastor.

LAURA

É tudo quanto tem a dizer diante dêste leito de morte, Sr. Doutor?

DOUTOR

É tudo. Que diga mais quem saibà mais do que eu!

BERTA (*Entra da esquerda, corre até a mãe.*)

Mamãe, mamãe!

LAURA

Minha filha! Sòmente minha!

PASTOR

Amém!